

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Alexandre Luiz Greco

UMA MANOBRA INSURGENTE:
a produção e a democratização da cidade pela comunidade skatista em
Uberlândia/MG.

UBERLÂNDIA/MG
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

UMA MANOBRA INSURGENTE:
a produção e a democratização da cidade pela comunidade skatista em
Uberlândia/MG.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e
Design.

Linha de Pesquisa 1. Arquitetura e Cidade:
teoria, história e conservação.

Núcleo de Pesquisa: Cultura urbana na
situação construída contemporânea: o
projeto Arte na Praça (Sérgio Pacheco),
Uberlândia e a prática do skateboarding no
galpão abandonado da “Casa Uberlândia”.

Mestrando: ALEXANDRE LUIZ GRECO

Orientador: Prof. Dr. LUIZ CARLOS DE LAURENTIZ

UBERLÂNDIA/MG
2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G791 2024	Greco, Alexandre Luiz, 1977- UMA MANOBRA INSURGENTE: [recurso eletrônico] : a produção e a democratização da cidade pela comunidade skatista em Uberlândia/MG. / Alexandre Luiz Greco. - 2024. Orientador: Prof. Dr. LUIZ CARLOS DE LAURENTIZ. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.691 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Arquitetura. I. LAURENTIZ, Prof. Dr. LUIZ CARLOS DE, O -, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título. CDU: 72
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 11, Sala 234 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4433 - www.ppgau.faued.ufu.br - coord.ppgau@faued.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Arquitetura e Urbanismo				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGAU				
Data:	dezoito de novembro de 2024	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12222ARQ001				
Nome do Discente:	Alexandre Luiz Greco				
Título do Trabalho:	UMA MANOBRA INSURGENTE: a produção e a democratização da cidade pela comunidade skatista em Uberlândia/MG.				
Área de concentração:	Projeto, Espaço e Cultura				
Linha de pesquisa:	Arquitetura e Cidade: teoria, história e conservação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cultura Urbana na situação construída contemporânea: O projeto Arte na Praça (Praça Sérgio Pacheco, Uberlândia/MG) e a prática do <i>skateboarding</i> no Galpão abandonado da "Casa Uberlândia".				

Reuniu-se de forma híbrida com transmissão pela plataforma Mconf-RNP, em conformidade com a PORTARIA nº 36, de 19 de março de 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, assim composta: Milton Esteves Júnior - PPGA - UFES, Adriano Tomitão Canas - PPGAU.FAUeD.UFU e Luiz Carlos de Laurentiz (Orientador(a)) - PPGAU.FAUeD.UFU orientador do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos de Laurentiz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/11/2024, às 08:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Tomitão Canas, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/11/2024, às 17:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Luiz Greco, Usuário Externo**, em 23/11/2024, às 20:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MILTON ESTEVES JUNIOR, Usuário Externo**, em 05/12/2024, às 08:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5882441** e o código CRC **F88BD39D**.

Agradecimentos

Gratidão é aquela nau que navega entre os anos e une o passado ao presente. Obrigado Prof. Dr. Luiz Carlos (Lu) de Laurentiz, meu orientador, por sempre jogar Luz.

Agradeço ao Prof. Dr. Adriano Canas (FAUeD), pela convivência na graduação, leituras críticas e sugestões. Ao Prof. Dr. Milton Esteves (PPGAU-UFES) pelos apontamentos preciosos.

Agradeço aos professores(as) que somaram na minha caminhada dentro e fora da Universidade: Alex Miyoshi, Beatriz Cappello, Beatriz Rauscher, Beatriz Soares, Glaucococozza, Heliana Ometto Nardin, Kássia Borges, Maria Eliza Guerra, Marco Andrade, Patricia P. Ribeiro, Simone Barbosa Villa, Tatiana Ferraz, Valéria Cristina e Yacy Ara Froner. Nunca se apaga.

Aos colegas do NEURB (Núcleo de Estudos Urbanos) e do NUTHAU (Núcleo de Pesquisa em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) e [MORA] Pesquisa em Habitação. O cotidiano possibilitou a construção e a consolidação de amizades que transbordam o universo acadêmico.

É especial reconectar com antigas amigas da graduação, um beijo e um queijo para meus queridos Julio Cesar Lavrador Andreo e Helga Canedo Tavares.

Também fica registrado um *salve grandão* aos queridos interlocutores que, além de me auxiliarem a enxergar *a cidade dissidente*, somaram mais do que vivências etnográficas. Angelina (FoxClub), Alan Dante, André Barcelos, Beto (FoxClub), Caio Cruz, Cat, Anderson Choque, Bruno Banha, Cat, Daniel, Diego Alcântara (Haribol!♥), Douglas Torquato, Fabrício Futrica, Felipe Biscoito, Felipe Ferreira Marques, Fernando Sekim, o Filho da Bruxa, Gê Sousa, Guilherme Gui, Gustavo Guz, Gustavo Silva, Harleson Martinelli, Helena Ferreira, Isaías, Italo Dezotti, Jack Mullinkosson, João (FoxClub), Julia, Júnior (FoxClub), Lana, Leandro Paju, Luiz Gustavo, Mabel, Marcelo Mug, Marcelo Urias, Maria Carolina, Michelle Rabelo, PV (FoxClub), Reizin, Ricardo Porva, Roberto Camargos, Rosemário Souza, Tiago Takao, Yuri Massoquetti, Yuri Ramos e Yuriko Akamine.

Obrigado a todas e todos que somam.

Nata skateboarding, Instituto Viva Íris, Temrolê, Pollen. No caminho do Bem.

Resumo

A prática do skate de rua em Uberlândia, é um agente participativo da produção da cidade e da democratização dos seus espaços públicos. A comunidade skatista, sistematicamente parte para a produção dos seus próprios lugares, os *picos*. Essa produção é feita pelo agenciamento construtivo chamado *D.I.Y.*, no termo nativo. O termo nativo *D.I.Y.* (se pronuncia em inglês e é a abreviação para *do it yourself*) e está presente nos diálogos, narrativas e depoimentos da comunidade. O *D.I.Y.* toma partido de oportunidades e situações já existentes na cidade para a produção de uma rede de lugares, criando uma veladura dissidente no tecido urbano. Cada agente da comunidade é portador de uma micro-história que reflete formas de resistência mais ou menos implicadas num confronto que envolve disputas de sentido e questionamentos de representações hegemônicas.

Surfar a cidade opera em várias camadas de ação | intervenção | ocupação urbana. A sobreposição dessas camadas, cria uma paisagem dissidente onde a performance corporal coletiva com um *skateboard* corre contra a segregação espacial e evidencia a multiplicidade de relações estabelecidas pela comunidade skatista na cidade.

Essa cidade dissidente evoca o eventual e precário acesso ao espaço urbano como um ensaio à *utopia do direito à cidade* (LEFEBVRE, 1968), por meio de poéticas marginais e libertárias.

Palavras chave: Skate de rua; Uberlândia; Galpão-DIY; Direito à cidade; Ocupações urbanas.

Abstract

The practice of street skateboarding in Uberlândia is the agent in the production of the city and the democratization of its public spaces. The skateboarding community systematically engages in creating its own spaces, known as *picos*. This production is carried out through a constructive agency referred to as *D.I.Y.* (an abbreviation for *do it yourself*), a term rooted in the community's dialogues, narratives, and testimonials. The *D.I.Y.* approach takes advantage of existing opportunities and situations in the city to create a network of places, overlaying the urban fabric with a dissident layer. Each member of the community carries a micro-history that reflects forms of resistance, more or less directly engaged in a confrontation of competition over symbolic social values and challenges to seize control of the symbols.

Surfing the city happening across multiple layers of action | intervention | urban. The overlap of these layers generates a dissident landscape. The collective bodily performance with a skateboard opposes spatial segregation and highlights the multiplicity of relationships established by the skateboarding community with the city. This dissident city call up the seldom and poor access to urban space as a draft for *the utopia of the right to the city* (LEFEBVRE, 1968), expressed through marginal and libertarian poetics.

Keywords: Street skateboarding; Uberlândia; DIY Spots; Right to the City; Urban Occupations.

Lista de figuras

Figura 01	Fotografia dos escombros do (antigo) GALPÃO-DIY, 2023	17
Figura 02	Porto seco/silo (CASEMG) abandonado no distrito industrial da cidade de Uberlândia/MG em 1998.....	18
Figura 03	Etnografia do primeiro <i>DIY</i> no porto seco/silo (CASEMG), 2023.....	19
Figura 04	Única porta de entrada do (antigo) Galpão-DIY, Uberlândia/MG, 2020.....	28
Figura 05	Conteúdo do Caderno de Campo. Diagrama formativo e compartilhamento informação, 2022.....	29
Figura 06	Registro da ocupação temporária do <i>pico da borda da drogasil</i> , 2023.....	31
Figura 07	Diagrama formativo usado como referência estrutural. <i>LabIt - Intervenções Temporárias o Rio de Janeiro</i> , 2018. Prof ^a . Dr ^a . Adriana Sansão.....	33
Figura 08	<i>Pico elástico. Gap do pico</i> da Prefeitura de Uberlândia/MG, 2014.....	36
Figura 09	Confraternização no pico Galpão-DIY. A Batalha de Rima, 2023.....	37
Figura 10	Confraternização no pico Galpão-DIY. Instituto Viva Íris, 2023.....	38
Figura 11	QR Code com o link direcionado para o vídeo <i>III Desafio de rua CemporcentoSKATE</i> , 2003.....	40
Figura 12	<i>Pico plástico. Praça Tibery-DIY</i> . Uberlândia/MG, 2022.....	41
Figura 13	<i>Desafio de Rua - on the road</i> 2022, no <i>Pico Tibery-DIY</i>	42
Figura 14	Base do diagrama formativo utilizado para medir a intensidade qualitativa dos <i>picos</i>	44
Figura 15	<i>Pico da Mini Ramp Shopping Park</i> , Setor Sul, 2023.....	47
Figura 16	<i>Pico da Colmeia, Setor Leste</i> , 2023.....	48
Figura 17	<i>A Pista do Jacaré</i> , bairro Novo Mundo, Setor Leste.....	49
Figura 18	<i>Half Pipe</i> da Praça Paris, no bairro Roosevelt, Setor Norte.....	51
Figura 19	Jay Adans usando um <i>sidewalk surfing</i> . Los Angeles. 1975.....	58
Figura 20	Sessão no <i>pico Adolph's Pool</i> . Los Angeles 1977.....	59
Figura 21	Tony Alva surfando em uma piscina invadida, em Bervely Hills, 1977.....	60

Figura 22	Capa da primeira revista brasileira de skate, <i>Esqueite</i> , 1977.....	62
Figura 23	Performance <i>Skateboarding calligraphy free hand</i> Takahiro Morita, Japão, 2018.....	66
Figura 24	<i>Session</i> na ponte Estaiadinha, Marginal Tietê. São Paulo, 2022.....	67
Figura 25	Ilustração para produção de cartaz para o <i>pico</i> Nude Bowl.....	74
Figura 26	Skatistas posando para fotografia no Nude Bowl, California, 1987.....	75
Figura 27	<i>Nude Bowl</i> 1987, California.....	75
Figura 28	<i>Pico</i> do MACBA, Barcelona, sem data.....	77
Figura 29	Localização do <i>pico</i> do MACBC, na cidade de Barcelona.....	77
Figura 30	Parque linear Red Ribbon, em Qinhuangdao, China.....	79
Figura 31	Ocupação espontânea do galpão atacadista. Provavelmente 2008.....	81
Figura 32	Fachada do GALPÃO-DIY, 2020.....	81
Figura 33	Cartaz com os picos indicados para seleção do melhor <i>DIY</i> do Brasil, Melhores do ano 2021 - 100% SKATE.....	85
Figura 34	Ação coletiva para produção de obstáculo no (antigo) Galpão-DIY, 2021.....	86
Figura 35	QR Code com o link direcionado para o vídeo <i>Second Home</i> , 2019.....	87
Figura 36	QR Code com o link direcionado para o registro do <i>KING OF GALPÃO</i> , 2023.....	88
Figura 37	Performance <i>Como uma Fênix</i> , pelo skatista CAT, 2023.....	108
Figura 38	QR Code com o link direcionado para o Vídeo <i>Manifesto de ocupação do (novo) Galpão-DIY</i> , 2023.....	109
Figura 39	<i>DIY</i> para a produção do <i>China Banks</i> , no (novo) Galpão-DIY, 2023.....	111
Figura 40	Envolvidos na produção do <i>China Banks</i> , no (novo) Galpão-DIY, 2023.....	112
Figura 41	Localização do terreno contemplado pelo programa Imóvel da Gente, Setor Norte de Uberlândia/MG, 2024.....	113

Lista de abreviações e siglas

ABS..... Associação Brasileira de Skate.

AGSUDIY... Associação Galpão Skate UDI DIY

CASEMG.... Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais

CEU..... Centro de Artes e Esportes Unificados

CBSK..... Confederação brasileira de skate

DIY..... *Do It Yourself*

ITV..... Imobiliária Tubal Vilella

MACBA..... Museu de Arte Contemporânea de Barcelona

SIT..... Sistema Integrado de Transporte (Uberlândia/MG)

Glossário

Abraçar - acreditar.

Bico - pessoa reprovada pelo coletivo.

Bota - policial.

Carrinho - o objeto skateboarding.

Castelar - refletir, em um sentido filosófico ou planejar uma intervenção na cidade.

Colar - comparecer a um encontro.

Correria - correria exprime os agenciamentos de um|a skatista que planeja alcançar anseios pessoais e profissionais relacionados a pratica ou não.

Cordinha - Indivíduo que não compartilha, egoísta.

Cota - tempo.

Crew - grupo organizado com o mesmo propósito.

Dropar - se envolver.

Estar de touca - estar desinformado.

Febre - motivação além do normal.

Flow - sequência de movimentos ou manobras.

Goma - Lugar, casa.

Goró - bebida alcoólica.

Ir de bonde - se deslocar em grupo.

Ir no corre - procurar.

Jack - pessoa com antecedente, acusação ou histórico de assédio.

Jogar massa - mentir, desconversar.

Mão Branca - policial.

Pagando na missão - não cumprir um combinado.

Pagar veneno - sofrer.

Pic - estilo; tal qual.

Pistoleiro - termo pejorativo para skatista que anda exclusivamente em pistas destinadas para essa finalidade. Que não pratica o skate no mobiliário urbano.

Trepado - armado.

Ralar - ir embora.

Zica - Muito bom, excepcional.

Sumário

Introdução.....	15
A estrutura do trabalho.....	20
Capítulo 1. Horizonte Metodológico.....	22
1.1 Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa.....	22
1.2 Categorização dos <i>picos</i> em função do seu processo construtivo.....	33
1.3 Os diagramas formativos dos <i>picos</i> e suas fases.....	42
1.4 A construção dos mapas.....	52
Capítulo 2. Mapas.....	53
2.1 O Mapa Geral da rede de <i>picos</i> de Uberlândia 2023.....	54
2.2 O Mapa Setor Oeste da rede de <i>picos</i> de Uberlândia 2023.....	55
2.3 Link que direciona para a pasta com os mapas, download.....	55
Capítulo 3. Surfar a cidade.....	56
3.1 <i>É na rua que se anda de skate de verdade</i>	56
3.2 Os sentidos do skate.....	63
3.3 Skate de rua como matriz de seus sentidos.....	64
Capítulo 4. Do It Yourself!	70
4.1 Os <i>picos</i> de rua.....	70
4.2 O Nude Bowl.....	72
4.3 O mundo é um bairro	76
Capítulo 5. O Galpão-DIY.....	80

5.1	O (antigo) Galpão-DIY.....	80
5.2	Vídeos para contextualizar a autenticidade da vida da comunidade Galpão-DIY.....	86

Capítulo 6. O Galpão-DIY e o movimento organizado para a sua legitimação como bem cultural em Uberlândia/MG.....89

6.1	Dois pés na tábua: partindo para as últimas considerações sobre a legitimação do Galpão-DIY como bem cultural em Uberlândia/MG...	104
-----	---	-----

Considerações finais.....106

A nossa história continua.....108

O Novo Galpão-DIY.....110

Referências.....115

Bibliografia.....	115
-------------------	-----

Leis, Projetos de Lei, Decretos e demais documentos.....	121
--	-----

Websites consultados.....	123
---------------------------	-----

Filmografia.....	124
------------------	-----

Anexos I e II122

I - Os diagramas formativos dos <i>picos</i> + categorização em função do processo construtivo.....	122
---	-----

II - <i>Se a História é nossa, deixa que nós conta. Alguns picos de rua de Uberlândia/MG.....</i>	156
---	-----

Introdução

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto o valor de troca.

(Lefebvre, 1968)

Então, pelas redes sociais e pelo telefone, amigos e interlocutores da etnografia vieram anunciar, no começo daquela manhã, que máquinas de demolição balizavam em frente à entrada do nosso querido lugar, o Galpão-DIY.

Isso no ano de 2023, alguns dias depois do primeiro de abril. A demolição de lugares assim não é uma tragédia inédita, a saber, a caminhada de resistência e tantos outros *picos de rua*¹. A destruição do Galpão-DIY feriu o coração de muita gente, transformaram em ruínas o *pico* eleito como o melhor da categoria no país².

O armazém abandonado no final da década de 1990, revitalizado pela comunidade skatista no período de 2007 a 2023, voltou a engordar a lista de vazios urbanos na cidade de Uberlândia. Especulação imobiliária é um monstro. Mesmo sem um alvará de demolição, ativistas, advogados, arquitetos, curiosos, engenheiros, imprensa, polícias, políticos, prestadores de serviço, professores e skatistas assistiam o avanço da escavadeira.

Satânicos, os representantes do executor do processo de reintegração de posse festejaram o êxito da missão bebendo café doce em copinhos de plástico. Antes da hora do almoço, o lugar já estava abaixo. Destruição e segregação da cidade.

¹ Se foram neste ano de 2024, o *Beco do Valadão*, na Rua Matias Valadão, São Paulo. O *pico da Dengue*, em Criciúma/SC e a Estação-DIY, em Uberlândia/MG.

² Melhores do ano 2021 - 100% SKATE. Prêmio em dinheiro concedido ao Galpão-DIY como melhor pista auto construída no ano de 2021. A premiação em dinheiro é reconhecida pela CBSk (Confederação Brasileira de Skateboarding) que é a entidade que regulamenta as normas e políticas voltadas ao desenvolvimento do Skate no território brasileiro.



Figura 01 - Escombros do GALPÃO-DIY alguns dias após a demolição. Uberlândia/MG, maio de 2023. Fonte: Fotografia cedida pela produtora de vídeo Parafal Rec. maio de 2023.

As ferragens de alguns obstáculos, retirados com urgência, antes da demolição, foram prodigiosamente restituídas à sua função original algumas semanas depois, próximo ao dia Internacional do Trabalho, em uma ocupação que substituiu a do antigo Galpão-DIY, o (novo) Galpão-DIY (figura 3).

Na virada do calendário, entre o final de 2022 e o início de 2023, a viabilidade de ocupar o porto seco/silo CASEMG, abandonado no distrito industrial da cidade desde 1998,

eventualmente emergia como pauta da comunidade skatista, que enxergava naquele espaço esquecido uma possibilidade de movimento. Com a demolição do antigo Galpão-DIY, em abril de 2023, a possibilidade de ocupação deixou de ser apenas uma ideia e passou a ocupar lugar central na agenda do coletivo.



Figura 02 - Porto seco/silo (CASEMG) abandonado no distrito industrial da cidade de Uberlândia/MG em 1998. Fotografia compartilhada nas redes sociais da comunidade skatista no verão de 2023 como parte de uma enquete sobre a validação de uma ocupação do vazio urbano. Fonte: acervo do autor, 2023.

E assim foi feito nove dias antes do referido feriado, 01/05/2023. Skatistas veteranos agenciaram a produção de obstáculos no porto seco/silo CASEMG, reutilizando as ferragens

resgatadas da demolição do antigo Galpão-DIY. A data foi pertinente para a comunidade estreitar o novo *pico* no “feriadão”. O plano seguiu, o sol nasceu e a Fênix levantou voo.

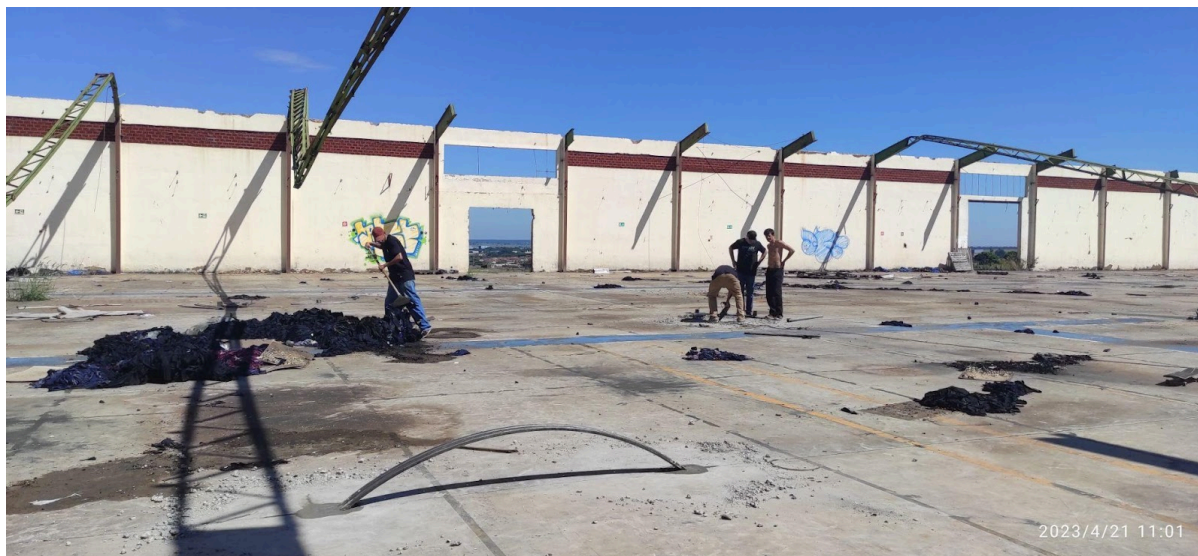


Figura 03 - Etnografia do primeiro DIY no porto seco/silo (CASEMG), 2023. Setor Industrial de Uberlândia/MG. Fonte: acervo do autor.

Essencialmente, a prática do skate é utópica e insurgente, ao negar a cidade como produto da alienação com o capital e propor a construção de uma cidade como obra. “O skateboarding³ não é apenas um esporte, é um caminho de vida. (...) eu acho que o mundo deve ser uma pista de skate.” (Rodney Mullen⁴, 1970). Cinquenta anos depois dessa afirmação, a performance corporal de surfar a cidade produz, por meio de **intervenções temporárias** e **ocupações espontâneas**, uma rede de lugares que validam o encontro, o lazer e a fruição.

A prática do skate de rua⁵ é um esboço da *reinvenção da vida social urbana* (Lefebvre, 1968). O movimento *skateboarding* aponta para a maneira de viver na cidade através da ativação intencional da vida urbana. E, este trabalho, é uma investigação de como as **ações|intervenções|ocupações** na cidade, promovidas pela comunidade skatista, em Uberlândia, produzem uma rede de lugares resistentes ao aprofundamento das desigualdades sociais e da segregação urbana.

³ A palavra *skateboarding* se refere ao objeto de *design*, composto por prancha, eixos e rodas.

⁴ Rodney Mullen, nasceu em Gainesville, Flórida, Estados Unidos, em 1966. Ele é um dos skatistas que desenvolveu manobras em tipologias urbanas, como escadas, corrimãos e bancos. Enfatizando a ocupação criativa e o flunar pela cidade.

⁵ A prática do skate de rua constitui-se como elemento central desta investigação e, é abordada nesta pesquisa, como uma prática multifacetada transposta por resistência, transgressões, negociações, subversões e dissidências com a governança da cidade de Uberlândia/MG

Retomando a narrativa do Norte Americano Rodney Mullen (1970), que afirma que todo o mundo deveria se transformar em uma pista de skate, essa visão representa um golpe contra a razão. A afirmação é possível em uma dimensão romântica e utópica. Em seu livro *A vida cotidiana no mundo moderno*, Lefebvre (1968) afirma que o romantismo exprime o desacordo, a distorção e a contradição. Nesses termos a ideia de que o mundo todo fosse uma só pista de skate, é perfeitamente cabível e coloca a prática do skate de rua como uma crítica permanente contra a razão.

*

Uma utopia deve ser classificada? Não se tolhe esperanças. Mas qual o tamanho da participação da prática do skate de rua de Uberlândia-MG na produção da cidade e na democratização do espaço público? Em que ponto a utopia se transforma em discurso ou política pública, sombreando o direito à cidade?

O objeto dessa pesquisa é a prática do skate de rua enquanto produtor de uma rede de lugares (os *picos* de Uberlândia/MG). Cada agente da comunidade skatista é portador de uma micro história que reflete formas de resistência mais ou menos implicadas num confronto que envolve disputas de sentido e desestabilizações de representações hegemônicas. É como se o skatista não admitindo a cidade que encontra partisse para a produção dos seus próprios lugares, os *picos*. O skatista subverte os códigos normativos da cidade bem como as funções programáticas originais do espaço e do mobiliário urbano. Assim, o agenciamento de intervenções e ocupações por meio de adaptações construtivas (*DIY* ⁶) em situações já existentes na cidade, caminham em uma direção oposta ao desenho da cidade e do urbanismo alienado ao Capital.

Assim, a identificação da prática do skate de rua de Uberlândia/MG como uma referência cultural aglutinadora, dentro de uma órbita que contém o pixo, o ciclismo e as batalhas de rima, valida a busca pelo entendimento de como essas práticas participam da produção e democratização de nossos espaços públicos. Compreender e registrar essa dinâmica

⁶ *DIY* (*do it yourself*) é o termo nativo para a prática em canteiro de obra e agenciamentos de encontros que valoriza as soluções construtivas simples e coletivas. Prevê a reciclagem de recursos locais e uso de mão de obra dos próprios agentes skatistas. São intervenções e ocupações mais ou menos permanentes na cidade. A prática do *DIY* é subversiva e criativa, na medida em que opera fora dos códigos civis. Essa prática ressignifica materialmente e simbolicamente a cidade.

fortalece a democracia à medida em que dá visibilidade para novas centralidades e diversidades na cidade contemporânea.

A estrutura do trabalho

A fim de discutir de maneira legível o objeto de pesquisa e suas articulações, sustentamos a dissertação com uma etnografia feita nos *picos* de Uberlândia/MG, entre os anos de 2022 e 2023.

Organizado em quatro 6 capítulos, os **fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa são a análise e a categorização** das práticas do skate enquanto agente democratizante do espaço público por meio da produção de uma rede de lugares, os chamados *picos*, no termo nativo.

A abundância de imagens no trabalho oferece a **representação do objeto de pesquisa a partir da observação e coleta de dados**. Naturalmente, a dissertação é constituída por uma malha de fotografias, mapas, diagramas formativos dos *picos* e direcionamentos para videografias (QR code) que integram o discurso gráfico da dissertação, ou seja, a articulação entre a iconografia e a cartografia.

A ênfase nesse discurso gráfico detecta que, o ensaio ao direito à cidade, sistematicamente perseguido pela comunidade skatista, é um instrumento dinâmico e reativo à cidade que segrega, apontado para um horizonte utópico, necessário para sobreviver neste mundo enlouquecido.

Capítulo 1. Horizonte Metodológico

1.1 Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa

Estaria correto afirmar a existência da verdade (nas) coisas e do (no) mundo? Não existiriam mais do que interpretações e leituras acerca das coisas e do mundo: as possíveis compreensões, efêmeras, muitas vezes, acerca das coisas e dos variados recortes de mundos no mundo? Como uma interpretação poderá ser transformada em verdade?

(Hissa, 2012 p.43)

A natureza desta pesquisa se afirma em uma estrutura empírica. No entanto, não se trata de uma esquivia ao padrão de fazer ciência. A metodologia toma partido da posição do orientador e do pesquisador em relação ao objeto de pesquisa. O orientador possui uma posição externa à comunidade skatista, já o pesquisador está imerso na cultura do skate de rua e adjacentes (pixo, grafite e tatuagem), o que valida um desenho metodológico que admite a sensibilidade de um olhar empírico. Além disso, essa posição em relação ao objeto de pesquisa possibilita uma abordagem *de fora para dentro e de dentro para fora* (Magnani, 2002). Assim a expressão *experience-near* versus *experience-distant* (Geertz, 1983) e os *anthropological blues* (Da Matta, 1974), são referências que validam a nossa estratégia para capturar o objeto de pesquisa. Ainda enfatizamos, como referencial teórico, o pensamento do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani. Magnani (2002) propõe uma abordagem

dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica.

(Magnani, 2002 p.25)

O objetivo desta dissertação é discutir a participação do skate de rua de Uberlândia/MG na produção da cidade em sentidos opostos à segregação espacial. Para isso, a metodologia é composta por duas fases interdependentes: *a)* iconografia e *b)* cartografia. Ambas abastecidas por meio de uma etnografia urbana, produzida entre os anos 2020 e 2023.

Cabe reforçar que, a articulação entre esses componentes (*a* e *b*), é lida através do pensamento de Henri Lefebvre (1968). Um filtro que enxerga as práticas urbanas insurgentes como possibilidade de experimentação, ainda que utópica, da busca pelo efetivo direito à cidade. Assim, dentro dos limites a que se propõe nossa pesquisa, conseguimos incluir a contribuição dos agentes e interlocutores/interlocutoras na construção de uma paisagem do pensamento urbano contemporâneo.

Para melhor clareza dessa articulação dos componentes (a) iconografia e (b) cartografia, deitamos algumas considerações em relação aos sentidos da prática do skate, aumentando a nitidez da discussão e possibilitando um recorte preciso à nossa pesquisa, que é a prática do skate em um sentido apontado para a reivindicação do direito à cidade: o skate de rua.

As fotografias e videografias produzidas e consumidas por indivíduos da comunidade skatista de Uberlândia, foram acessadas por fontes primárias. Já as fotografias em localidades globais, foram acessadas por fontes secundárias.

Apresentamos, por exemplo, fotografias da autoria de Hugh Holland e Glen Friedman, pertencentes à comunidade skatista da Califórnia das décadas de 1970 e 1980. São fotografias que registraram o cotidiano imanente ao início da prática.

Quanto às fotografias e videografias produzidas por agentes da comunidade skatista de Uberlândia, elas revelam as experiências cotidianas da comunidade do Galpão-DIY. A nossa proposição é que essas imagens possuem uma certa imunidade à criação de estereótipos sobre os sujeitos sociais, à medida em que são produzidas e consumidas pela comunidade.

O skate de rua fornece o elemento essencial para duas das suas dimensões, a esportiva e a de espetáculo. Em uma conversa por telefone com o skatista veterano⁷ da cidade, Anderson Choquito, 2021, ele afirma: “*É na rua que se anda de skate de verdade (...)*”.

⁷ Skatista veterano é o/a integrante da comunidade que possui, devido a contribuição para o coletivo, admiração notória dentro do grupo. A natureza dessa contribuição pode ser material ou imaterial. A construção de obstáculos (*D.I.Y.*), ações filantrópicas ou fraternais, participação em movimentos de resistência e conscientização e continuação do conhecimento oral sobre a *cultura skateboarding*.

O skate de rua nos parece vigorar como uma matriz que imprime sentidos nas demais práticas com um *skateboarding* na cidade. Nesta pesquisa, vamos usar como amostragem para essa hipótese, o skate em um sentido esportivo e em um sentido de espetáculo.

Essa modulação do skate de rua fica nítida ao observarmos a tipologia de uma pista de skate esportivo, que é como um cenário. Ela possui uma morfologia que mescla as formas orgânicas das piscinas ocupadas na Califórnia da década de 1970 com corrimãos, quinas, bancos e rampas que são simulações dos aparelhos atrativos de serem interpretados como *obstáculos*⁸. O “desenho” das manobras enquanto práticas corporais do esporte, são derivados da criatividade do skate de rua ao flunar a cidade. O encontro afetivo é presente de maneira horizontal na rua. Pois, os corpos se misturam e se relacionam de uma maneira anárquica, não apresentando segregação entre quem está patinando, assistindo, fotografando ou convivendo. Portanto, a prática do skate esportivo é limitada por códigos e regras. São torcedores/torcedoras assistindo atletas que buscam a perfeição técnica das manobras. Em sua tese de doutorado *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*, Giancarlo Machado descreve sobre a prática do skate em um sentido esportivo e olímpico:

A popularidade do skate é patente em tempos atuais. Um dos caminhos encontrados por diversos agentes a fim de propagá-lo e torná-lo mais atrativo para um público mais amplo foi através da promoção de grandes campeonatos, os quais são produzidos nos moldes de um espetáculo esportivo. Realizados em pistas com diversos tipos de rampas (espaços considerados adequados para o uso do skate), tais campeonatos geralmente são formatados com base em uma série de regras criadas por entidades que regulamentam a prática, como a Confederação Brasileira de Skate (CBSk), em âmbito nacional, ou a International Skateboarding Federation (ISF), em nível mundial. E quando não organizados por essas entidades que batalham em prol de sua institucionalização esportiva, as disputas ocasionalmente são promovidas por canais de televisão, grandes corporações, marcas ou revistas especializadas, as quais formatam as regras conforme as suas próprias pretensões. Dentre tantos exemplos de espetáculos é válido destacar a realização dos X Games, jogos promovidos pelo canal ESPN desde 1995 com foco nos esportes classificados como extremos ou radicais; Maloof Money Cup, competição que já distribuiu milhares de dólares aos skatistas mais bem colocados no decorrer de suas várias edições; Street League, liga de skate

⁸ O obstáculo é um termo geral para os elementos ou estruturas físicas utilizados para realizar manobras e truques com um *skateboarding*. Esses obstáculos podem ser parte do mobiliário urbano, como escadas, corrimãos, bancos, muros, ladeiras (etc) ou podem ser construídos especificamente para a prática do skate, como rampas, quarter, caixotes, spine (etc). Os obstáculos são essenciais para o skate, pois fornecem desafios e possibilidades criativas para os/as skatistas desenvolverem sua performance. Cada tipo de obstáculo permite a execução de diferentes manobras, como ollies, kickflips, grinds, slides (etc). A cultura do skate valoriza a improvisação e a criatividade. Os obstáculos desempenham um papel fundamental na evolução do skate e na expressão pessoal dos skatistas.

que reúne os melhores competidores do mundo da modalidade street skate; além de outros eventos apoiados por corporações diversas, como é o caso da Nescau Mega Rampa e do Oi Skate Total Urbe, campeonatos realizados no Brasil nos últimos anos que foram patrocinados, respectivamente, por uma marca de achocolatado e por uma empresa de telefonia celular. Cabe afirmar ainda que a repercussão do skate é tamanha de modo que ele foi anunciado como a mais nova atração olímpica. O anúncio de sua inclusão nas Olimpíadas se deu no decorrer da edição do megaevento realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 2016, ocasião em que o Comitê Olímpico Internacional (COI), durante congresso da entidade, divulgou o programa olímpico referente aos Jogos de Tóquio 2020.

(Machado, 2017 p.24)

Contudo, algumas propriedades da prática do skate de rua estão impressas neste sentido esportivo do *skate*. Em uma declaração pública em seu Instagram, a bicampeã mundial Rayssa Leal⁹ afirma: “espírito skatista é assim, é para a gente acertar. Uma torcendo pela outra, não tem nada de rivalidade dentro de pista. Se vocês acham que tem rivalidade, estão criando coisas na cabeça de vocês.” (Rayssa Leal, 2024).

Os sentidos da prática do *skateboarding* habitam um amplo espectro nas formas de interagir com a cidade. E, ao que parece, são modulações da prática do skate de rua, que, além de servir como uma matriz que imprime sentidos nessas práticas (*skateboarding*), também potencializa a afetividade nos espaços públicos por meio da comunhão coletiva a favor da rua, pois, a rua não é vista somente como um lugar de passagem e circulação, mas como o lugar de encontro, de fruição, de espontaneidade, de movimento e de multiplicidade.

A prática do skate de rua possui uma natureza insurgente na medida em que subverte os códigos normativos da cidade. Navegar de skate pela cidade opera em discordância às funções para que foram desenhados o mobiliário urbano.

Quando um|a skatista sente o vento na cara descendo uma ladeira na contramão, é uma subversão dos códigos urbanos de trânsito. Quando um|a skatista usa uma escada para saltar, ele/a está operando em um campo fora da função para a qual o aparelho urbano foi projetado. É uma leitura poética e tátil do mobiliário urbano e da cidade, como uma performance artística e também, uma subversão aos códigos normativos da tipologia da

⁹ Popularmente chamada de *Fadinha do Skate*, Jhulia Rayssa Mendes Leal é uma skatista brasileira, vice-campeã olímpica nos Jogos Olímpicos de Verão de 2020 em Tóquio, sendo a mais jovem medalhista olímpica brasileira. Em 2024, conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos de Paris. Além disso, é campeã pan-americana, vencendo a medalha de ouro no skate street dos Jogos Pan-Americanos de 2023, realizados em Santiago, no Chile, marcando a primeira medalha de ouro da delegação brasileira nessa edição do Pan. Rayssa é ainda medalhista de ouro nos X Games e campeã mundial de 2022.

cidade. Quando um grupo de skatistas se apropria de um espaço ou lugar urbano, construindo obstáculos e adaptações para a prática do skate, se trata de uma manobra insurgente.

Daí, os *picos* são o índice da produção e democratização dos espaços públicos fora da órbita mercantilista. Para *o olhar skatista* (Machado, 2011), os dispositivos que regulam a cidade por uma lógica de ordem e consumo, são subvertidos em favor de uma experiência corporal anárquica com a mesma. A comunidade do skate de rua recusa a cidade como ela é e parte para a produção de uma rede de unidades que catalisa práticas culturais “periféricas”, auto geridas, via intervenções temporárias e ocupações, que podem deixar marcas permanentes (Sansão, 2011 p.238).

O conhecimento empírico estende suas raízes em um campo permeável pela poética, pelo afeto e pela utopia. Assim, a sensibilidade dessa cartografia convida para pensar o encontro e o afeto como um ato político e uma busca pelo direito à cidade.

Os *picos* se estruturam em uma rede orgânica com dinâmicas de intercâmbio de produção, uso e manutenção do ambiente. A comunidade skatista transita entre os *picos* com bastante permeabilidade e entusiasmo. Esse trânsito pode ser motivado pela prática das manobras, pela produção e manutenção dos obstáculos e dos lugares, pelo encontro afetivo ou pelo agenciamento de campeonatos, eventos e manifestações. São ações que potencializam a visibilidade do skateboarding e ativam o uso da cidade.

Alguns *picos* são, extremamente, efêmeros, são uma interpretação do mobiliário urbano na visão criativa do|a skatista que pode durar uma sessão de skate. Outros *picos* conseguem atravessar gerações e se cristalizam como referência da cultura material para a comunidade skatista. Os *picos* estão em constante pulsação, isso cria uma inviabilidade de definição rígida para analisar o Galpão-DIY. É impossível olhar para esse *pico* individualmente, com um recorte geométrico.

Para explorar o Galpão-DIY é necessário jogar luz em toda rede de *picos*. Não existe uma fronteira entre os *picos*, assim como, não faz sentido uma hierarquia entre eles, cada nó da rede possui sua força e valor para estrutura. E, mesmo que existam descontinuidades físicas nessa paisagem do skate, ela se configura em uma rede coesa de práticas de lazer, lugar de encontro, forma de sociabilidade e uma interpretação poética do tecido urbano.

O Galpão-DIY reuniu força cultural e conhecimento técnico na construção de obstáculos e irradiou essa luz para os outros *picos* de Uberlândia. Assim, ganhou um notável valor simbólico e afetivo para o circuito regional de skateboarding e sempre operando à margem da lógica da produção capitalista da cidade. Discutir seu processo de construção e seu alcance valida esse recorte no nosso objeto de pesquisa.

Na historiografia do skate a fotografia sempre está presente em uma simbiose que vai além do registro das manobras. São fotografias e vídeos que permeiam o cotidiano dos|as skatistas, amplificando a iconografia da paisagem dos picos para além do lugar onde se executa as manobras. Aqui, é pertinente deixar claro que existe uma diferença perceptível entre as fotos e vídeos produzidos por quem anda de skate e quem não anda. Em uma conversa informal o skatista Felipe Biscoito me mostra algumas fotos e explica algumas diferenças formais. “Tem que andar de skate pra tirar foto de skate pra pegar o *moment*, não basta atirar no time certo, é outro encaixe outra lente (...) tem que pegar a visão da *session*. feeling tá ligado?”. É claro que não existe hierarquia de valores entre as fotos e vídeos produzidos por skatistas e não-skatistas, são pontos de vista diferentes e o movimento do skate como sempre é somar.

Para o|a skatista a rua abre um horizonte de possibilidades imanescentes às experiências citadinas que são registradas sistematicamente em fotografia e videografia. Assim, foi muito natural priorizar pelas fotografias produzidas pelos membros da comunidade. São fotógrafos profissionais e amadores/as que andam de skate ou skatistas que fotografam. Em síntese, são agentes que são especialistas na prática do skate e têm grande envolvimento na rede de *picos*. As fotografias produzidas por eles/as apontam elementos variados que escapariam ao olhar destreinado ou fora dos códigos da "cidade dos picos".

O/a fotógrafo/a na sua condição de skatista ou o/a skatista na condição de fotógrafo/a grava e imprime simultaneamente uma iconografia da poética de surfar a cidade. Essas imagens influenciam o jeito de andar de skate. É uma produção que se auto reforça, mostrando o relevo da vida nos *picos*, nas manobras, na morfologia, na maneira de se vestir (roupas, tatuagens, corte de cabelo, etc), nos gestos, nas gírias, nos pixos, nos lambes, nas colagens, nos cartazes, nas pinturas murais, nas rimas, nas danças e uma série de vivências e formas criativas de se relacionar com e na cidade.

Assim como a peste, que outrora devastou as terras do Oriente, chegou à cidade de Florença em 1348, em uma manhã de maio, começou a se alastrar com uma rapidez assustadora, de modo que, de uma só vez, famílias inteiras eram levadas pela morte repentina. Muitos, assustados com o contágio, abandonavam seus entes queridos, fugindo para o campo em busca de segurança. As ruas, outrora cheias de vida e movimento, tornaram-se desertas, exceto pelos corpos dos que sucumbiam à doença e pelos poucos que ainda ousavam arriscar suas vidas para ajudar os enfermos. A cidade, outrora pulsante com atividade, agora estava envolta em um silêncio

sombrio, com suas portas fechadas e suas muralhas erguidas como uma tentativa desesperada de conter a propagação da doença.

(Boccaccio, 1353 p.7)

No ano de 2020, comecei a frequentar os picos de rua, de Uberlândia, sem a pretensão de pesquisar. Frequentei os *picos* de toda a cidade. Setor Norte, Setor Sul, Setor Leste, Setor Oeste e Região Central. Geralmente, ficava pouco tempo em cada *pico*. Porém, no (antigo) Galpão-DIY, a vontade era de permanecer. O momento era marcado pelo isolamento social severo (*covid-19*). Geralmente ia sozinho, levando um livro, água e cigarro. Ao contrário do resto da cidade, o *pico* estava atraente e acolhedor. Os mais de 10000 m² do antigo Armazém, completamente murado, possuíam um único acesso: um vão de porta de 90 cm no muro de alvenaria chapiscado.



Figura 04 - Única porta de entrada do (antigo) Galpão-DIY, terreno na rua Padre Américo Ceppi, Uberlândia/MG. Foto do autor, 2020.

Magia não é uma palavra apropriada para um texto científico. Mas, era essa substância, que ninguém conseguia explicar a leveza “encontrada” dentro do *pico*. Era como se o lugar, invisível para os “não-skatistas” desde os primeiros anos de sua ocupação, em 2007, estivesse retribuindo acolhimento e conforto naqueles anos de isolamento social.

Em um segundo momento, em 2022, comecei a frequentar exclusivamente o (antigo) Galpão-DIY, e já matriculado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD-UFU. No lugar do *carrinho*¹⁰, levava o caderno de campo, que era um smartphone, em que hospedei, de forma relativamente organizada, anotações que abordavam interpretações e insights resultantes das vivências com as pessoas frequentes no *pico*. Registros fotográficos de esboços desenhados no chão, representando algum esquema

¹⁰ A prancha com eixo e rodas. Substantivo próprio, *skateboarding*.

construtivo de obstáculos e (raras) reproduções da tipologia pré existente das ruínas do galpão atacadista *Casa Uberlândia*. Em 2022, o caderno de campo migrou para folhas sulfite tamanho A4 dobrado ao meio. Cada folha de papel era, especificamente, o verso das fichas fotocopiadas de um esquema para diagramas formativos dos *picos*.

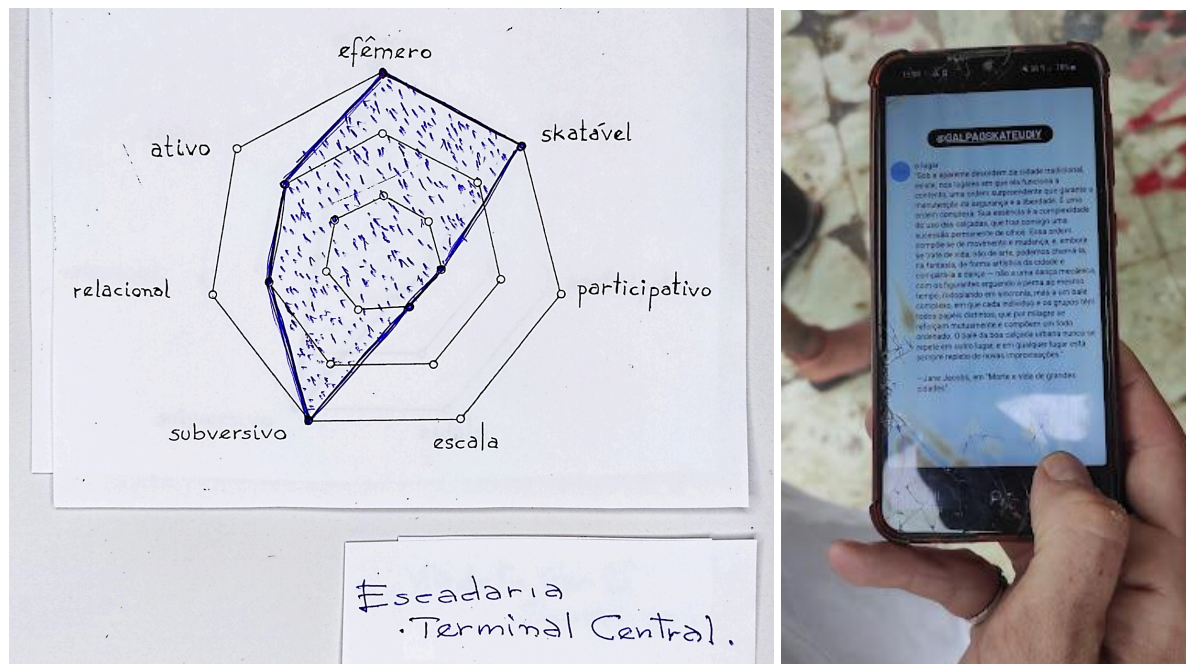


Figura 05 - Conteúdo do Caderno de Campo. À esquerda, um diagrama formativo de uma das unidades da rede de *picos* em Uberlândia, 2022. À direita, compartilhamento de informação com o *local* Douglas Torquato, no pico (antigo) Galpão-DIY, 2022.

A partir da convivência com os *locais*¹¹, foram produzidos os relatórios etnográficos, que serviram como base de dados para abastecer nossa pesquisa. São textos escritos em primeira pessoa que apresentam interpretações às especificidades sobre a comunidade skatista. Abaixo, dois trechos do Caderno de Campo do autor.

*

Carta etnográfica da barbearia no (antigo) Galpão-DIY. Uberlândia/MG, 2020.

(...) em uma terça feira, entrei no pico nas primeiras horas do dia, o lugar estava tingido de amarelo pela luz da manhã, um grupo de pessoas em situação de rua fez contato visual enquanto organizavam o leito ao lado de uma fogueira apagada. Na minha mochila, frutas, livro, água e cigarro.

¹¹ *Local* é o termo nativo para designar o membro pertencente a uma comunidade específica. É um caráter territorial, tecido pela prática cotidiana do skate de rua, na superação dos obstáculos, na fruição criativa e na troca de vivências.

Aparentemente eu era o único skatista no pico, mas à medida que a luz da manhã avançava para fora do espectro amarelo, começaram a chegar grupos de três a cinco skatistas com caixas de isopor e amplificadores de som portáteis. Imediatamente o barulho das manobras de skate em uníssono com a cadência da música preenchiam o lugar, acompanhando conversas animadas e risadas. “Salve família, só (coisa) boa pra nois!”. Votos positivos simultâneos a um aperto de mãos com os dedos entrelaçados, cumprimento específico entre skatistas. Era meu interlocutor, barbeiro profissional que, por ocasião da pandemia, atendeu provisoriamente seus clientes no Galpão-DIY. Enquanto o profissional esticava um pano vermelho na mureta, deitando as ferramentas do seu ofício à disposição do trabalho do dia, um dos clientes apertou um cigarro e naturalmente nos agrupamos para compartilhar o que tínhamos ali.

Caderno de Campo. Uberlândia, julho de 2020.

*

Carta etnográfica do pico da borda da drogasil, Setor Leste de Uberlândia/MG, 2023.

Recebo uma ligação de Felipe Biscoito no meio da tarde. O skatista Jack Mullinkosson, da Filadélfia, está partindo. Mas antes de ir, quer que conheçamos o lugar que escolheu para sua última performance. O candidato a pico era uma mureta de cerca de 60 centímetros de altura e 20 metros de comprimento, que venciam um desnível suave do terreno entre a rua Ubiratan Honório de Castro e a avenida Anselmo Alves dos Santos, no bairro Santa Mônica. A tal mureta demarca o limite do terreno da edificação da franquía comercial Drogasil com o terreno público.

Mullinksson já havia conversado com os funcionários da farmácia, a fim de ganhar confiança para filmar a performance. Feito alguns testes com o skateboarding, foi resolvido entre os skatistas veteranos que seria necessário providenciar alguns ajustes construtivos para o boardslide.

Caderno de Campo. Uberlândia, julho de 2023.



Figura 06 - Registro da ocupação temporária do pico da borda da drogasil. 2023. Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CvzbpA1NbtS/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D> Acessado em 13/06/2023.

A impossibilidade de separar a posição de pesquisador e de skatista veterano (conheci o skate em 1988) reflete uma perspectiva particular no mergulho etnográfico. Esse ponto de vista é conhecido como "observação participante", e é amplamente praticado na antropologia e em outras disciplinas que empregam métodos etnográficos. A integração da posição de membro da comunidade com a de pesquisador é uma abordagem válida e poderosa na pesquisa científica, mas requer um cuidadoso gerenciamento das complexidades envolvidas para garantir a qualidade e a integridade do estudo. Novamente, aqui, enfatizo o apoio teórico do campo da etnografia urbana, como referência, o pensamento do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani.

O antropólogo propõe uma abordagem “*de perto e de longe*”. O etnógrafo se envolve ativamente na comunidade ou contexto que está estudando, tornando-se parte dela, em vez de ser um observador externo. Essa fase, “*de perto*”, é combinada com uma análise mais ampla e teórica das dinâmicas urbanas, a “*de longe*”. Naturalmente, a etnografia foi a ferramenta apropriada para “enxergar” o relevo da *paisagem dos picos* e, a partir desse ponto, representar o objeto de pesquisa por meio do discurso gráfico.

Desde o início da pesquisa, a metodologia de categorizar os lugares e seus processos construtivos me parecia ir em direção oposta à prática do skate de rua, que é algo fundamentalmente anárquico. Não havia sentido em desmembrar o objeto de pesquisa e agrupar em categorias.

No entanto, durante o curso da disciplina Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU 01), ficou clara a necessidade de apresentar “considerações sobre a prática do skate de rua”.

Essas considerações, nada mais eram do que uma pré-categorização, que deixavam a exposição mais legível. Isso ficou claro, após a participação no VIII SEPE (Seminário de Pesquisa), que o verbo “descrever” não estava sendo suficiente, e, então, surgiu a necessidade de categorizar os tipos de *picos* e os processos construtivos desses lugares.

Daí criamos, didaticamente, um espectro abrangente, que comporta o tipo de adulteração da cidade pelos skatistas, em prol das intervenções performáticas. São o que chamaremos aqui de ***picos elásticos*** e ***picos plásticos*** (mais detalhado a seguir, na seção 1.2 - Categorização dos *picos* em função do seu processo construtivo, p.33)

Outro ponto, que para o pesquisador skatista veterano, que também parecia ir em direção oposta à prática do skate de rua, foi a criação de uma ferramenta capaz de mensurar a qualidade arquitetônica dos lugares construídos pela comunidade.

Antes de serem mensurados e qualificados, *picos* são como são, e cada obstáculo comunica sentimentos e um pedaço de história que os skatistas levavam/levam consigo. Não existe uma régua para isso.

É desnecessário provar a “qualidade” de um *pico* que, mesmo sendo ruim, pode representar uma Luz para portadores de uma cidadania precária. Aqui, vai um exemplo local, o *pico da Cidade Verde*, Setor Oeste de Uberlândia, que, mesmo sendo um fracasso enquanto aparelho arquitetônico, fez a diferença na vida de muitos *manos* e *minas*.

Em resposta a essa vulnerabilidade, apresentamos diagramas axonométricos com algumas características que compõem a *cidade dos picos* (MACHADO, 2017, p. 244). Esse tipo de ferramenta científica demonstra o potencial dos *picos* e roga seu reconhecimento para políticas públicas a favor do direito à cidade. Portanto o conjunto de diagramas oferece um panorama plano, amplo, esquemático e acessível para avaliação da *cidade dos picos*.

Para tal, usei como referência metodológica para os diagramas formativos dos *picos*, o trabalho realizado pelo Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT), do Rio de Janeiro, que se dedica ao estudo dessas ações como forma de transformação positiva da capital carioca. (<https://intervencoestemporarias.com.br/>).

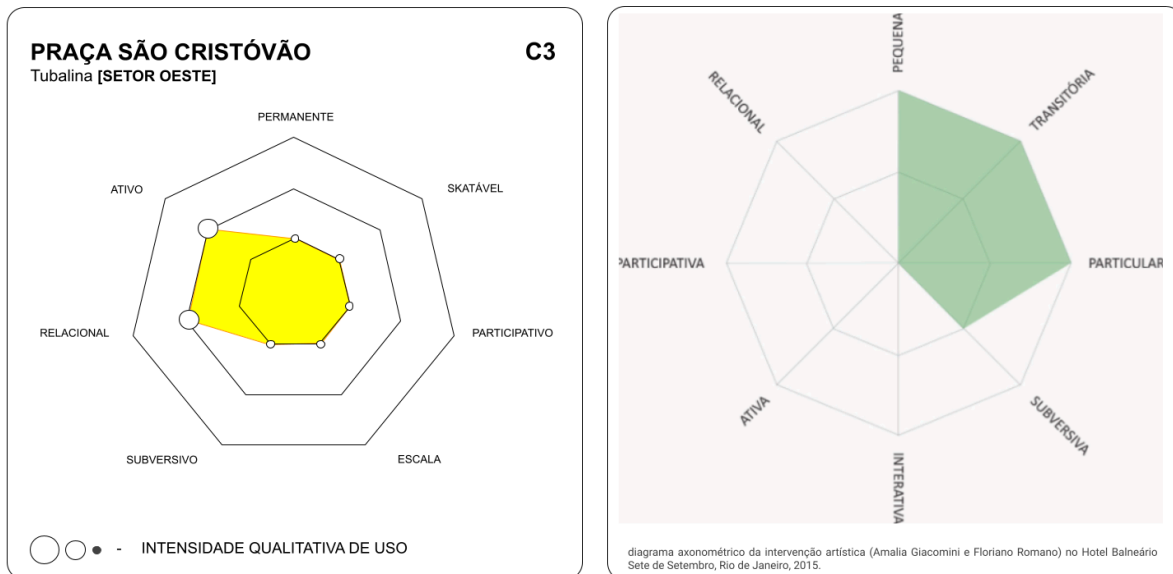


Figura 07 - À esquerda, um diagrama formativo já preenchido com aferição aproximada pelo autor. A direita, a título de exemplo, um diagrama axonométrico da intervenção artística (Amália Giacomini e Floriano Romano) no Hotel Balneário Sete de Setembro, Rio de Janeiro, 2018. Usado como referência estrutural. *LabIt - Intervenções Temporárias o Rio de Janeiro* Prof^a. Dr^a. Adriana Sansão, UFRJ. Fonte: <<https://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/hotel-balneario-7-de-setembro-miuda/>> Acessado em 01/07/2022.

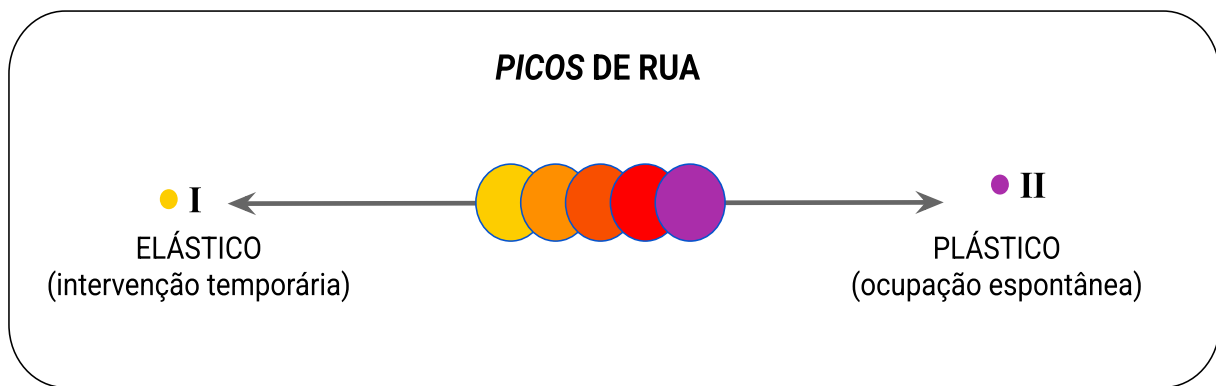
1.2 Categorização dos *picos* em função do seu processo construtivo

A melhor maneira de observar a paisagem dessas intervenções temporárias e ocupações espontâneas, é em movimento. Afinal, os/as skatistas estão em constante fluxo pela cidade. As unidades dessa rede de *picos* despertam e adormecem sem uma programação previsível. Eles pulsam em uma dinâmica que envolve atrativos *skatáveis*, acessibilidades e disputa de território.

O/a skatista está sempre a flunar em busca de ladeiras, piso liso ou com texturas interessantes e obstáculos a serem explorados de maneira criativa. Independente da necessidade de negociações e adaptações construtivas para uso, o/a skatista vai insistir em usar a cidade como suporte para sua sessão, mesmo que seja uma ação efêmera. E o registro fotográfico e videográfico para posterior apreciação e o compartilhamento da performance via tais registros, é sempre bem vindo.

O esquema a seguir, é um componente dessa cartografia que ilustra, didaticamente, o trânsito dos *picos* em um espectro de categorias em função do seu processo construtivo (*DIY*).

A função demonstra a multiplicidade de relações estabelecidas pela comunidade do skate de rua com a cidade e revela uma paisagem urbana que opera distante de uma órbita mercantilista. A paisagem dos *picos* é arquitetada pela afetividade, afinal, a força de trabalho e a tecnologia para a produção da rede de *picos* de rua não está alienada ao lucro.



As **(I) intervenções temporárias**, são o uso da cidade como suporte para a performance do skate de rua.

São ***picos elásticos***, aqueles que têm uma permanência temporária na cidade. São espaços e lugares que voltam à condição anterior depois da sessão de skate sem deixar indícios significativos de seu uso. É como se o skatista tomasse emprestado momentaneamente um fragmento da cidade a fim de usá-la como suporte para sua performance ou para o encontro. Eles podem ser tão efêmeros, ao ponto de durar apenas uma sessão, ou seja, algumas horas. Como também, podem permanecer por anos nesta frequência.

Os chamados *picos elásticos* são como incontáveis ilhas que desaparecem e reaparecem sem solicitar modificações profundas no mobiliário urbano. Algumas são tão voláteis e pequenas a ponto de não possuir sequer registros fotográficos ou nenhuma ação do processo construtivo *DIY*. E exerce uma presença significativa no imaginário e na forma como os/as skatistas percebem e interpretam a cidade em direção ao encontro, ao lúdico, à festa e à sua fruição: “quem já pulou da escada do (supermercado) Bahamas jamais será esquecido!” (Torquato, 2022).

Uma amostra de *pico* elástico: o *gap*¹² da prefeitura (Centro Administrativo de Uberlândia/MG).

Apesar do chão não ser completamente liso, esse *pico* possui uma tipologia de desníveis e escadarias bastante atraente para saltar. As duas fases do piso, de seixos rolados intercalado com calçamento de basalto, resulta, ao andar de skate sobre, em um ruído admirável. A cadência e a textura do som quase dá para segurar com as mãos.

¹² *Gap* é uma palavra em inglês que significa "lacuna" ou "espaço vazio". Na cultura do skate de rua, o termo "gap" é amplamente utilizado para descrever a ação de saltar sobre diferenças de níveis entre duas tipologias, como escadas e rampas.

A esplanada da Prefeitura Municipal de Uberlândia é generosa em obstáculos do tipo *gap*. Porém, a esquiva da segurança local não possibilita muitas tentativas para acertar a manobra, tornando o *pico* desafiador. Segundo o skatista veterano Felipe Biscoito, que acompanhou a sessão registrada na figura 08, p.36.

Estava muito frio naquela manhã de sábado, e o Gustavo (skatista que fez o salto registrado na fotografia) estava castelando (planejando) esse big ollie air a semanas (...) sábado foi o grande dia. Foi de primeira, chapou um pop que nem um bruxo e saiu correndo antes da segurança colar (...) esse moleque ali no canto (abaixo a esquerda) é meu irmão caçula (...) a gente sempre tem que ter uma referência pra ter noção da altura do gap, por que foto é só um quadrado na tela do instagram (...).”

Conversa informal com o skatista veterano Felipe Biscoito, Uberlândia,
2022.



Figura 08 - Uma amostra de *pico* elástico. *Big ollie air* por @gustavinsta.skt no *Gap* do *pico* da Prefeitura de Uberlândia/MG. Foto por @griloano, provavelmente no inverno de 2014. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>.> Acesso 15/10/2024.

*

Já as **(II) ocupações espontâneas**, são as adaptações construtivas, por meio do *DIY*, a fim de produzir lugares para a prática do skate de rua. Seja por meio de obstáculos, seja por meio de encontros, que são, geralmente, eventos comemorativos, competições e reivindicações da comunidade skatista. Esses encontros são agenciados e produzidos por meio de *DIY*.

Como exemplos, aqui, vão dois eventos: *A Batalha de Rima* e a *Confraternização do Instituto Viva Íris*, ambos em 2023. O ponto de luz para o equipamento de som foi resolvido

com geradores de energia, o abastecimento de água com vários galões de 20 litros, distribuídos gratuitamente e os banheiros do tipo banheiro químico locado. A instalação e desinstalação de toda estrutura é agenciada pela própria comunidade.



Figura 09 - Confraternização no pico Galpão-DIY. *A Batalha de Rima*, Uberlândia, 2023. Fotografia por Andressa (skatista local do pico).



Figura 10 - confraternização no pico Galpão-DIY. Instituto Viva Iris Uberlândia, 2023. Fotografia por Maria Carolina (skatista local do pico).

Os *picos plásticos*, são as ocupações espontâneas que demandam disputa e apropriação de território, adulteração do mobiliário urbano e produção/manutenção/ampliação de obstáculos e lugares ativos de serem *skatáveis*¹³. Um *pico plástico*, necessariamente já foi um *pico elástico*. A raiz da palavra “plástico” tem origem no grego “plastikos”, que significa “moldável” ou “que pode ser moldado”.

Uma amostra de *pico plástico*: Praça Tibery-DIY.

Uberlândia está situada no Planalto Central do Brasil, no verão chove bastante, mas no restante do ano o céu diurno sempre oferece um azul agradável. Seguindo na direção nordeste deste Terminal Central de ônibus, por menos de cinco quilômetros, está a praça Senador Camilo Chaves, no bairro residencial Tibery. É uma praça circular com ruas radiais, bem arborizada, ocupando uma área de quase 12.000 m². No ponto de origem da rua Montreal, do lado leste da praça, existe um piso de concreto firme, com uma pequena elevação em relação ao resto da praça. É uma área de cerca de 200 m² em forma de setor circular com palmeiras no seu perímetro. O restante da praça, com exceção da quadra

¹³ *skatável*, o *pico* deve ser favorável não apenas à prática performática, em um sentido corporal. Mas também deve possuir uma morfologia urbana a favor do encontro. O encontro é tão significativo que durante a etnografia no (antigo) Galpão-DIY o substantivo “consagração” aparecia nas narrativas dos *locais* como sinônimo para reunião, encontro, convívio e compartilhamento.

poliesportiva, possui o pavimento intertravado, composto por pequenos blocos de concreto que se encaixam uns nos outros.

No começo dos anos 2000, o skatista Fabrício Fuska, juntamente com outros skatistas, dirigiu um *DIY* para a ocupação espontânea do elevado da praça, em forma de setor. A intervenção foi uma mureta ligando o desnível entre os pisos: o mais alto e liso, em forma de *fatia de pizza*, ao mais baixo, do chão bloqueado da praça. A mureta de alvenaria foi produzida com as proporções adequadas para encaixar e deslizar o *skateboarding*. Revestimento de ladrilhos coloridos nas laterais e pedra de granito saturada de parafina chumbada no topo. Qualidade construtiva impecável. Esse tipo de obstáculo é chamado de *borda*¹⁴. E foi o início do *pico* “Praça Tibery-DIY”, no começo dos anos 2000.

Em correspondência pessoal com um skatista *local* do *pico* Tibery-DIY, Felipe Negão declara:

(...) não tenho metade da bravura e da atitude destemida que tinha quando estava no auge das minhas habilidades com o skate, aos 19 anos de idade. Alegro-me, porém, de perceber que (...) me ajudou a atravessar alguns momentos mais desafiadores da minha vida.

Correspondência do autor com Felipe Negão (2021).

O *pico* Tibery-DIY hospedou, em 2003, o *Desafio de rua III*, que é um evento itinerante de skate de rua produzido e promovido pela revista CemporcentoSKATE desde os anos 2000. É uma ideia simples e pioneira no Brasil, uma campanha de skate em que os juízes são os próprios skatistas participantes, reforçando o caráter anárquico da prática. Simplificadamente, é escalada uma equipe de skatistas profissionais e fotógrafos para sessões de skate de rua em cidades brasileiras. Uberlândia foi a cidade escolhida para o *Desafio de rua III*. Quinze skatistas profissionais de todo Brasil¹⁵ se encontraram em São Paulo e seguiram de ônibus para Uberlândia. Entre os *picos* escolhidos para a performance *Desafio de rua*, estava previsto a *borda* da praça Tibery a escadaria do Terminal Central.

O sistema de transporte público por ônibus da cidade de Uberlândia, o SIT (Sistema de Transporte Integrado), possui uma rede de terminais que se conectam a um Terminal

¹⁴ No termo nativo, *borda* descreve qualquer superfície, estreita ou não, elevada, que pode ser usada como obstáculo para realizar manobras de encaixes ou deslizamentos. As bordas são encontradas em canteiros, muretas, meio-fios, guarda corpos e paredes baixas.

¹⁵ Belo Horizonte, Cáceres, Campo Largo, Cascavel, Curitiba, Dourados, Esteio, Guarulhos, Porto Alegre, São Leopoldo, São Paulo e Uberlândia.

Central com vários níveis. No inferior ficam as plataformas de embarque e desembarque de passageiros e no superior, um centro comercial.

Em uma das entradas de acesso para pedestre deste Terminal, existe uma escadaria em concreto bruto e alvenaria para acessar os níveis do lugar. Essa escadaria é larga, cerca de quatro metros. Até o ano de 2003, ela era repartida por um corrimão robusto. O verbo está no passado por que, após o *Desafio de rua III*, o corrimão foi arrancado da escadaria do Terminal Central e instalado junto à *borda do pico Tibery-DIY*.

O último *pico* para o “III Desafio de rua”, 2003, foi o mencionado corrimão da escadaria do Terminal Central de ônibus de Uberlândia. Era final da tarde de domingo, céu azul de outono. Nada de chuva nem calor em excesso. A comunidade skatista da região compareceu em peso para assistir a última etapa do campeonato itinerante.

O skatista uberlandense João Paulo ficou em terceiro lugar com a melhor manobra no corrimão, um *front slide de flip*. Ricardo Porva ficou em segundo e em primeiro lugar o paulistano Bianco Bianchin, que “deu várias embaçadas (...), mandou mais de sete manobras e ficou andando no corrimão como se fosse uma guia”, pelo depoimento de Fábio Cristiano no vídeo, *III Desafio de rua - CemporcentoSKATE* (2003).

A sessão terminou pouco antes de escurecer, o corrimão não aguentou a sequência de impactos e começou a afrouxar. Intuitivamente, o coletivo de skatistas desprende a peça da escadaria e a retirou do local.



Figura 11 - QR Code com o link direcionado para o vídeo *III Desafio de rua - CemporcentoSKATE*, 2003. Na imagem à esquerda, trecho em que o corrimão é desinstalado da escadaria do Terminal Central, Uberlândia/MG. Fonte: <https://youtu.be/J3679ikPZ_o?si=8boKR5I4LIBXkQqX> acessado em 22/07/2024.

Poucas semanas depois, ele foi instalado na ocupação espontânea da praça Tibery, complementando a *borda* e o desnível do *pico Tibery-DIY*.

Produto de duas décadas de intervenções construtivas, o Tibery-DIY apresenta uma plástica dinâmica no tecido urbano.

A fotografia da figura 12, registra um *DIY* para substituição dos patamares grandes da escada por uma rampa, a fim de amplificar as possibilidades criativas do uso dos obstáculos para manobras e fotografias. Na mesma figura, ao lado esquerdo, há o referido corrimão da escadaria do Terminal Central, instalado em 2003.



Figura 12 - Uma amostra de *pico* plástico. *DIY* no *pico* Praça Tibery-DIY. Uberlândia/MG. Foto(a) não identificado, 2022. Substituição dos patamares grandes da escada por uma rampa, a fim de amplificar as possibilidades criativas do uso dos obstáculos para manobras e fotografias. *DIY* por Ricardo Porva e Caio Cruz. O corrimão presente na foto é o mesmo que serviu de obstáculo em 2003 na escadaria do Terminal Central de Uberlândia.

Em 2022, dezenove anos depois de sediar o campeonato itinerante *Desafio de Rua III*, Uberlândia foi, novamente anfitriã da edição *Desafio de Rua - on the road - CemporcentoSKATE*, que incluiu uma sessão no *pico* Tibery-DIY, inclusive, com alguns skatistas que participaram do encontro em 2003.



Figura 13 - Performance *Board Slide* de Tony Alves no *pico* Praça Tiberly - DIY. Uberlândia/MG *Desafio de Rua - on the road* 2022 - CemporcentoSKATE. Fotografado por Thiago da Luz, 2022. Fonte < <https://cemporcentoskate.com.br/videos/desafio-de-rua-on-the-road-ep3/>> Acesso 15/10/2024

1.3 - Os diagramas formativos dos *picos* e suas fases

O diagrama possui sete características formativas diretamente ligadas à intensidade qualitativa de uso do *pico*. *Skatavel*; Permanente; Ativo; Participativo; Dissidente; Escala e Relacional. Avaliado pelo usuário dos *picos*.

Essa ferramenta de avaliação do ambiente construído, considera a exposição e discussão dessas dimensões constituintes, de forma a moldar o *pico* por conceitos de origem espacial e temporal.

O Capítulo 2. Mapas p.53, traz o Mapa Geral da rede de *picos* de Uberlândia e o Mapa Setor Oeste da rede de *picos*, ambos em 2023.

O Setor Oeste é o mais desprovido, em um sentido quantitativo, de lugares para a prática do skate de rua, mas ainda sim, tem uma contribuição fundamental para a rede de *picos* de Uberlândia.

A exemplo o evento *Batalha da Z.O.*, que reúne as comunidades do skate e do Rap desde 2012. E a escadaria do Núcleo Viva Mansur, centro esportivo e cultural que deu início, em 2008, à rede de *picos* do Setor Oeste de Uberlândia.

Na seção **Anexos**, apresentamos em tabela o resultado da aferição da qualidade do ambiente construído dos *picos*, como parte da construção do discurso gráfico da dissertação.

As sete características formativas:

SKATÁVEL - Quanto mais infraestrutura para a qualidade de convivência e patinação, mais externo será o ponto no diagrama. O que torna um lugar *skatável*? Chão regular, iluminação noturna, sombra diurna, ponto de luz, banheiros, acessibilidade, paisagem atraente para fotografia e desenho dos obstáculos apropriados para performance de patinar e saltar.

PERMANENTE - O termo se relaciona à durabilidade construtiva do pico. Materiais de vida longa, como concreto, ferro, pedra e árvores, têm maior permanência no tecido urbano, assim como boa execução construtiva. Quanto mais externo o ponto no diagrama, mais provável a durabilidade do lugar.

ATIVO - A intensidade que o pico fomenta a ativação dos espaços e lugares em torno. Comércio e interseções com outros grupos sociais, Quanto maior a intensidade e frequência de atividades no *pico* e próximos a ele, mais externo será o ponto no diagrama.

PARTICIPATIVO - O quanto a morfologia do *pico* é produto da construção/manutenção/ampliação executada e agenciada pelos usuários, a comunidade skatista. O termo se relaciona à participação de diferentes níveis de entidades nessa produção. Quanto mais atores sociais estiverem engajados, mais participativo será o *pico*.

DISSIDENTE - O termo se relaciona à oposição aos códigos normativos e legais. Quanto mais localizado no ponto externo do diagrama, mais subversivo é o *pico*. Essa característica é apreciada pela comunidade skatista por uma questão de *ethos*, que envolve a construção de identidade dentro de um contexto cultural e social. O *skateboarding* é essencialmente uma prática anárquica.

ESCALA - Referente ao tamanho físico do *pico*. Quanto maior espacialmente, mais externo será o ponto no diagrama. O parâmetro está entre 120 m² até 2100 m².

RELACIONAL - O termo leva em consideração o quanto a intervenção coloca as pessoas em relação umas às outras. Quanto mais relacional a intervenção, ou seja, quanto mais ela proporciona a interação entre diferentes pessoas, mais externo será o ponto no diagrama.

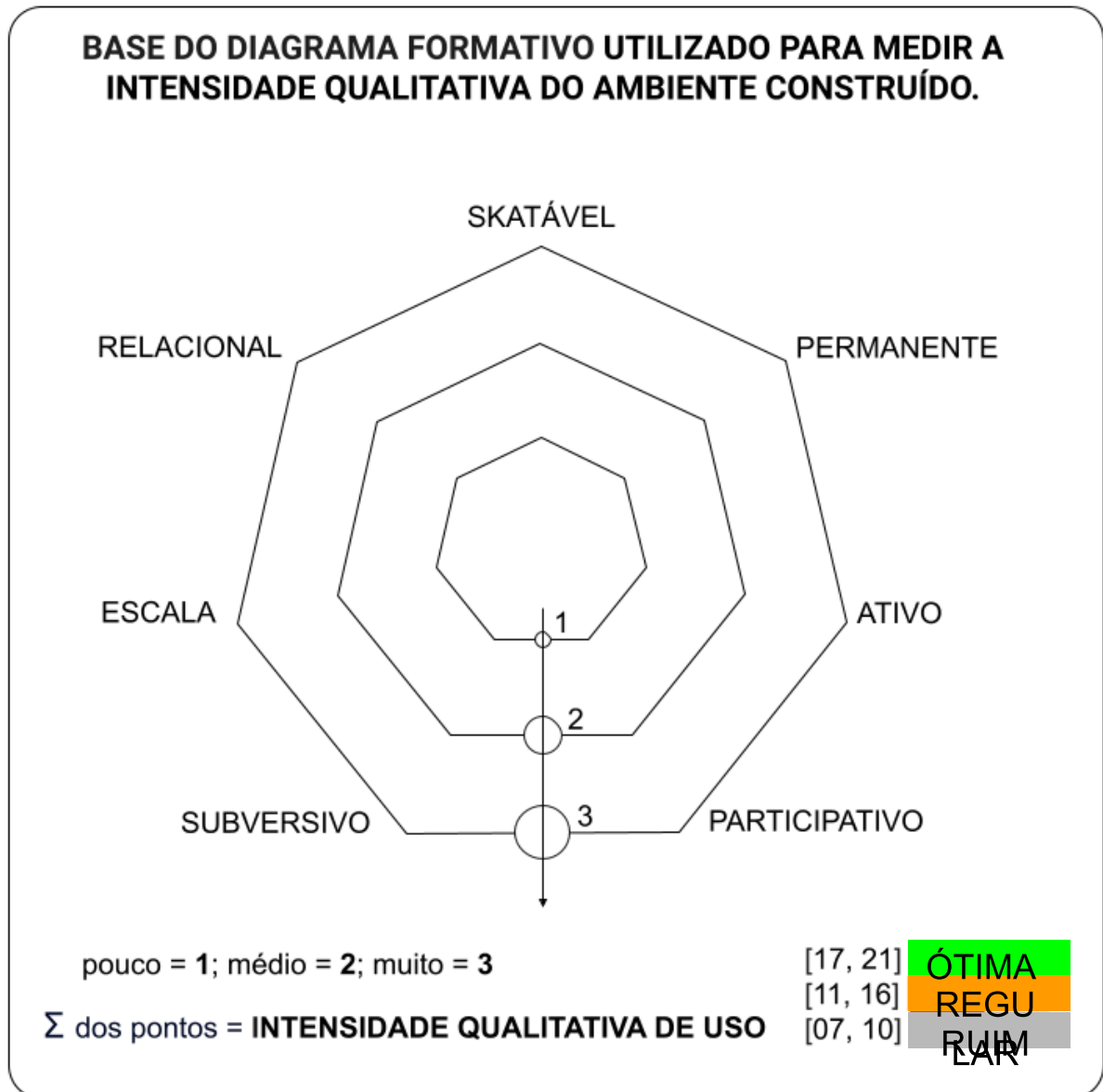


Figura 14 - Base do diagrama formativo utilizado para medir a intensidade qualitativa dos *picos*. Referência LabIt. Coordenado pela Profª. Drª. Adriana Sansão, 2018 UFRJ. Fonte: <<https://intervencoestemporarias.com.br/>>

Cada característica formativa do *pico* conta com três níveis de classificação, que indicam o índice qualitativo de uso: pouco = 1; médio = 2; muito = 3. No centro do hexagrama a **intensidade qualitativa de uso** do *pico* é baixa, aumentando em direção à periferia. E a somatória Σ dos pontos atribuídos para as características formativas do *pico* está no intervalo de (7, 21).

Sendo que: [7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

O intervalo (17, 21) aponta para uma intensidade qualitativa de uso do <i>pico</i>	ÓTIMA
O intervalo (11, 16) aponta para uma intensidade qualitativa de uso do <i>pico</i>	REGULAR
O intervalo (07, 10) aponta para uma intensidade qualitativa de uso do <i>pico</i>	RUIM

Cada extremidade do heptágono leva uma das características formativas descrita e cada característica conta com três níveis de intensidade que aumentam do centro para a periferia. Esses diagramas oferecem um comparativo da constituição das particularidades de cada unidade constituinte da rede de *picos*.

As características para esses diagramas foram aferidas pela etnografia construída junto aos usuários e construtores dos *picos*.

[$\notin$] não pertencem a este inventário as pistas de skate produzidas por processos divergentes ao *DIY*. Afinal, esta cartografia enfatiza a expressão de insurgências e poéticas marginais que apontam à utopia do direito à cidade.

Pistas públicas construídas pela iniciativa pública: São pistas produzidas por políticas públicas que, em sua maioria, são diagnosticadas com uma enorme lista de patologias construtivas;

Pistas públicas construídas pela iniciativa privada: As pistas construídas por agentes externos à comunidade skatista não ganham destaque nesta cartografia. Porque são lugares produzidos de cima para baixo, pistas para praças de condomínios financiados pela iniciativa privada;

Pistas particulares de uso restrito: são as pistas para uso restrito, em condomínios fechados por muros e clubes esportivos. Um favor à segregação espacial na cidade.

De toda maneira, reforçamos que a etnografia quis mostrar que essas pistas são muito queridas pela comunidade *skateboarding*, apesar da distância da cultura do *skate de rua*.

Surpreendentemente, a experiência etnográfica em campo mostrou que, para os/as skatistas, essas diferenças são desconhecidas e portanto ignoradas. Para a maioria dos interlocutores o primordial é a busca pelo equilíbrio. O movimento do *skateboarding* sempre corre no sentido de somar. Então, tudo converge em um único ponto: de acertar a manobra.

AS PISTAS PÚBLICAS, PRODUZIDAS PELA INICIATIVA PÚBLICA:

Em 2013, segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, foi criado o programa Praça da Juventude, que incluiu a construção de pistas de skate pelo país todo. Era um projeto padronizado com deficiências na qualificação da mão de obra para a construção das pistas. Apesar disso, na cidade de Uberlândia, dois *picos* (Jardim América e Azul) tiveram alterações, do projeto à execução da obra, com bons resultados. Fruto do acompanhamento do skatista formado em Arquitetura e Urbanismo, Diego Alcântara e demais membros da comunidade. O projeto previa, além da pista de skate propriamente dita, a inclusão de programas sociais, aulas e oficinas de skate. O ponto fraco desses *picos* foi em relação ao horário de funcionamento e a falta de continuidade dos programas sociais.

Os outros *picos* passaram por adaptações e manutenções realizadas pela própria comunidade skatista, o que contribui para elevar a sua qualidade. Lamentavelmente, alguns *picos* não receberam essa intervenção e permaneceram sem sucesso, tornando-se obstáculos abandonados.

No geral, todos esses *picos* eram frequentados, mas as restrições de horário, que, já eram um inconveniente, tornaram-se ainda mais rigorosas, durante a pandemia, as pistas ficaram fechadas por quase dois anos. Como resultado, muitos skatistas naturalmente migraram para os *picos* de rua ou ocupações espontâneas, como o Galpão-DIY e outros.

A iniciativa pública estadual e sobretudo a municipal, sempre, foram completamente alheias e até contrárias à prática do *skateboarding* regional.

Segue uma lista dos *picos* públicos produzidos pela iniciativa pública inventariados em 2023: Azul skatepark; Jardim América; Praça Paris; CEU São Jorge; CEU Monte Hebron; CEU Shopping Park.

AS PISTAS PÚBLICAS, PRODUZIDAS PELA INICIATIVA PRIVADA:

Os *picos Colmeia* (bairro Aclimação) e a *Mini ramp* Shopping Park, foram projetados e executados por skatistas veteranos, Alan Dante, Bruno Michelotto, Diego Alcântara e Ricardo Porva, para contemplar as áreas de lazer e esporte de loteamentos privados. Esses veteranos são “o Colmeia”, o escritório responsável pelo projeto e execução:

(...) o Colmeia é um escritório de arquitetura especializado na construção de

obstáculo de skate (...) e conseguimos fazer duas pistas de concreto excelentes (...) isso é skateboard, fazer o melhor com os recursos disponíveis independentemente de onde vem a grana, se é público, privado ou independente. E no final das contas o pico da mini ramp do Shopping Park foi levantado com dinheiro da Inconew (construtora) mas foi puro DIY por que a gente teve que correr atrás de tudo, o Banha tinha o contato na construtora e vendeu a ideia de fazer as duas pistas de skate. Nosso escritório não tem nem CNPJ (...) imagina só, o terreno do (bairro) Aclimação (onde fica o pico da Colmeia) era um aterro e levantamos uma pista excelente.

(Alcântara, 2022).



Figura 15 - O obstáculo imita a zona costeira, onde as ondas perdem energia à medida que se aproximam da faixa de areia. *Pico da Mini Ramp Shopping Park*, Fotografia produzida por Vinicius de Paula, maio de 2023. Fonte: <<https://maps.app.goo.gl/xwGXCLKwxAGsP4wW8>> acessado em 22/07/2024.



Figura 16 - *Pico da Colmeia*. O hexágono central faz referência a uma célula de favo de mel. As rampas nas laterais são um *simulacro* (Jean Baudrillard, 1981) das piscinas de fundo inclinado, ocupadas na década de 1970, Califórnia. Fotografia produzida por Tiago Takao, , janeiro de 2023. Fonte: <<https://maps.app.goo.gl/yYwP4qFwxcSui7yq5>> acessado em 22/07/2024.

Quanto à autoria do projeto da *Pista do Jacaré*, lançado em 2009 pela ITV Urbanismo, no Setor Leste da cidade, bairro Novo Mundo, continua desconhecida. A execução dela foi pela construtora do loteamento. Ela apesar de apresentar uma falha no obstáculo principal (angulação errada e *copings* precários), é um pico bastante querido e frequentado pela comunidade skatista.



Figura 17 - A *Pista do Jacaré*, bairro Novo Mundo, Setor Leste, Uberlândia, 2019. Fotografia produzida por Matheus Grilo, @griloano, *Frontside 180 flip* por @gustavinsta.skt. Fonte: Acervo do autor.

São esses três, os *picos* públicos produzidos pela iniciativa privada e inventariados em 2023: *Mini Ramp Shopping Park*; *Colmeia* e *Pista do Jacaré*.

AS PISTAS PARTICULARES DE USO RESTRITO:

O movimento do *skateboarding* sempre corre no sentido de somar. Então tudo converge em um único ponto: surfar a cidade. Talvez, essa prioridade, de acertar a manobra, tenha a magia de colocar as diferenças individuais em segundo plano. O *bowl*¹⁶ do condomínio Barcelona é um obstáculo bastante especial e incomum. Ele imita as piscinas

¹⁶ *Bowl* é uma estrutura côncava que imita uma piscina vazia. Os *bowls* são projetados para que os skatistas possam deslizar suavemente pelas paredes curvas, realizando performances com saltos e manobras aéreas. O formato côncavo do *bowl* permite que os skatistas mantenham a velocidade e a fluidez, sem a necessidade de empurrar o *skateboarding* constantemente.

vazias invadidas na Califórnia, na década de 1970.

Apesar de não se constituir um *pico*, pois lhe falta a permeabilidade citadina, alguns moradores do condomínio administram a entrada livre para skatistas que solicitam o uso do obstáculo.

Já a pista da FOX Club no clube Praia Clube é de uso restrito para associados. No entanto, a loja FOX Club produz campeonatos e torneios em um sentido do skate esportivo, que, apesar de ser uma categoria separada do skate de rua, acolhe a comunidade e fomenta indiretamente o skate de rua.

Segue o inventário dos *picos* de uso restrito, inventariados em 2023. Pista da FOX Club no Praia Clube e no Uberlândia Shopping; Bowl do Condomínio Barcelona. Todos situados no Setor Sul da cidade de Uberlândia.

*

As pistas municipais (CEU - Centro de Artes e Esporte Unificados)¹⁷ que não foram contempladas com o acompanhamento e a intervenção de agentes da comunidade skatista, infelizmente, não possuem uma qualidade satisfatória para uso.

Dado que, além de um design desfavorável à patinação, também, possuem patologias construtivas severas. O uso desses lugares pela comunidade skatista ocorre na mesma dinâmica de uma intervenção ou apropriação em qualquer outro fragmento da cidade. Como exemplos temos: o *Pico do Jacaré* no Setor Leste (figura 17 p.49) e o *Half Pipe* (Bairro Roosevelt, Setor Norte (figura 18 p.51), mesmo eles possuindo a angulação inadequada das rampas, foram apropriados pela comunidade.

¹⁷ CEU bairro São Jorge; CEU bairro Shopping Park; CEU bairro Maravilha; CEU bairro Monte Hebron.



Figura 18 - *Onda Dura! Half Pipe* da Praça Paris, no bairro Roosevelt, Setor Norte. Fotógrafo(a) desconhecido(a). Uberlândia, provavelmente 2015. *Rock and roll* por skatista desconhecido. Fonte: Acervo do autor.

As pistas municipais que tiveram a participação de agentes da comunidade skatista, seja no acompanhamento executivo de obra, seja como projetista, possuem uma alta qualidade *skatável*, se esquivando da limitação de recursos.

Para citar como exemplos temos: o *América* (bairro Santa Rosa, no Setor Norte), o *Azul* (bairro Santa Mônica, Setor Leste), *Colméia* (no bairro Aclimação, Setor Leste (figura 16 p.48) e da *Mini Ramp Shopping Park*, no Setor Sul (figura 15 p.47).

São pistas projetadas por agentes da comunidade com impulso de políticas públicas e financiamento da iniciativa privada. São lugares muito estimados pela comunidade skatista. Essa qualidade do ambiente construído foi alcançada devido à tecnologia acumulada empiricamente no canteiro de obra dos picos de rua.

Outro exemplo destacável é a *Mini Ramp Shopping Park*, que alcançou uma qualidade *skatável* excepcional, pois foi produzida após dois obstáculos semelhantes e experimentais no (antigo) Galpão-DIY.

Assim se sucede, os picos de rua funcionam como laboratórios experimentais para as pistas oficiais. O skate de rua funciona como uma matriz para todos os sentidos do skate.

1.4 - A construção dos mapas

O ponto de partida para a construção dos mapas de nossa dissertação, é a proposição de que eles teriam, além da função de representação visual da rede de *picos*, um componente ativo de fruição, como um pôster, tão raro em tempos de escassez de material impresso.

O mapa oferecido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia foi a base para o nosso movimento de criação e construção geral da rede de *pico* da cidade em Mapas/posters. Nas camadas acima desse mapa oficial, circunscrevemos uma iconografia da comunidade skatista de Uberlândia, junto aos diagramas formativos das unidades da rede de *pico*, com a finalidade de oferecer uma leitura plana ligando as intensidades, qualitativa e quantitativa, de tais usos.

Dentre as metodologias de divisão do espaço urbano, seccionar a paisagem por limitação de setores, Central, Norte, Sul, Leste e Oeste, foi a forma apropriada para essa dissertação.

Sobre o Mapa Oficial de Uberlândia, acrescentamos camadas de dados extraídos da etnografia feita. Como uma *colagem* digital. Para a produção dos mapas foi utilizado o *software* de design gráfico de código aberto *Inkscape*

A maneira como o grupo de mapas foi construído deixa aberta a possibilidade de produção de mais quatro cartas nas seguintes regiões da cidade: a Central, Norte, Sul e Leste. Além de um *poster* como objeto de fruição.

Quanto à visualização dos mapas, são acessados por *link*, como também, é possível baixar o arquivo para impressão.

Capítulo 2. Mapas

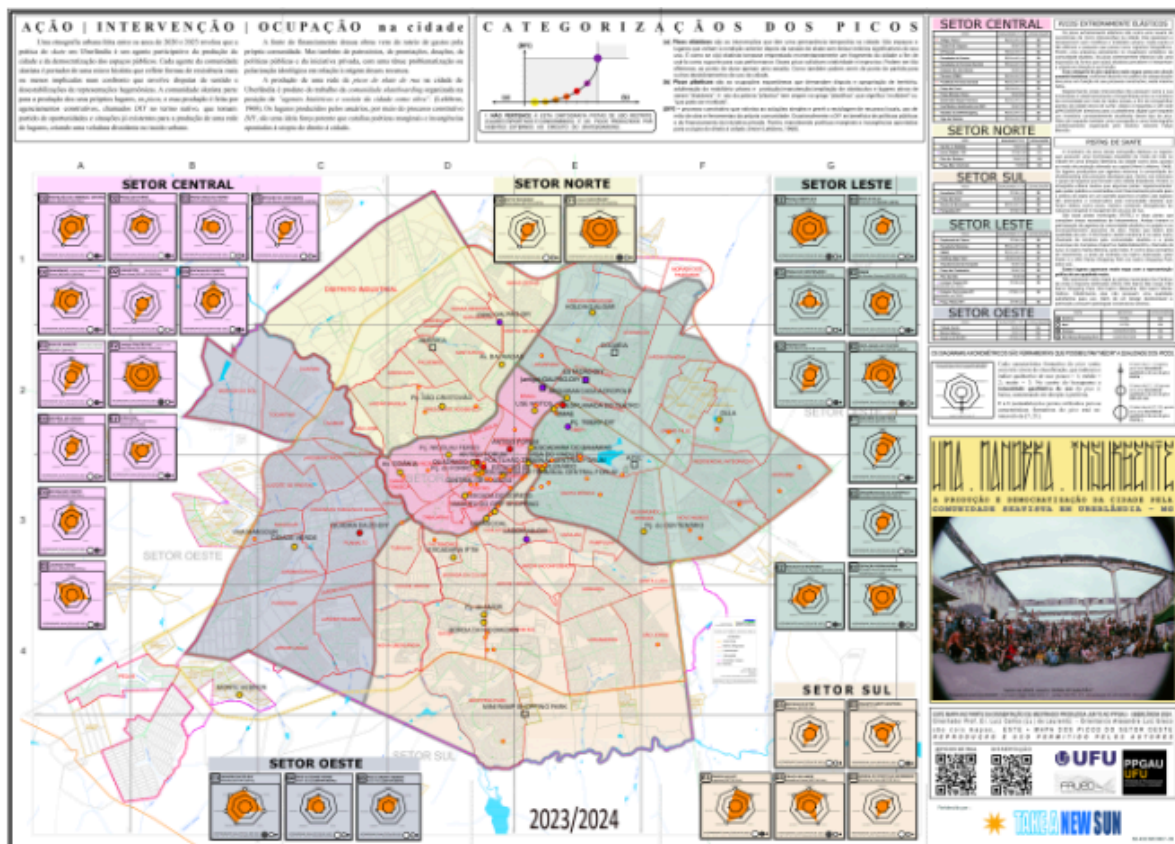
Orientações para Download do Mapa em PDF

O mapa está disponível em formato **PDF** para ser visualizado on-line; ou baixado e visualizado na plataforma de sua preferência (computador, smartphone ou tablet); ou impresso.

Você pode acessar o arquivo utilizando o **link** abaixo da miniatura do mapa e utilizar qualquer aplicativo leitor de PDF, como Adobe Acrobat Reader, Google PDF Viewer, ou similares.

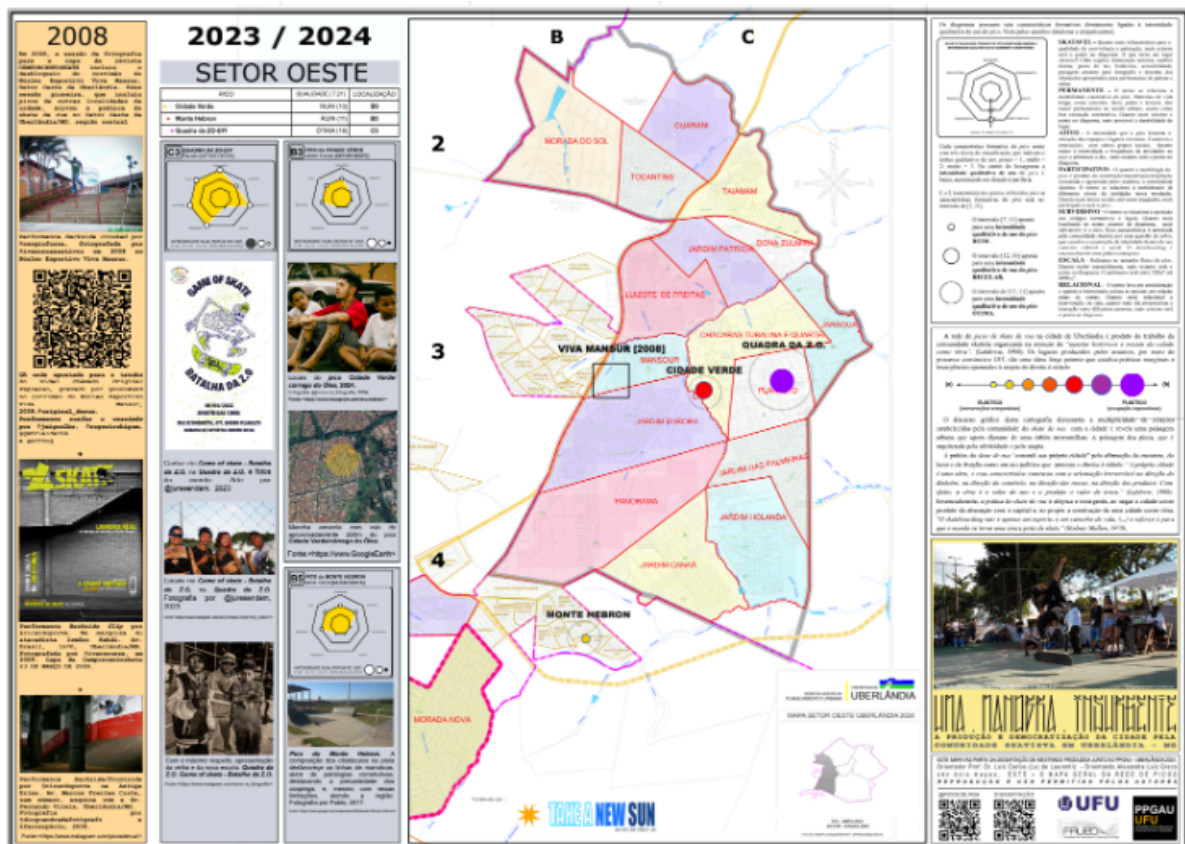
Esse conteúdo pode ser utilizado livremente. Para imprimir, a recomendação é tamanho A1.

2.1 O Mapa Geral da rede de *picos* de Uberlândia 2023:



[MAPA GERAL DA REDE DE PICOS UBERLANDIA 2024.pdf](#)

2.2 O Mapa Setor Oeste da rede de *picos* de Uberlândia 2023:



[MAPA DA ZO PDF.pdf](#)

2.3 Link que direciona para a pasta com os mapas, download.

MRPU - MAPAS DA REDE DE PICOS DE UBERLANDIA

- (10MB). MAPA GERAL DA REDE DE *PICOS* DE UBERLÂNDIA 2024.
- (16MB). MAPA SETOR OESTE DA REDE DE *PICOS* DE UBERLÂNDIA 2024.

Capítulo 3. Surfar a cidade

3.1 *É na rua que se anda de skate de verdade!*

Surfar pela cidade com um *skateboarding* é uma prática composta por três seções: **(i)** Produzir e manter ajustes na tipologia urbana para que fique mais *skatavel*. Isso pode ser desde uma simples varrida no piso para deixar livre de detritos, até a apropriação de espaços abandonados. O que implica disputa territorial e vários níveis de adulterações construtivas. **(ii)** Registrar e compartilhar as sessões de performance corporal com um *skateboarding* e as vivências cotidianas por meio de fotografias; **(iii)** afirmar o encontro afetivo como ato político.

Esses componentes articulados constituem uma única e indivisível prática: o skate de rua. Em uma historiografia do *skateboarding* vista a partir do design, temos um ponto de inflexão claro nos EUA, durante a década de 1970.

Contudo, voltemos um pouco mais sobre esta história. Em 1959, o fabricante norte americano Roller Derby, produziu e comercializou um brinquedo chamado *sidewalk surfing*. Uma prancha fina de madeira, com cerca de 60 centímetros de comprimento e 20 centímetros de largura, com um par de eixos articulados fixados na parte de baixo e quatro rodas de ferro. O brinquedo ganhou certa popularidade na época, porém a falta de aderência das rodas com o piso limitava seu uso.

No começo da década de 1970, o surfista Frank Nashworthy reativou o design do *sidewalk surfing* com uma inovação no material e no desenho das rodas. Ele substituiu o ferro por uretano e adicionou um par de rolamentos no núcleo de cada uma das quatro rodas do *skateboarding*. Com tais alterações, o brinquedo ficou mais estável e veloz, possibilitando um transplante das manobras realizadas no surf para a experiência corporal de deslizar nas ruas das cidades. (Brooke, 1999 s.p).

O *sidewalk surfing* chegou ao Rio de Janeiro, no final de 1960, e se tornou o *Surfinho*. A *galera* adaptou a invenção norte-americana à topografia carioca descendo morros, inventando manobras e possibilidades inéditas de diversão.

Com essa consideração, abrimos uma discussão sobre a participação da prática do skate de rua enquanto produtor da cidade e sua democratização no espaço público em

Uberlândia. Ressaltando que essa participação se valida por meio de ações | intervenções | ocupações. O Galpão-DIY abriga uma faixa larga de práticas artísticas e simbólicas de resistência, que apontam para o exercício da cidadania e da contestação política. O *pico* potencializa sociabilidades, construções de visão de mundo e estéticas engajadas capazes de promover identidades positivas, contrariar estereótipos e revelar vivências ocultas na cidade. Mesmo quando essas formas de resistência não implicam num confronto direto com a sociedade de mercado, elas envolvem disputas de sentido e desestabilizações nas políticas de representação hegemônica.

*

Voltando para a Califórnia, no final da década de 1970, ladeiras, estacionamentos, rampas e enormes tubulações de drenagem pluvial serviam de suporte para a recente prática do *skating*, promovendo uma nova experiência de fruição com a cidade e também o encontro, a convivência e a confraternização entre praticantes e simpatizantes, semelhante ao que o surf proporciona no mar, porém, na cidade.



Figura 19 - Jay Adams usando um *sidewalk surfing* com rodas de uretano. Fotografia produzida por Hugh Holland. Los Angeles. 1975. Fonte: HOLLAND, Hugh. Fonte <<https://www.mbphoto.com/artists/16-hugh-holland/works/>> acessado em 22/07/2024

Hugh Holland e Glen Friedman são fotógrafos que registraram esse momento da historiografia do *skateboarding*, na costa oeste norte-americana, na década de 1970. Em seu livro, *My Rules*, Friedman (1977, p. 34), destaca o depoimento de Stacy Peralta, em relação às tipologias delas: “As piscinas de Los Angeles na década de 1970 eram inspiradas nas

luxuosas piscinas das estrelas de cinema de Hollywood dos anos 1940 e 1950. Amplas, sinuosas e sem quinas no fundo. (Tradução dos autores.)”¹⁸

Conforme foi visto, existiu um modismo no desenho das piscinas californianas nas décadas anteriores à explosão do *skating*. Esse modismo entrou em declínio e muitas delas foram abandonadas, a partir de meados dos anos de 1970.

Outra coisa destacável é que nos períodos de estiagem, muitas dessas piscinas ficavam sem manutenção, parcialmente ou totalmente secas e relativamente abandonadas. Estiagem e safras de ondas ruins para surfar pareciam “andar” juntos na Califórnia.

Daí, naturalmente, alguns surfistas começaram a fazer experimentações de “surf” nessas piscinas com *skateboards* e o seu mais recente design com rodas de uretano (Brooke, 1999, s.p).



Figura 20 - Sessão no *pico Adolph's Pool*. Tony Alva, Jay Adams, Kent Senatore, Jerry Valdez dentre outros. Los Angeles 1977. Fotografia por Glen Friedman. Provavelmente 1977. Disponível em <[friedmanhttps://ozzieausband.wordpress.com/2016/07/17/return-to-adolphs/](https://ozzieausband.wordpress.com/2016/07/17/return-to-adolphs/)> acesso em 19/04/2023

É pertinente notar que essas piscinas eram, muitas vezes, invadidas e usadas sem a autorização dos proprietários e daí demandavam alguma intervenção de natureza construtiva para o novo uso: drenar a água e resíduos do fundo, retirar corrimãos e arandelas da piscina, remendar rachaduras e buracos, desbastar ou chanfrar alguma borda.

¹⁸ (...) *the swimming pools in the Los Angeles basin at that time were like nothing else in the word (...) they were all modeled after the famous movie star pools of the 1940 and 1950. These big voluptuous shapes made popular by Hollywood.* Friedman (1977, p. 34)

Essa dinâmica sempre foi registrada pela fotografia e compartilhada pela própria comunidade através de impressos, revistas, pôsteres e publicações.

Na fotografia apresentada na figura 21, p. 56, é notável uma pilha de blocos ao fundo e uma camada do contrapiso da borda da piscina desbastada. Provavelmente providenciado para diminuir o solavanco das rodas e do eixo do *skateboarding* ao cruzar o nível do chão. São indícios de adaptações construtivas feitas para melhor competência das manobras. Friedman (2016), discorre sobre a produção dessa fotografia em seu Instagram:

(...) tirei essa foto do Cachorro Loco (referente ao skatista Tony Alva, que marca o ponto máximo da manobra com um gesto provocativo com a mão) na estreia de uma lente grande angular (Takumar 17mm). O pico foi uma invasão de uma propriedade em Beverly Hills em 1977. A maneira de Tony Alva usar seu corpo com o skateboarding é única, e continua assim até os dias de hoje (...). Essa foto foi publicada pela primeira vez em um artigo que dava orientações de como produzir ótimas fotos de skate; “Talking Killer Skate Photos.

publicado originalmente na Thrasher Magazine, 1983 s.p.¹⁹

19

Disponível em
<https://www.instagram.com/p/Cws0qQPpLQh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==> acessado em 22/07/2024.



Figura 21 - Tony Alva surfando em uma piscina invadida, em Bervely Hills, bairro localizado na região oeste de Los Angeles, Califórnia. Fotografia produzida por Friedman Glen, em 1977. FRIEDMAN, Glen. My Rules. Editora Burn Flags. São Francisco: 1978. p. 134. Também disponível no Instagram do fotógrafo <https://www.instagram.com/p/Cws0qQPpLQh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==> acessado em 22/07/2024

Ainda nesta fotografia, a prancha do *skateboarding* está em primeiro plano, deixando o logotipo *ZEPHIR* não muito vistoso, porém legível. Na mitologia grega, Zéfiro é o deus do vento oeste, associado à brisa suave da primavera.

Nos anos 1970, um grupo de jovens skatistas originários da área de Dogtown em *Venice*, Califórnia, ficou conhecido como *Z-Boys* ou *Zephyr Team*. O grupo começou como uma equipe de surf, mas seu foco mudou para o skate quando os membros começaram a experimentar manobras de surf nas ruas e piscinas usando pranchas de skate.

Essa maneira de surfar a cidade desenvolvida na Califórnia, se relaciona com o ambiente construído de maneiras que não foram previstas pelos construtores, ressignificando a paisagem urbana em um sentido insurgente e poético.

O papel das revistas e fanzines foi crucial como catalisador da prática do skate de rua, fomentando a capacidade dos indivíduos subverterem e transformarem a cidade de acordo com suas performances.

Nos EUA, *Surfer Magazine* (1964) deu origem à *Skateboarder Magazine* (1975), e mais tarde, quando o skate se descolou significativamente do surf, a *Skateboarder Magazine* se tornou a *Thrasher Magazine* (1981). Uma revista muito influente e conectada com o skate de rua e a cultura punk.

No Brasil, skatista carioca veterano Cesinha Chaves, falecido neste ano²⁰, relata que começou a andar de skate em 1968, e, somente na década de 1970 que o skate começou a aparecer em revistas especializadas no Brasil. Como a pioneira *Esquete*, que teve apenas duas edições em 1977. (Viegas e Brandão, 2009, p. 26).

²⁰ Oração em memória, não para lamentar ausências, mas para homenagear os que partiram antes de nós. Mister Jonnes †1997. Clavícula †2021. Mano Drew †2022 e Cezinha Chaves †2024. Estejam em Paz.



Figura 22 - Capa da primeira revista brasileira de skate, 1977. Disponível em <<https://elloskatehouse.blogspot.com/2010/05/historia-das-revistas-de-skate-antes-de.html>> acesso em 19/04/2023

À medida que a produção e o consumo de fotografias migrou das plataformas impressas para os dispositivos digitais, devido à popularização da internet e das câmeras fotográficas embutidas nos *smartphones*, a possibilidade dos agentes produzirem seus

próprios canais de comunicação amplificou as micronarrativas dissidentes e as poéticas marginais.

No caso da nossa pesquisa, sobre a rede de *picos* de Uberlândia vista a partir de seu nó central, o Galpão-DIY, a plataforma mais popular entre os membros da comunidade skatista é o *Instagram* e o *Whatsapp*.

Por meio desses canais o/a fotógrafo/a na sua condição de skatista ou o/a skatista na condição de fotógrafo/a grava e imprime simultaneamente uma iconografia da poética de surfar a cidade.

É uma produção que se auto reforça, já que essas imagens são como um modelo para a performance corporal e o seu registro. Simultaneamente, são imagens que mostram o relevo da vida nos *picos* e uma série de vivências e formas criativas de se relacionar com e na cidade.

Com a consideração de que surfar a cidade é uma prática composta por essas três seções articuladas entre si, (i); (ii); (iii)²¹, abrimos uma discussão sobre a participação da prática do *skate de rua* enquanto produtor da cidade e sua democratização no espaço público em Uberlândia. Ressaltando que essa participação se legitima por meio de intervenções temporárias, ocupações espontâneas e ações táticas.

Com maior ou menor permanência, os *picos* são incontáveis unidades que acolhem uma faixa larga de práticas artísticas e simbólicas de resistência, e de protesto por uma cidadania. A cidade não deve ser apenas um espaço físico, mas também um espaço social e político onde as pessoas têm o direito de participar na formação e transformação do ambiente urbano. "O direito à cidade é como um grito e uma demanda." (Lefebvre, 1968, p. 147).

²¹ Conforme escrevemos anteriormente: **(i)** Produzir e manter ajustes na tipologia urbana para que fique mais *skatavel*. Isso pode ser desde uma simples varrida no piso para deixar livre de detritos, até a apropriação de espaços abandonados. O que implica disputa territorial e vários níveis de adulterações construtivas; **(ii)** Registrar e compartilhar as sessões de performance corporal com um *skateboarding* e as vivências cotidianas por meio de fotografias; e **(iii)** afirmar o encontro afetivo como afirmação de identidade e ato político.

3.2 Os sentidos do skate

Andar de skate está submetido às condições impostas pela gravidade, pela velocidade, pelo tempo e pelo espaço. Para acertar uma manobra você se machuca, e depois que acerta ela some, vai com o tempo é um exercício de desapego. Voltar de uma manobra é como voltar para casa depois de uma longa viagem.

Podemos atribuir ao *skateboarding* vários sentidos e são muitas as motivações que levam uma pessoa a estabelecer uma relação com ele. Os sentidos do skate, ou seja, a motivação que leva a impressões de uma matriz bem primitiva: o corpo em movimento na cidade. Empurrar e puxar. Subir e descer. Cair e levantar.

Na prática do skate tem um sentido de *show*, de exibição de manobras radicais, com mega rampas e circuitos de campeonatos internacionais como o X-Games. E tem também na prática do skate, um sentido recreativo como busca pelo lazer e pelo lúdico e do skate no sentido de promoção e inclusão social. Todas essas categorias se transpõem e possuem como matriz o skate de rua. E há também o skate esportivo.

Para este trabalho dissertativo, apontamos na direção do skate de rua e seu sentido insurgente, marginal, poético e flaneur. O skate que ganha os lugares que não foram pensados para sua prática. O skate que ressignifica a paisagem urbana.

O encontro afetivo é presente de maneira horizontal na rua, os corpos se misturam e se relacionam de uma maneira libertária, não há segregação ou agrupamento de quem está andando de skate, assistindo, fotografando ou convivendo com o grupo. Nem tão pouco o sentimento de vencedor ou perdedor.

O skate em um sentido de espetáculo também é uma modulação do sentido do skate de rua. O desenho das manobras nas mega rampas ou o uso de equipamentos urbanos com alto grau de dificuldade são uma amplificação da criatividade produzida pelo skate de rua. Esse espetáculo é muito atrativo, e é usado como ferramenta publicitária por grandes marcas multinacionais.

A reunião de grandes plateias para a audiência do *skate show* possui uma simetria desbotada se comparada ao encontro afetivo que o skate de rua possibilita. O espetáculo de skate promove um encontro agenciado por grandes marcas multinacionais em um sentido de

seduzir e contemplar consumidores. Assim a produção de fotos e vídeos é motivada por uma força mercantil e não por uma busca poética.

É notável aqui uma simbiose entre as categorias de práticas de skate. O skate de rua fornece o elemento poético e essencial para o skate esportivo e o skate de espetáculo. E essas duas últimas categorias alimentam (mesmo que de maneira escassa) materialmente o skate de rua, por meio de patrocínios, premiações e mecenatos. O skate esportivo e o skate de espetáculo também são atrativos e servem como convite para entrada no campo do skate de rua.

Os sentidos da prática do skateboarding habitam um amplo espectro nas formas de interagir com a cidade e, em menor ou maior intensidade, se movimentam sistematicamente em direção de potencializar a afetividade nos espaços públicos por meio da comunhão coletiva.

Assim, essa cartografia aponta para uma reflexão a favor da rua, vista não somente como um lugar de passagem e circulação, mas como o lugar do encontro, da espontaneidade, do movimento e da multiplicidade.

3.3 Skate de rua como matriz de seus sentidos

Em 2018, o Museu Ichihara Hohan, em Chiba, abrigou a performance (Figura 23 p.62) “Skateboarding calligraphy free hand” do artista Takahiro Morita. Com um *fude* (pincel específico para a prática da caligrafia artística oriunda do Japão, o *shodō*/書道), encharcado de nanquin fixado em um skate, o artista patinou no chão e nas paredes brancas, deixando um registro gráfico do gesto de seu corpo interpretando a arquitetura da galeria com o *skateboard*. O museu em Chiba (Japão) não foi desenhado para ser *skatável*, no entanto serviu de suporte para a construção poética do artista.

Essa invasão, de uma performance essencialmente marginal e ligada às ruas, para dentro de um museu de arte, é uma amostra da amplitude dos sentidos do skate. E, apesar de não ser essa a questão central deste trabalho, ela é substancial para o entendimento da categoria skate de rua.



Figura 23 - Performance “*Skateboarding calligraphy free hand*” do artista Takahiro Morita 2018 Chiba (Japão). Disponível em: <<https://www.lensculture.com/projects/725955-skateboarding-calligraphy-free>> Acesso em 14/06/2023.

O skate ganha os lugares que não foram pensados para sua prática. Sandro Dias, skatista veterano, apresentou em 2019, uma sessão no alto da Ponte Governador Orestes Quércia, a “estaiadinha” na marginal Tietê, em São Paulo. Essa exibição foi promovida pela multinacional *Red Bull*. Esse é o skate em um sentido de espetáculo com ampla audiência e aglutinação de grandes plateias assistindo à exibição de manobras com alto grau de dificuldade técnica em equipamentos urbanos.



Figura 24 - O skatista mineiro hexacampeão mundial, Sandro Dias, em uma *session* na ponte Estaiadinha, Marginal Tietê. São Paulo, 2022. foto: Fabio Piva/Red Bull Content Pool. fonte: <<https://www.redbull.com/br-pt/skate-sandro-dias-facanha-ponte-estaiadinha-video>> Acessado em 14/06/2023.

Na figura 24, a performance do skatista Sandro Dias, que, apoiado por uma infraestrutura agenciada pela multinacional *Red Bull*, apresentou a *Session na ponte Estaiadinha*, 2019, em frente ao pátio da Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo (CET), na Marginal Tietê. Essa sessão é um componente de uma campanha publicitária e se valeu de uma infraestrutura lícita, no entanto, possui suas raízes na subversão do skate de rua, na ação | intervenção | ocupação da e na cidade.

Três anos antes, em 2016, o pixador “*Misfits*” firmou sua assinatura na Ponte Estaiada, também, em São Paulo, na Marginal Pinheiros, que logo foi removida. Recentemente, em 2023, a ponte voltou a ser pixada, autoria do coletivo de pixadores|as “*os piores*” de São Paulo.

(...) por que a Coca-Cola e a Redbull podem colocar as letras deles na cidade e nós não? A gente mete o foda-se tá ligado!!! Mete o rolo e faz na cara larga mesmo (...) é pra afrontar (...) pixador não está nem aí (...) é anarquia pura. O sistema treme.

Depoimento anônimo²²

²² Fonte <<https://www.instagram.com/noticiasdapixacao/>> Acessado em 14/06/2023.

O skate em um viés esportivo e em um viés de espetáculo são uma modulação do skate de rua. O skateboarding praticado na rua se comporta como uma matriz para os demais sentidos do skate. O skate de rua se afirma como uma prática libertária em busca de formas de interpretar, ressignificar e produzir a cidade usando o skate e o encontro para isso.

Na cidade de São Paulo, o grupo *Flanantes* propõe intervenções e táticas urbanas de apropriação do espaço público. É uma maneira de subverter a morfologia urbana.

Além desse elemento subversivo é indispensável para a prática do skate de rua a propensão para o encontro e para a confraternização, semelhante ao que ocorria na faixa de areia das/nas sessões de surf na Califórnia das décadas de 1960 e 1970.

A releitura do espaço e lugar urbano pelo “*skating*” constitui uma forma de experimentar a cidade não só por meio de patinar e interpretar os elementos urbanos como objetos “saltáveis”, mas também, constitui uma maneira de tecer uma rede afetiva por meio do encontro e trocas de vivências. Para o skatista Vagau-Galpão-DIY 2022: “...andar de skate é sobre evolução (...) a amizade tá ligado!!!(...) muito mais do que pisar na lixa”. Há outro depoimento, aqui:

(...) é um presente, uma bença, man. entende? ter esse pessoal na sua vida que não é sua família te dando esse apoio entende? alimentando essas coisas maravilhosas que eles te alimentam pelo amor ao skate. Isso não dá pra comprar (...) Por que eles falam família é tudo, não é não. Eu não tenho família. Pra quem não tem família, amigo é tudo. Friendship are everything. E vocês são meu everything entende? E eu estou contente que eu tenho uma família aqui mas é o skate que me deu essa família aqui. É por isso que volta tudo para thank you skateboard entende? É isso (...) pô! Se você falar pra mim que ia pôr o pé nessa madeira (segura o skate com naturalidade e olha fixamente pra ele) e ia viajar o mundo inteiro os cara ia falar: vc tá brincando? mas tem gente que já fez e eu vi. É isso que é a beleza man! É a caminhada. E agora eu vou falar: é a caminhada. Pra gente que não teve nada na vida isso é tudo, entende? E pra acreditar nisso aqui (aponta para o skate no chão). Porra! éh!!! Você viaja o mundo leva o skate com você aí você volta e traz alguma coisa pra onde você veio por causa do skate. É isso meu. Vocês me inspiram muito mais que os caras de Nova York.

(Jumonji, pelo Instagram, 2022)

E, mais outro, sobre o assunto pertinente:

(...) o pico do (bairro) América foi minha vida, aquilo lá foi meu pai, foi meu irmão, foi meu amigo e me apresentou a vivência que me tornou a pessoa que sou hoje em dia. Porque graças ao América e ao skate eu tive a vivência da rua (...) em quase 10 anos de América eu conheci nego que eu nunca mais vi na vida, nego que hoje tá trabalhando, tá casado, que faleceu mas que

nunca vai deixar de fazer parte de quem eu sou. Bota fé? O America é exatamente isso: a casa de todo skatista da minha geração tá ligado? A minha geração respira o América, respira o (pico) Azul, o (pico) Luizote. Bota fé? Essa é a minha geração. Eu tenho certeza que assim como eu fui salvo pelo América eu tenho certeza que muito maluquinho também foi salvo (...)

(Centoeitenta, Galpão-DIY 2022)

Capítulo 4. *Do it Yourself!*

4.1 Os Picos de rua

Na cidade do Rio de Janeiro, foi construída em 1976, a Pista do Arpoador, um *bowl* na praia em formato de concha, uma simulação das piscinas invadidas na Califórnia da década de 1970. Contextualizado ao cenário político e social do Brasil, a década seguinte, 1980, foi o momento em que a performance na cidade ganhou popularidade e a adesão de uma juventude rebelde que ocupava as ruas e os espaços públicos. Foi nos anos 1980, junto ao processo de redemocratização, que o skate se associou com a ideologia Anarcopunk e ao crescimento de fanzines e revistas especializadas de cunho subversivo. A popularização do estilo *street*, ou skate de rua, fomentava, performances e intervenções temporárias, colocando uma nova abordagem de uso do espaço público.

A construção de pistas públicas nas décadas 1980 e 1990 se concentrou nas cidades de grande porte, principalmente na região Sudoeste e Sul do Brasil. Porém, com ou sem pistas destinadas para a prática, nas grandes e pequenas cidades, os praticantes do *skating* sistematicamente interpretavam a cidade por meio de **ações | intervenções | ocupações** com suas performances criativas. A hipótese é que, as pistas, enquanto espaço ordenado, não conseguem conter o espírito libertário da prática do skate,

(...) o uso corriqueiro do termo pico, se refere a equipamentos urbanos que se convertem em obstáculos que dão suporte a vários tipos de manobras, isto é, as técnicas corporais desenvolvidas com o skate. Além disso, a noção de pico também é utilizada em escala mais ampla, a fim de categorizar não apenas um equipamento isolado, mas espaços que contemplam inúmeros deles, os quais, além de propiciar a prática em seu âmbito, também favorecem a formação, ampliação e manutenção de redes de sociabilidades entre os usuários que compartilham os gostos e experiências parecidas. A cargo de exemplo, um banco (ou corrimão, escadaria, canteiro etc) da Praça Roosevelt (São Paulo) pode ser chamado de pico, assim como a própria praça que o mantém também pode. Portanto, tal praça é um pico (espaço de sociabilidade legitimado pelos skatistas) que reúne múltiplos picos (equipamentos urbanos) em seus limites. (...) De modo geral, a categoria nativa pico, quando em referência a um espaço de sociabilidade, se aproxima da noção de “pedaço”, a qual fora proposta por Magnani (2000). De acordo com tal autor, o “pedaço”, em seu sentido antropológico, é definido “quando o espaço - ou segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência

para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani, 2000, p. 32). Nesse “pedaço”, as relações se dão com base em gostos e em práticas comuns por parte daqueles que ali estão e também pelo cumprimento de certas normas e etiquetas.

(MACHADO, Giancarlo M.C. . em “A Cidade dos Picos, a prática do skate e os desafios da cidadinidade”, 2017 p.65)

Para a categoria nativa, *o pico* classifica o ponto da cidade ativo de fruição e suporte para a prática do *skating* e do encontro afetivo. O reconhecimento desse ponto vai além de questões técnicas sobre patinar de skate.

A ocupação de espaços e lugares pelos/as skatistas promovem o compartilhamento de códigos de pertencimento e lealdade. A categoria *pico* é formada por dois elementos: um de ordem espacial e material e outro de ordem social, formado por uma rede de relações.

O primeiro elemento, configura um território caracterizado por pontos na cidade que possuem uma tipologia *skatavel*, em associação com a acessibilidade e mobilidade entre esses pontos. O *pico* não é um ponto estático, ele é a resultante do fluxo entre os vários pontos. O skatista surfa a cidade por essa rede de pontos, ou *picos*.

O outro elemento, de ordem social, define uma fronteira de pertencimento à comunidade skatista. E não basta frequentar o *pico* com regularidade para pertencer à comunidade. É preciso estar situado em uma rede de relações fraternais, de vivências e experiências, de cumplicidades, de consideração, de respeito e ainda participar na manutenção e ampliação dos lugares. Assim, essa rede de relações instaura um código que define quem pertence a comunidade *skateboarding*.

É no dia a dia que se tece a trama cotidiana da prática do skate de rua, na superação dos obstáculos, na fruição criativa, na troca de experiências e vivências e na carência do direito à cidade. Esse é o caráter territorial da categoria *pico*. Pertencer a um *pico*, ou no termo nativo *ser local*, significa, também, poder ser reconhecido e dispor de uma referência concreta, visível e estável. Ser local de um pico, é tirar o corpo da invisibilidade e jogar Luz sobre ele.

O skate salva a minha vida todos os dias. Salva a dos meus irmãos, dos meus amigos. O skate me trouxe a humildade, a vivência, que a escola, a vida, a família, religião, nunca me traria. O skate me tornou uma pessoa que nenhum dos pilares da sociedade ia me apresentar o caminho para eu chegar onde eu estou hoje. (...) Porque o skate me deu perseverança, me deu força de vontade. ah, mano, o mundo está acabando aqui dentro de mim, mas no skate eu consigo ser melhor. (...) Eu falo pra onde que eu vou? Eu olho pro

skate, ele fala: ‘Vem comigo, parça. Tem mais de 10 anos que eu estou te ajudando, eu não vou te deixar na mão’. Eu pego ele e vou. O skate é isso.

(Luiz - Skatista local do pico da Z.O. em depoimento para o documentário DOCSkateUdi, 2022)

4.2 O Nude Bowl

Nossa primeira ideia: é preciso mudar o mundo. Queremos a mais libertadora mudança da sociedade e da vida em que estamos aprisionados. Sabemos que essa mudança é possível por meio de ações adequadas.

(Debord, 1957)

Esse texto foi escrito pelo autor na conferência de fundação da Internacional Situacionista, em 1957 na Itália. Através de uma série de manifestos e atuações na cidade, o grupo de artistas, pensadores e ativistas se propunha a fomentar a fruição dos espaços urbanos, como forma de superar o modelo de cidade alienada (Karl Marx). Utilizo essa citação para ambientar o leitor ao espírito em que se insere esta sessão. Flanar a cidade com um *skateboarding* está alinhado à ideia de resgate do valor humano de viver na cidade através da ativação intencional da vida urbana; de viver na cidade através da festa como “o momento de ruptura com a repetição cotidiana, onde o espaço urbano se transforma” (LEFEBVRE, 2006, p. 152). Os skatistas, por meio de ações | intervenções | ocupações temporárias, flanam a cidade em que estão situados, produzindo uma veladura dissidente sobre a urbe.

Durante a revisão bibliográfica, o termo *DIY* aparece pela primeira vez em um artigo sobre uma apropriação chamada *Nude Bowl*, no blog norte americano *Blue Tile Obsession*, administrado por Ozzie Ausland. Originalmente o *Nude Bowl* era uma colônia de nudismo ativa dos anos 1950 ao início dos anos 1970, chamada *Desert Gardens Ranch*. No deserto de Hot Springs, Califórnia. A colônia foi abandonada no final dos anos 1970 e transubstanciada em *pico* pela comunidade de skatistas em 1982. A tipologia era atrativa: uma piscina em forma de feijão ao centro das ruínas da hospedagem, em um terreno no planalto do deserto.

Eddie Elguera, duas vezes campeão mundial, ouviu de um casal de motociclistas que havia uma piscina abandonada no meio do deserto, perto de Palm Springs, e, claro, achou difícil acreditar. Para ele, nascido em 1962, na Califórnia, a história parecia boa demais para ser verdade, como se algo assim só pudesse ser inventado.

Era 1982, e o skate estava em declínio. Parques de skate por todo o país estavam fechando, deixando os skatistas com cada vez menos lugares para andar. Uma piscina de concreto vazia era algo que os apaixonados pelo skate sonhavam em encontrar. Além disso, essa piscina estava longe da cidade, no deserto, inacessível (...) você realmente precisa de tração nas quatro rodas e ainda dirigir devagar pelas fendas e ravinas. Mas valia a pena, as piscinas naquela época eram tão retorcidas. E aquela era a piscina perfeita. Um oásis.

Eddie Elguera, 2015. Thrasher magazine.

Elguera e outros skatistas encontraram as ruínas do que restou do clube de nudismo *Desert Garden Ranch* em 1982. “A piscina era usada como um lixeira e suas paredes possuíam incontáveis buracos de bala. Os Skatistas passaram dois fins de semana em outubro de 1982 limpando o lixo e remendando as imperfeições da piscina”. O lugar ficou conhecido como *Nude Bowl*, e sediou sessões lendárias com Alan Losi, Micke Alba, Steve Alba, Duane Peters e Eddie Elguera. O *pico* logo se tornou anfitrião de festas de vários dias que incluíam apresentações de bandas e acampamento de frequentadores distantes da comunidade skatista.

Em 1999, a piscina foi encontrada cheia de terra.

O *Nude Bowl* estava sepultado sob o chão do deserto, porém, ele continuou vivo no imaginário da comunidade skatista. Em 2003, uma grande pista de skate, com 2800 m² foi inaugurada em Los Angeles, a *Palm Springs Skate Park*, que incluía uma recriação do *Nude Bowl*. Em 2015, um grupo de skatistas trouxe de volta o *pico* à luz, desenterrando a piscina com uma retroescavadeira alugada.

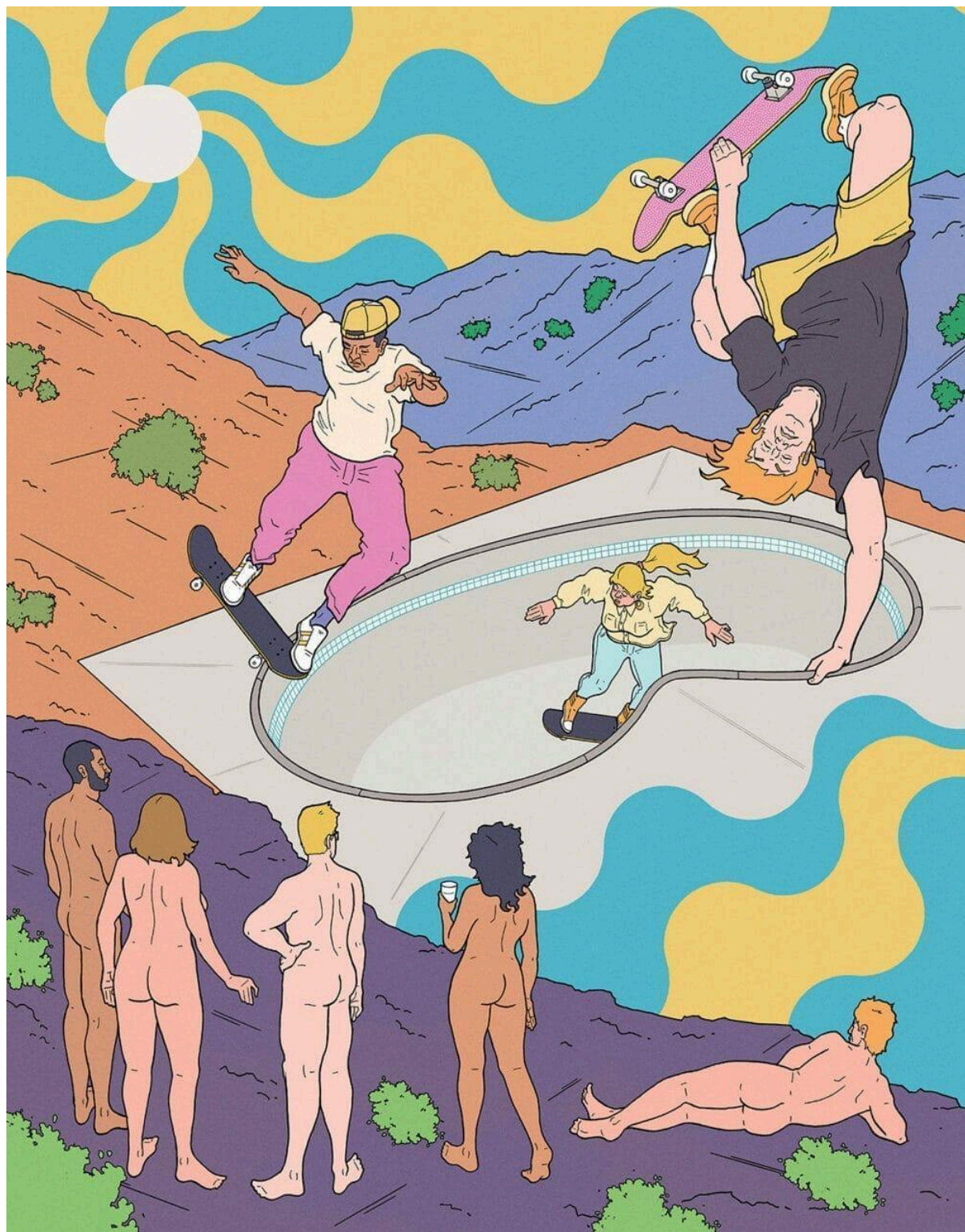


Figura 25 - Ilustração para produção de cartaz pelo skatista *local* do Nude Bowl, Kyle Ellingson. Sem data. Fonte: <[https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/Nude Bowl](https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/NudeBowl)> Acessado em 22/09/2022



Figura 26 - Skatistas posando para fotografia no Nude Bowl, fotografado em 1987 por Grant Brittain. California, *Desert Palms Springs*, próximo a cidade de Riverside. Fonte: <<https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/>> Acessado em 22/09/2022.



Figura 27 - *Nude Bowl* Fotografado em 1987 por Mohawk Dave. Performance *Hippie Jump*, pelo Skatista Lance Mountain. Fonte: <[https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/Nude Bowl](https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/Nude%20Bowl)> Acessado em 22/09/2022.

4.3 O Mundo é um Bairro

Até o momento as amostras para o estudo de caso, se concentram geograficamente no continente Americano e Oceano Pacífico. A seguir uma amostragem mais global de exemplos de ocupações e intervenções no ambiente construído, pesquisada em fontes secundárias. Essa explanação, apesar de rasa, é uma possibilidade de leitura das representações físicas das ocupações em contextos contemporâneos mundiais, onde, ao final, é possível a reflexão sobre a conexão entre nosso querido Galpão-DIY e suas matrizes/impressões próximas e distantes, ligadas por uma rede virtual de compartilhamentos, ou seja, o mundo todo como uma só pista de skate, como profetizado por Rodney Mullen (1970).

O MACBA, em Barcelona

A primeira característica que chama atenção nesse *pico* é o piso plano e extenso, são 5000 m², que marca o caráter monumental do museu. É uma praça que se conforma como um grande espaço público, que acolhe toda sorte de atividades da rua.

A praça localiza-se em um entorno de grande riqueza patrimonial. Trata-se de uma área complexa, que concentra predominantemente usos culturais e institucionais, embora inserida em uma antiga zona residencial e comercial de origem suburbana.



Figura 28 - Performance *Backside Nose blunt slide*, na ocupação em frente ao MACBA, Barcelona. Skatista anônimo. Fotografado por Gaston Francisco, sem data. Fonte: Acervo do autor.



Figura 29 - Localização do *pico do MACBC*, em vermelho. No bairro El Raval, centro histórico da cidade de Barcelona. GoogleMaps. acessado em 22/07/2024.

O Parque linear Red Ribbon, em Qinhuangdao, China

Localizado na cidade de Qinhuangdao, na província de Hebei, na China, o projeto do parque, está localizado no rio Tanghe na margem urbana oriental de Qinhuangdao. O local do projeto é um corredor fluvial linear, uma área com mais de 200.000 m². Antes de 2007, ano de construção do Parque Red Ribbon, a paisagem era um lixão abandonado coberto pela vegetação nativa.

O desenho foi composto por um uma *fita vermelha* instalada sobre o fundo de água e vegetação. Essa faixa se estende por 500 metros ao longo da margem do rio, integrando calçadão, iluminação, assentos, fruição e referência espacial. Feita em fibra de aço e com iluminação interna, de modo que brilha em vermelho à noite, tem 60 cm de altura e sua largura varia de 30 a 150 cm. Interceptando essa fita existem alguns pátios e, um deles possui uma grande escultura em metal com formas orgânicas. Nessa escultura existem alguns buracos que impedem a prática do skate em toda sua extensão, porém os buracos formam um *quarter* perfeito com uma borda única, possibilitando interpretações criativas e desafiadoras com um *skateboarding*.

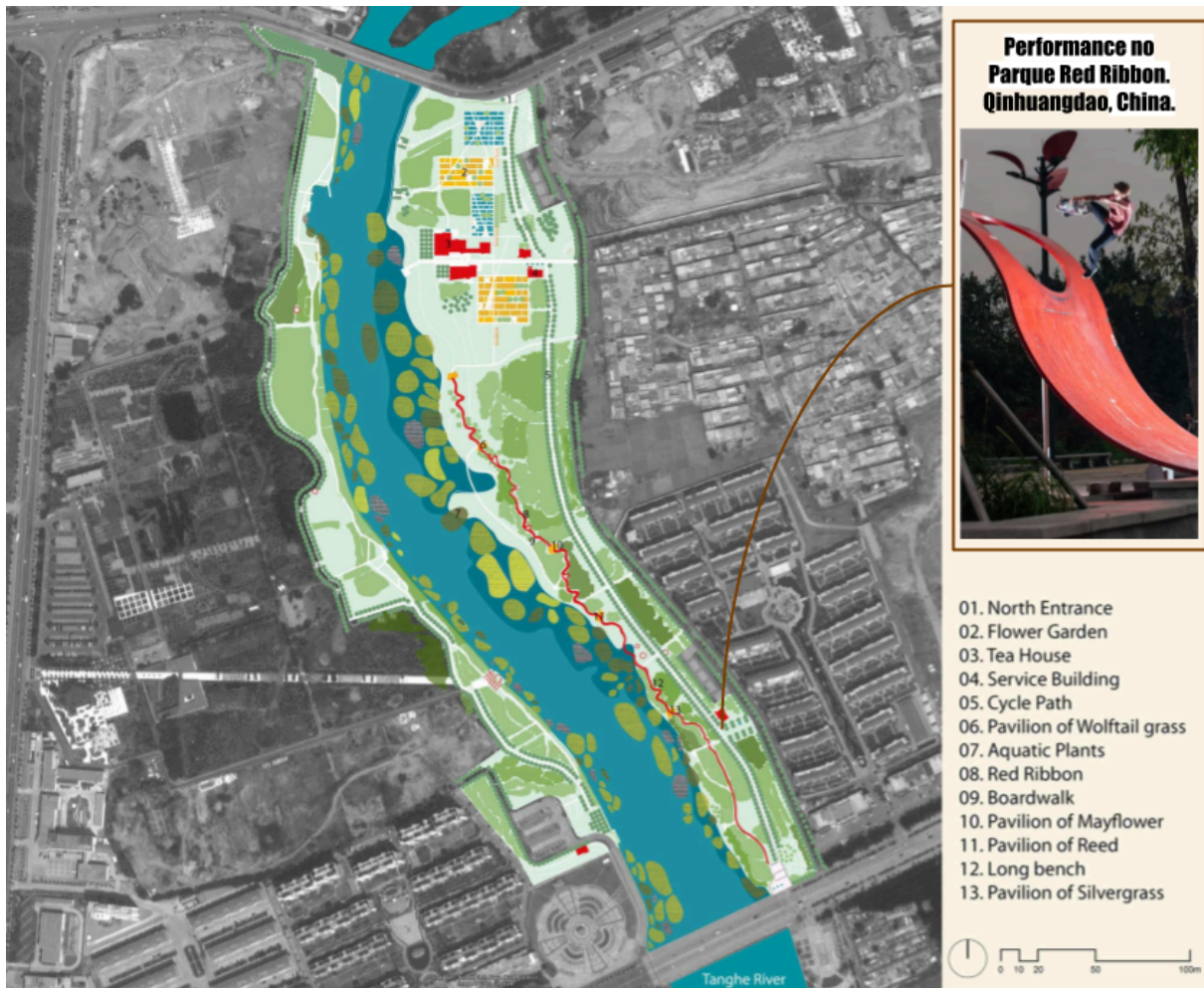


Figura 30 - Colagem do autor com o mapa do Parque linear Red Ribbon, em Qinhuangdao, China e a Performance *Frontside boneless* por Nick Garcia. Foto Sam McGuire. Sem data. Fonte: <<https://moresports.network/red-ribbon/>> Acessado em 16/03/2024.

Os usos não previstos, em projetos arquitetônicos e urbanísticos, como as apropriações espontâneas pela prática do skate no MACBA e no Parque linear Red Ribbon, revelam uma tensão urbana que pode ser arrefecida pelo reconhecimento de que a cidade é um bem comum a todos|as.

Essa aferição, feita a partir de pesquisa em fontes secundárias, mesmo limitada, levanta a urgência de que esse reconhecimento deve ser acompanhado de ações a favor da codificação dos usos do espaço público.

Capítulo 5. O Galpão-DIY

5.1 O (antigo) Galpão-DIY

No final da década de 1990, o atacadista Armazém Uberlândia Aliança transferiu suas operações comerciais para o nome fantasia Casa Uberlândia e, em sequência encerrou suas atividades deixando o imóvel à deriva do abandono e da inadimplência tributária.

Os primeiros registros fotográficos de apropriações espontâneas pela comunidade skatista do galpão abandonado, datam de 2007. O atrativo do imóvel para a prática da patinação é a tipologia favorável à produção de obstáculos e à vivência libertária reprimida fora dos muros do lugar; isso somado a uma situação relativamente próxima à região central, ou seja, com acessibilidade regular.

A edificação do atacadista abandonado Casa Uberlândia possui um pé direito bastante alto, em função do acesso de caminhões e armazenamento do estoque em pilhas. Um vão livre bem generoso com um piso extenso, liso e resistente para o fluxo da carga das mercadorias. Esse desnível do terreno, foi resolvido pelos construtores do armazém com rampas suaves, um contrapiso robusto e escadas com piso de degrau generoso.

Em uma visita acompanhado da Professora Denise Geribello (PPGAU/ FAUeD), em março de 2023, ela destacou a qualidade construtiva e dos materiais, das pingadeiras, das calhas, da alvenaria, do piso em taco de madeira de duas salas, da fachada das docas e da fachada externa, revestidas de pastilhas vitrificadas verde claro resistentes às intempéries, formando o letreiro em preto forte, CASA UBERLÂNDIA. Grafado sem serifas e em caixa alta.



Figura 31 - Registro dos primeiros anos de ocupação espontânea do galpão atacadista abandonado. Fotografia desconhecida. Provavelmente 2008. Fonte: acervo da AGSUDIY (Associação Galpão Skate Uberlândia Do it Yourself)



Figura 32 - Fachada do GALPÃO-DIY; esquina da avenida Floriano Peixoto com rua José Resende dos Santos. Uberlândia. Foto por Gustavo Silva. 2020.

De volta ao começo, o termo *D.I.Y.* (pronunciado em inglês e que é a abreviação para *Do It yourself*) está presente nos diálogos, narrativas e depoimentos da comunidade.

Em uma conversa com um *local* do Galpão-DIY ao perguntar “o que é *DIY*?” escutei a seguinte resposta: “está vendo que as paredes estão todas esburacadas? A gente estrumba a parede para utilizar os entulhos para rechear os obstáculos (...). *DIY* é fazer isso, família, mais com menos (...)” (Choquito, 2021).

A cultura *DIY* está presente na prática construtiva de canteiro de obra para manutenção, ajuste e produção dos obstáculos com reciclagem de recursos presentes no local e com ênfase em soluções simples e criativas.

Para o caso do Galpão-DIY, a produção da maioria dos obstáculos é financiada por doações espontâneas e rateio de gastos. A produção é projetada pelos skatistas veteranos e construída voluntariamente pela comunidade, cada empreitada exige uma logística personalizada.

A comunidade possui algumas ferramentas que são de responsabilidade dos veteranos e outras são alugadas ou emprestadas. Assim como, a tesouraria e qualquer movimento administrativo, a limpeza e conservação do lugar é feita voluntariamente. São os mais velhos que detêm o saber construtivo e essa prática é tão apreciada quanto *andar de skate*.

O conceito de *faça você mesmo!* engloba não apenas a construção de projetos e obras, mas também abrange a organização autônoma de torneios e encontros, que são produzidos pela própria comunidade, para a própria comunidade, utilizando os recursos disponíveis.

Esses eventos ocorrem de maneira regular e são notáveis por sua gestão logística excepcional. A administração, manutenção e adaptação de pistas que já foram construídas para prática do skate (por iniciativa pública ou privada), também, são classificadas de *DIY* pelos/as skatistas.

Se a produção capitalista da cidade é resultado das relações mercantis, a reprodução desse sistema é evitada na produção da *cidade dos picos*.

A participação na produção da cidade por parte da comunidade skatista pertence a um campo mais libertário e menos capitalista. É uma veladura que cobre a *cidade normativa*²³ e catalisa uma rede de práticas culturais “periféricas” auto geridas via intervenções temporárias, ocupações espontâneas e ações táticas.

²³ aquela produzida por forças mercantilistas da especulação imobiliária e alienação do trabalho.

A partir de 2020, momento de isolamento social devido a pandemia, o *pico* começou a ser frequentado com mais intensidade e frequência. As pistas públicas de Uberlândia foram fechadas para evitar aglomerações. Assim, a comunidade skatista concentrou sua presença na rua República do Piratini 1140 - Uberlândia - MG, o Galpão-DIY. O lugar também atraiu pessoas distantes da comunidade skatista em busca de (outras) práticas culturais e de lazer, amplificando o uso do *pico*.

Em 2023, o proprietário oficial do terreno reivindicou uma ação de posse em um litígio judicial encharcado de terrorismo contra a comunidade skatista local - finalizando na destruição do *pico*.

Prodigiosamente, a comunidade skatista iniciou uma nova ocupação em um armazém abandonado no distrito Industrial de Uberlândia, dando sequência às atividades do extinto Galpão-DIY.

O corpo que tem a necessidade de se movimentar e ganhar as ruas, não admite opressão. Nesse sentido, arrisco uma simetria precária do Galpão-DIY com um quilombo. A tipologia do antigo galpão atacadista favoreceu a consagração fraternal e o refúgio para quem buscava validar normas dissidentes das que se aplicam no restante da cidade.

Os muros altos, o acesso restrito e a aparência hostil do Galpão-DIY garantiram a invisibilidade no interior do *pico*, proporcionando convivência tranquila para detentores de corpos que carregam marcadores sociais e que são considerados indesejáveis fora dos muros do *pico*. Em sua maioria, a comunidade skatista é formada por jovens portadores de uma cidadania precária.

No primeiro ano de isolamento social devido à pandemia de coronavírus, em 2020, a presença da comunidade skatista se fortaleceu no *pico* mesmo com as medidas de isolamento social e *lockdown*. No início desta pesquisa, minha hipótese para esse adensamento de atividade no Galpão-DIY se baseava no fato das pistas públicas estarem fechadas por motivo do isolamento social. Porém, a etnografia revelou que a suposição de que os skatistas simplesmente migraram para o Galpão-DIY quando se depararam com os portões das pistas públicas trancados era uma visão superficial da realidade.

A imersão no campo mostrou que essa teoria não estava equivocada, mas sim incompleta. De fato, houve essa migração. Mas, o que estava atraindo os/as skatistas era a oportunidade de construir obstáculos. Foi um período de quase 2 anos de alteração na rotina diária, o que proporcionou aos skatistas a oportunidade de acessarem espaços e lugares da cidade, antes, impossíveis de serem explorados.

As ruas estavam desertas, o comércio fechado e as pessoas dentro de suas casas e apartamentos. A cidade se converteu em um paraíso²⁴ para os skatistas. Mas, ainda assim, o Galpão-DIY foi o ponto de confluência da comunidade.

Do outono de 2020 até o final do verão em 2021 o Galpão-DIY deu um salto qualitativo e quantitativo no sentido de produção de obstáculos. O ponto máximo dessa movimentação foi o reconhecimento pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK), em parceria com a revista CemporcentoSKATE, de que o Galpão-DIY (Figura 33 p.81) em Uberlândia foi a melhor pista autoconstruída do Brasil.

Esse reconhecimento foi acompanhado de uma premiação no valor de R\$22.000,00, em setembro de 2021. Essa premiação financiou a amplificação da infraestrutura do Galpão-DIY e, ainda, deu início a outro *pico* em Uberlândia, no bairro Lagoinha: O Lagoinha-DIY.

A partir desse momento, o *pico* ganhou a simpatia para além da comunidade skatista e uma permeabilidade cidadina crescente. Passou a acolher a presença constante de crianças acompanhadas dos pais, equipes produzindo fotos e vídeos de grupos musicais de todos os gêneros, fotos de casamento e ensaios fashionistas. Performance de dança e batalhas de rima. Agrupamento de outras práticas. *Le parkour*. Patinação e ciclismo ficaram mais presentes. Daí, pessoas distantes da órbita do circuito do skate também passaram a frequentar o *pico* como uma alternativa de lazer.

²⁴ A afirmação “paraíso” possui um sentido de redenção final após eventos catastróficos ou apocalípticos. Em um contexto de pandemia a visão de uma cidade vazia não foi tão atraente para andar de skate, funesto demais. A concentração de toda comunidade skatista para dentro dos muros do Galpão-DIY, como uma espécie de refúgio, foi um movimento singular. Aqui é inevitável um intertexto com livro de Giovanni Boccaccio, O Decameron, século XIV, que é composto por uma coleção de contos escritos por um grupo de jovens que se refugiam em uma vila para escapar da Peste Negra que assolava Florença, na Itália. No Galpão-DIY dos anos de isolamento social, devido à pandemia de COVID-19, os skatistas usavam distanciamento social, álcool em gel e máscaras. As sessões de *skateboarding*.



Figura 33 - Cartaz com os picos indicados para seleção do melhor *DIY* do Brasil e melhores skatistas paratletas. CemporcentoSKATE, 2021.-**Melhores do ano 2021 - 100% SKATE**. Prêmio em dinheiro concedido ao Galpão-DIY como melhor pista auto construída no ano de 2021. A premiação em dinheiro é reconhecida pela CBSk (Confederação Brasileira de Skateboarding) que é a entidade que regulamenta as normas e políticas voltadas ao desenvolvimento do Skate (Skateboarding) no território brasileiro.



Figura 34 - Pátio comum entre a pista de skate e as docas em ruínas. Ação coletiva para levar um trilho de uma extremidade à outra do terreno. O carril encontrado no próprio lugar serviu de insumo para a construção de um obstáculo no (antigo) Galpão-DIY, Uberlândia/MG, 2021. Foto por Maria Carolina, 2021.

5.2 Vídeos para contextualizar a autenticidade da vida da comunidade Galpão-DIY

Esticar os braços acima da cabeça e soltar o ar ocioso hospedado dentro do peito. Uma pausa. Feito isso, convido você, leitor/a, para assistir os três registros videográficos que selecionei como forma de contextualizar momentos autênticos da vida da comunidade Galpão-DIY.

Second Home:

“Andar de skate é uma busca solitária. É necessário ter momentos de auto conexão.” (Rodney Mullen, 1970)

É o título do primeiro filme selecionado, lançado na plataforma YouTube em outubro de 2019. A produção contou com a colaboração de oito pessoas e foi composta por cenas gravadas no Galpão-DIY ao longo de sua ocupação, iniciada em 2007. O filme apresenta a

evolução do ambiente construído pela comunidade skatista ao longo dos 12 anos de ocupação.

Os três minutos do curta metragem, apresentam um colóquio entre o skatista Ricardo Porva e o lugar construído pela comunidade skatista no galpão abandonado. Uma performance solo que explora a própria identidade, expressão pessoal e visão de mundo do skatista ao longo dos anos. Um autorretrato.

Este é um registro pré-pandemia da Covid-19, foi produzido e publicado alguns meses antes do colapso social. A trilha sonora e a energia das manobras registradas garantem a atmosfera bastante positiva e otimista sempre presente no Galpão-DIY.

A cena em que o skatista salta sobre sua filha (1'12''), contém uma plasticidade admirável.. O início da narrativa do filme traz uma sequência de tombos que são superados com uma fluidez marcante. O curta metragem mostra uma fase introspectiva da prática de andar de skate. Uma experiência íntima, de autoconhecimento do corpo em busca do equilíbrio. É uma experiência “da pele para dentro”.



Figura 35 - QR Code com o link direcionado para o vídeo *Second Home*, 3 minutos de duração. Produzido por Aline Giuliani, Alex Kundera, Betinho Brad, Felipe Guimarães, Daniel Ferreira Dias, José Luís Azevedo, Alfredo Schiavinato e Bruno Felipe dos Santos em outubro de 2019, Uberlândia - MG. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=asheRYJIQSA>> acessado em 22/07/2024.

Pelo QR Code abaixo, você tem acesso ao vídeo produzido pela comunidade no registro do evento, *KING OF GALPS*, que por um final de semana, ativou o lugar com festividades.



Figura 36 - QR Code com o link direcionado para os vídeos produzidos e publicados pela comunidade skatista durante o *KING OF GALPÃO*. Último evento realizado no *pico* (antigo) Galpão-DIY, dias antes da sua demolição. Maio de 2023. fonte: <<https://www.instagram.com/stories/highlights/17980344830053220/>> acessado em 22/07/2024.

O próximo QR Code leva à sequência de vídeos produzidos e publicados na plataforma pela comunidade a partir do registro dos primeiros *DIY* no novo pico, o (*new*) Galpão-DIY. Uma apropriação espontânea em um silo abandonado no Distrito Industrial de Uberlândia - (CASEMG). Entre “a demolição” do (antigo) Galpão-DIY e a nova apropriação, existe um intervalo de tempo de 7 semanas.



fonte: <https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODc2MzU0NDc0ODMwODg2?story_media_id=3102786385472584310_39150853591&igsh=Z3J3cTB6OTY1bXFm> acessado em 22/07/2024.

Capítulo 6. O Galpão-DIY e o movimento organizado para a sua legitimação como bem cultural em Uberlândia/MG

Lugares ocupados para a prática do skate de rua possuem uma força potencial que agrupa pessoas e pensamentos libertários. Os *picos* são lugares que fomentam o desejo de se aproximar e de pertencer.

No Galpão-DIY, assim como tantos outros *picos de rua*, a organização da comunidade para ações de produção, manutenção e ampliação do lugar, sempre são feitas de maneira descentralizada, anárquica e espontânea.

Naturalmente, não existe uma liderança que represente o coletivo, existe sim, um engajamento orgânico e espontâneo de indivíduos de acordo com a ocasião e suas potencialidades.

Cada indivíduo da comunidade age como um vetor apontando para o uso positivo do lugar. A resultante desses múltiplos apontamentos corre a favor da rua e da festa na cidade (Lefebvre, 1968).²⁵

A demolição de lugares como o Galpão-DIY não é uma tragédia inédita, a saber, a caminhada de resistência de tantos outros *picos de rua*, que ao cabo de sorrisos e lágrimas, findam desativados. Aqui, mais exemplos desse tipo de destruição e segregação da cidade, neste ano de 2024: dificuldades no *Beco do Valadão*, em São Paulo, demolição do *pico da Dengue*, em Criciúma/SC e a desativação do pico da Estação-DIY, no bairro Custódio Pereira, em Uberlândia/MG.

No caso do nosso querido (antigo) Galpão-DIY, a organização de um movimento para a sua legitimação como um bem cultural em Uberlândia/MG, só conquistou maturidade pela urgência da ocasião, quando o proprietário legal do terreno, executou uma ação judicial de reintegração de posse, em 2023.

Curiosamente, a ação foi executada pelo CNPJ do proprietário. O primeiro movimento de negociação do proprietário com a comunidade, maliciosamente arquitetada, consistia em trancar o único portão de acesso ao lugar e entregar as chaves à liderança da comunidade skatista, como se isso pudesse ordenar o que é, por natureza, desordenado. Porque os skatistas, sendo eles mesmos, não reconhecem líderes e têm, por certo, uma aversão natural a qualquer comando.

²⁵ A festa como um momento de ruptura no cotidiano alienado à mercantilização do tempo e do espaço. Um possível mergulho coletivo, ainda que temporário, em uma dimensão utópica.

Menos de 48 horas se passaram até que o portão fosse violado, o que serviu de pretexto para que o proprietário legal, escudado na legalidade, instalasse ali uma suposta segurança privada que, em sintonia com a negligência do Poder Público, cumpriu uma agenda a fim de desestabilizar a comunidade skatista pelo uso da violência e violação de direitos.

A nossa reação foi um processo de resistência enquanto comunidade skatista e ali, nos revezamos em uma vigília ininterrupta por mais de 5 semanas.

Nesse contexto de ação política não institucional como um levante ou uma rebelião foi criada a AGSUDIY (Associação Galpão Skate Uberlândia *Do It Yourself*), com o propósito de articular o movimento de resistência e reconhecimento público da prática do *skateboarding* como atividade cultural.

Porque de acordo com o Art. 3º da Lei nº 11.726, de 30/12/1994 da Constituição Federal brasileira (1988), encontra-se:

Art. 3º- A – A proteção do patrimônio cultural mineiro dar-se-á por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação e outras formas de acautelamento, nos termos dos arts. 216 da Constituição da República e 209 da Constituição do Estado.

IV – a manutenção dos referenciais históricos das comunidades, a fim de proteger-lhes a identidade cultural.

A comunidade skatista da cidade vibrou pelas redes sociais e pelos grupos de internet quando soube, tardiamente, que havia um Decreto de Lei n. 24.219, de julho de 2022, assinado pelo governador do Estado, Romeu Zema Neto, que “reconhece como de relevante interesse cultural do Estado, o movimento skatista de Uberlândia”.

Tal Lei que tem também por objetivo ‘valorizar bens, expressões e manifestações culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade mineira’ entrou em vigor na data de sua publicação, no dia 8 de janeiro de 2024.

A vibração publicada pelas redes sociais por parte do movimento skatista uberlandense foi diferenciada, porém, uma união só na vibração: “Somos a resistência” como “Parabéns a todos/as que somam nessas conquistas e lutas”.

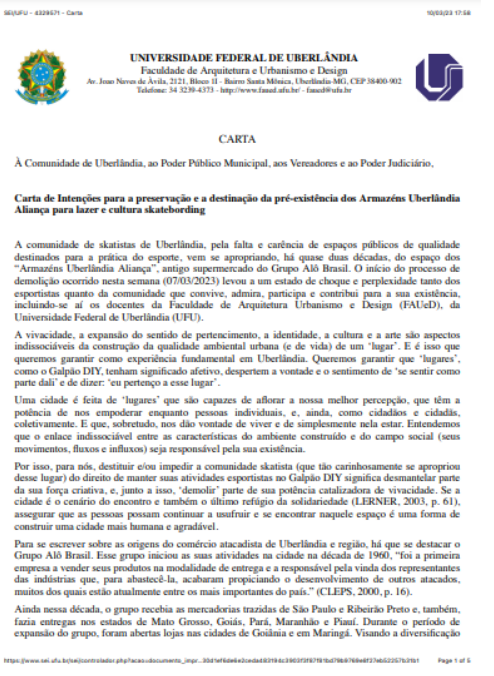
Além do gosto por ação|intervenção|ocupação, dissidência e resistência, os/as skatistas têm em comum a busca pelo equilíbrio, que sempre resulta em um movimento que busca a Luz. A seguir, uma complementação em um levantamento das atividades de mobilização de outras comunidades: civil, política de oposição, imprensa e pelas redes sociais em prol da preservação e a destinação da pré-existência dos Armazéns Uberlândia Aliança para lazer e

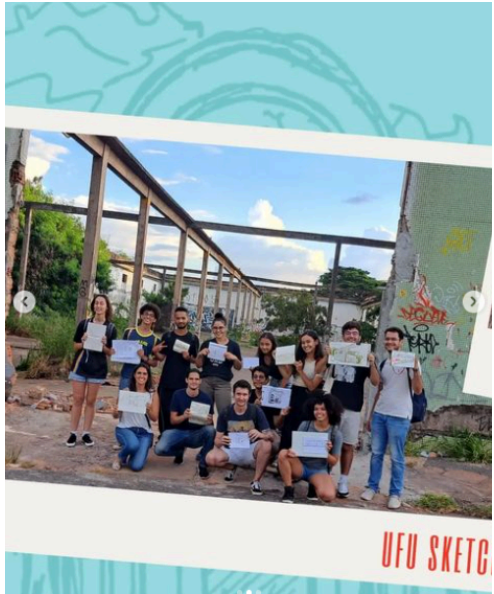
cultura *skateboarding*. Além de ações que a Universidade Federal de Uberlândia criou e desenvolveu, concomitantemente, com a comunidade skatista, entre 2022 e 2023.

Enfim, aqui, estão agrupadas atividades de mobilização agenciadas pela comunidade skatista e por outras comunidades adjacentes. Elas estão catalogadas com ênfase no biênio de 2022-2023 e são campeonatos, confraternizações e ações que apontam a favor da rua e do direito à cidade:

2022 / mês	AÇÕES	REGISTRO																		
maio	DIY por amor , Confraternização no pico do (antigo) Galpão-DIY.	  Vaquinha DATA: 17 DE MAIO ATÉ 18 DE JUNHO SAÍDAS <table> <thead> <tr> <th>DATA</th><th>DESCRIÇÃO</th><th>VALOR</th></tr> </thead> <tbody> <tr> <td>09/06</td><td>Aluguel martelete- Porva</td><td>140,00</td></tr> <tr> <td>11/06</td><td>Areias e disco de corte- Galego</td><td>59,00</td></tr> <tr> <td>12/06</td><td>Canaletas- Porva</td><td>107,00</td></tr> <tr> <td>14/06</td><td>6 MASSEIRAS</td><td>390,00</td></tr> <tr> <td>23/06</td><td>Predilândia</td><td>203,50</td></tr> </tbody> </table>	DATA	DESCRIÇÃO	VALOR	09/06	Aluguel martelete- Porva	140,00	11/06	Areias e disco de corte- Galego	59,00	12/06	Canaletas- Porva	107,00	14/06	6 MASSEIRAS	390,00	23/06	Predilândia	203,50
DATA	DESCRIÇÃO	VALOR																		
09/06	Aluguel martelete- Porva	140,00																		
11/06	Areias e disco de corte- Galego	59,00																		
12/06	Canaletas- Porva	107,00																		
14/06	6 MASSEIRAS	390,00																		
23/06	Predilândia	203,50																		
junho	Acolhimento de atividades do Instituto Viva Íris no (antigo) Galpão-DIY.																			
2023 / mês	AÇÕES	REGISTRO																		
janeiro	Best Trick , confraternização no pico (antigo) Galpão-DIY.																			
janeiro	Manicure Beneficente , arrecadação de recursos financeiros em prol da comunidade skatista.																			

08 março	O Galpão é Nosso! campanha iniciada em março de 2023 contra a ação de posse do terreno abandonado (e em débito fiscal) onde a comunidade skatista produziu e manteve o <i>pico</i> Galpão-DIY. O litígio foi encharcado de intimidações violentas e nove integrantes da comunidade foram processados por esbulho possessório.	
09 março	Vaquinha Solidária, “o Galpão é um espaço vital para a comunidade de skate em nossa região e está sob ameaça de demolição! É um lugar onde skatistas podem se reunir, aprender uns com os outros e aperfeiçoar suas habilidades em um ambiente seguro e solidário. No entanto, estamos enfrentando o desafio de manter o Galpão e garantir sua existência para as gerações futuras. Para superar esse desafio, estamos solicitando doações com a finalidade de fundar uma associação de skatistas para preservar o espaço e continuar a apoiar a vibrante cultura do skate em nossa comunidade. Obrigado por nos ajudar a manter esse espaço vivo.” Fonte: <https://www.instagram.com/galpaskateudiy/> acessado em 22/07/2024.	

10 março	Carta de Intenções para a preservação e a destinação da pré-existência dos Armazéns Uberlândia Aliança para lazer e cultura skateboarding. Redigida pelos/as docentes da Faculdade de Arquitetura Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia em conjunto com as demais iniciativas que convergem para o desejo de que o Galpão-DIY seja compreendido como um Patrimônio Cultural e sua salvaguarda garantida pela cidade de Uberlândia, com o apoio de seus governantes e cidadãos, assina este documento e seus. SEI/UFU - 4329571 - Carta	
17 março	Audiência Pública na Prefeitura Municipal de Uberlândia em defesa do Galpão-DIY.	

março	UFU Sketchers, movimento de abertura do Galpão-DIY para aulas abertas e oficinas de desenho dentro do campo da linguagem arquitetônica.	
março	Skate não é crime, projeção de filme na esplanada do Teatro Municipal de Uberlândia.	

23 março	Audiência Pública no Fórum de Uberlândia/TJMG, sobre a justificação de posse do Galpão-DIY.	
março	King of Galpão, confraternização no (antigo) Galpão-DIY.	 
25 março	5° Gaming of Skate, Confraternização no pico da Z.O.	

março	Criação da AGSUDIY (Associação Galpão Skate Uberlândia Do It Yourself), com a finalidade (urgente) de representar a comunidade skatista no litígio da Ação de Manutenção de Posse do terreno. O primeiro eixo da AGSUDIY foi a a campanha “O Galpão é nosso!”. Movimento que articulou resistência urbana e reconhecimento público da prática do skateboarding como atividade cultural. A campanha teve a aderência de e figuras públicas como Bob Burquist e Tony Hawk.	
28 março	<i>O Galpão Skate DIY é um ponto turístico importante para Uberlândia e para o skate, atraindo skatistas de todo o país e até mesmo de nível internacional. Devido à sua representatividade nacional e importância no cenário do skate, o Galpão recebe regularmente skatistas e eventos de nível nacional e internacional, como por exemplo o desafio de rua on the road, da revista @cemporcentoskate. Tudo isso contribui para a elevação do nome da cidade no cenário do skate e do turismo esportivo como um todo, trazendo visibilidade e reconhecimento para a cidade. Essa relevância também estimula a movimentação da economia local e cria novas oportunidades de negócios e investimentos na cidade. Em resumo, o Galpão Skate DIY é um ponto turístico e esportivo de grande importância para a cidade, contribuindo para sua representatividade nacional e internacional no mundo do skate. O Galpão Skate DIY se destaca entre os outros picos de skate da cidade por ser o único com relevância nacional e internacional para o skate. Isso é comprovado pela mobilização de skatistas de nível internacional, como Bob Burnquist,</i>	Pedro Barros e Bob Burnquist defendem skatistas em disputa por galpão em Uberlândia; entenda Medalhista de prata pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio e o multicampeão dos X-Games se manifestaram nas redes sociais sobre caso judicial entre associação e empresários Por Luis Fellipe Borges — Uberlândia, MG

	<i>Pedro Barros e Marcelo Formiga, que publicaram sobre a causa do Galpão em suas redes sociais. A representatividade que isso gera para a cidade é muito importante. Em detrimento das outras pistas da cidade, o Galpão Skate DIY é uma referência, sendo um ponto de encontro para skatistas e um espaço de valorização da cultura do skate.</i> xAGSUDYx Fonte: <https://www.instagram.com/galpaoskateudiy/> acessado em 22/07/2024.	
04 abril	Requerimento junto a FUTEL solicitando acesso de skate ao Parque do Sabiá, ativando, com quase 15 anos de atraso, a prática do Decreto nº 11.905, de 28 de outubro de 2009. Na mesma reunião foi discutido, na Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG, com representantes da AGSUDIY, o vice prefeito Paulo Sérgio (PP), os vereadores Queijinho (PSDB), o vereador Sérgio Túlio (PSL), a Procuradora do vereador Igino (PT) Helena Ferreira e o Presidente da FUTEL (Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer) Zanatta. Nessa reunião foi firmado o compromisso de disponibilizar a concessão de um local público para a AGSUDIY construir uma pista de Memorial ao (antigo) Galpão-DIY. Também foram discutidos acessibilidade e construção de novas pistas para a prática.²⁶	
10 de abril	Skate em Uberlândia: ruas, picos e o Galpão, parceria entre a AGSUDIY (Associação Galpão Skate Udi DIY) e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o Laboratório de Antropologia, Linguagens e Saberes (LALiS/UFU).	

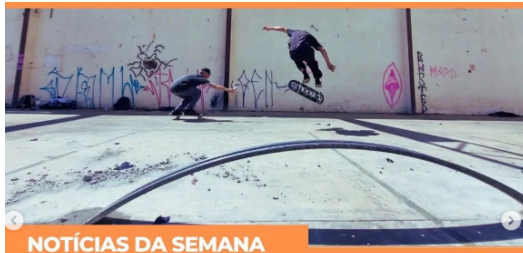
²⁶ Em um segundo momento, após o litígio judicial, a Associação (AGSUDIY) mantém uma cobrança sistemática junto ao poder público em relação à construção, manutenção e uso de pistas públicas de qualidade. Também, cabe à associação, a produção de ações táticas em prol da cultura do *skateboarding*.

25 abril	Apresentação do documentário SKATE Udi, pelo projeto de extensão PROEX Cine Deriva, Universidade Federal de Uberlândia.	
maio	Audiência Pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Belo Horizonte), sobre os impactos da demolição do Galpão-DIY em 08/05/2023. A audiência foi iniciativa da Deputada Estadual Bella Gonçalves (PSOL) e apoiada pela deputada Federal Dandara Tonantzin (PT).	
maio	Desbloqueio, Segundo <i>DIY</i> para ocupar o porto seco/cilo CASEMG, <i>pico</i> sucessor do (antigo) Galpão-DIY que foi demolido em abril de 2023.	

junho	Triks , Confraternização no pico da Colmeia.	
21 junho	Go Skateboarding Day , comemoração ao dia do skate.	 

junho	Save case , Campanha de arrecadação de peças de skate para doações.	
25 julho	Go Skate Day , <i>skateata</i> pela cidade em comemoração ao dia do skate.	 
julho	Festival de graffiti , no pico da Colmeia.	

agosto	Batalha da Z.O. Confraternização no pico da Z.O. Campanha de arrecadação financeira..	
13 agosto	Game of Skate , Confraternização no pico da Z.O.	
agosto	Batalha de rima , no pico da Colmeia.	

24 setembro	Desafio de Rua - on the roald - CemporcentoSKATE.	
setembro	POINT , confraternização no <i>pico da colmeia</i> .	
setembro	Campeonato do pico da Colmeia .	
17 outubro	Projeto de lei para reconhecimento como relevante interesse cultural a tradição skatista na cidade de Uberlândia. A Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais decretou: “Art. 1º – Fica reconhecido como de relevante interesse cultural do Estado, nos termos da Lei nº 24.219, de 15 de julho de 2022, a tradição skatista na cidade de Uberlândia. Art. 2º – O reconhecimento de que trata esta lei, conforme dispõe o art. 2º da Lei nº 24.219, de 2022, tem por objetivo valorizar bens, expressões e manifestações culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade mineira. Art. 3º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.	 Publicada Lei nº 24.219, que institui o título de relevante interesse cultural do Estado. Foi sancionada pelo Governador do Estado de Minas Gerais e publicada na edição de 16.07.2022 a Lei nº 24.219/2022, que institui o título de relevante interesse cultural do Estado e altera a Lei 11.726/1994, norma que dispõe sobre a Política Cultural do Estado de Minas Gerais. O título poderá ser concedido a bens, manifestações ou expressões culturais que sejam criações, atividades ou expressões locais ou regionais típicas ou excepcionais; sejam locais tradicionais de realização de atividades, encontros ou celebrações coletivas da comunidade; reforcem, para um ou mais grupos sociais, a identidade e o sentimento de pertença à comunidade.  AGRADECEMOS A TODOS QUE ACREDITAM E FORTALECEM NOSSA LUTA! A AGSUDIY - Associação Skate Udi D.I.Y compromete-se a seguir os movimentos de interesse coletivos dos skatistas e continuará nas produções culturais e sociais da cidade de Uberlândia. Para mais informações entre em contato pelo @agsudy

11 novembro	SunSet, Encontro no <i>pico (novo) Galpão-DIY</i>	
25 novembro	Under Sesh, Festival Underground New Galps.	
dezembro	Best Trick Jam Session, Confraternização no pico da Z.O.	
dezembro	Pedreiragem. <i>DIY</i> produzido pela <i>BlackMedia</i>. Multirão para construção do obstáculo <i>China Banks</i>, no (novo) Galpão-DIY. Esse obstáculo é a reprodução de um mobiliário urbano na cidade de São Francisco, EUA.	 Fotografia Marcelo Mug, 2023.

		 Performance de Raney Beres, no China Banks em São Francisco.
dezembro	UFLOW! , Confraternização no <i>pico da Z.O.</i>	

6.1 Dois pés na tábua: partindo para as últimas considerações sobre a legitimação do Galpão-DIY como bem cultural em Uberlândia/MG

Para o caso do Galpão-DIY, a proteção do patrimônio cultural mineiro não foi efetivada nem por inventários, nem por registros, nem por vigilância, nem por tombamento e tampouco por desapropriação.

O que quisemos demonstrar em nossa **dissertação-manifestação escrita e oral** é que o Galpão DIY, desta forma, demonstra a força da união de indivíduos em prol de uma causa comum.

Quando lemos dentre as recomendações da *Globinar Novas Abordagens em Patrimônio: Reflexões* (2021) que “escutar e acolher as vozes que não foram ouvidas antes, desenvolvendo juntos sistemas de gestão que incluam **a periferia, as vozes marginalizadas**, os povos indígenas e as comunidades tradicionais”; há por parte da comunidade de praticantes de skates junto de fotógrafos, videomakers, músicos, urbanistas, construtores, jornalistas, escritores, ambientalistas, políticos, revolucionários, estudantes e simpatizantes que são aglutinados pela causa, o entendimento já estudado por um skatista filósofo, “o skate como um verdadeiro serviço social” (TORQUATO, 2021).

Dentro de tendências debatidas pelas 2530 pessoas participantes pela Plataforma Zoom em *Globalar Novas Abordagens em Patrimônio: Reflexões* (2021), tirou-se como “contribuições a serem relevadas que o patrimônio seja centrado nas pessoas e que seja um patrimônio integrado unindo as dimensões tangíveis, simbólicas e afetivas e, também, que haja valorização e proteção dos espaços livres comuns”. Nossos ânimos continuam!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tragédia começa com a usurpação de algo que era de todos e todas.

As conclusões desta dissertação centram-se nas evidências reveladas pelo estudo dos casos-referência em contexto local e em outras cidades espalhadas no mundo (pesquisa em fontes secundárias).

Neste nosso contexto ficou claro que a *cidade dissidente* acontece nas lacunas de uma cidadania incompleta. Isso é mais legível dentro do campo da utopia ligada à esperança no humano como homem completo.

A prática do skate de rua está sempre em busca de se realizar plenamente pelos sentidos do corpo, conscientes de si mesmo, na cidade e para a cidade.

A cidade dissidente, metáfora para a rede de lugares produzida pela comunidade skatista, sempre se esquia da segregação espacial e da acumulação. Ela evoca o eventual e precário acesso ao espaço urbano como um ensaio à utopia do direito à cidade. Além de se esquivar de uma ideologização do direito da cidade.

Entendendo aqui “ideologização do direito da cidade” como um achatamento aos termos do capitalismo. Um direito à cidade travestido de políticas públicas, discurso e publicidade. Aqueles que banalizam e neutralizam sua potência transformadora.

Esse alinhamento, das **ações | intervenções | ocupações** de skate como uma busca pelo lúdico, pela política e pela festa na cidade, representa uma possibilidade, mesmo que efêmera, do corpo em uma dimensão onde a cidadania não está ligada ao poder de consumo ou intenções eleitoreiras. Porque temos para os *picos de rua*, além de serem ótimos para patinar, são uma retomada ao ato político além do protesto e da reivindicação por políticas públicas.

Queremos destacar um repertório das **ações | intervenções | ocupações** de Uberlândia:

As **ações | intervenções | ocupações** operam em um ritmo modulado por uma leitura do espaço que é pertencente ao corpo não mercantilizado;

As **ações | intervenções | ocupações** instauram uma festa efêmera na cidade que, nessa condição, nega os sentidos de mercantilização do espaço;

As **ações | intervenções | ocupações** são formas, ainda que efêmeras, de sustentabilidade coletiva;

As **ações | intervenções | ocupações** são a expressão de uso do espaço urbano enquanto possibilidade subversiva dos corpos;

As **ações | intervenções | ocupações** negam a centralidade do poder, colocando um sentido à política do espaço público;

As **ações | intervenções | ocupações** iluminam práticas sociais que almejam a construção de um novo espaço urbano. Um espaço que se transubstancia em lugar (um pico) e que reivindica a cidade contra a segregação espacial;

As **ações | intervenções | ocupações** são um movimento contrário às gentrificações e em direção oposta à propriedade e a mercadoria, mesmo nos territórios já ocupados;

As **ações | intervenções | ocupações também são ricas em contradições e desejo de integração ao poder de consumo.**

Em nossa pesquisa ainda foi constatado que a contenção dessas **ações | intervenções | ocupações** é realizada, em Uberlândia/MG, por meio da violência, da repressão e da retaliação. Veja o processo de reintegração de posse do terreno do (antigo) Galpão-DIY. **Alojar o corpo do skatista e da skatista em um contexto de criminalização, demanda um debate urgente de discussões no campo do direito à cidade.**

Aqui, metodologicamente, induzimos esta leitura do processo de **ação | intervenção | ocupação** a partir da amostragem do nosso objeto de pesquisa: A prática do skate de rua enquanto produtor de uma rede de lugares em Uberlândia/MG.

Essa *cidade dos picos*, gerida longe dos centros de poder e decisões políticas, é agenciada por uma maioria jovem, portadora de marcadores sociais. A cidade dissidente, metáfora para a rede de lugares produzida pela comunidade skatista, evoca o eventual e precário acesso à cidadania como um ensaio pretensiosamente que quer chegar à utopia do direito à cidade.

A NOSSA HISTÓRIA, COMO OS NOSSOS ÂNIMOS, CONTINUA :: COM VOCÊ, LEITOR/A:



Figura 37 - A nossa história, como nossos ânimos, continua...com você leitor/a: O NOVO GALPÃO-DIY. Performance Big ollie como uma Fênix, pelo skatista CAT. Fotografia por Deivide Mikos, 2023. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CzhBhu9JI9B/?img_index=1> acessado em 22/07/2024.

O Novo Galpão-DIY

Em relação a destruição e a reconstrução do nó central da rede de picos de Uberlândia, o Galpão Skate UDI DIY não morreu, por que não se pode matar uma ideia. O Galpão se materializa, através das nossas práticas. Após a demolição dos obstáculos do primeiro Galpão, aquele espaço entre a Floriano Peixoto e Cesário Alvim retornou a ser o que era antes da chegada dos skatistas, um vazio urbano atrelado à especulação imobiliária (...) mas, através das táticas de caça, descobrimos um novo pico onde podemos materializar novamente o Galpão! (...) o Galpão UDI DIY sempre será uma atitude coletiva de transformação da realidade.

Declaração da AGSUDIY em sua rede social Instagram, acompanhada de videografia. Uberlândia, maio de 2023.

Essa foi a declaração que acompanha o vídeo *Manifesto de ocupação* do (novo) Galpão-DIY. Feito no contexto recente da demolição do (antigo) Galpão-DIY e da ocupação espontânea de um porto seco/silo (CASEMG) abandonado no distrito industrial da cidade. Que deixa claro o entendimento do lugar enquanto representativo da memória social de um determinado grupo.

O link abaixo leva ao vídeo manifesto que apresenta as primeiras práticas sociais (DIY) na ocupação do novo *pico*. Foi uma produção da AGSUDIY em abril de 2023. O vídeo não possui título, porém, aqui vamos chamar de *Manifesto de ocupação do (novo) Galpão-DIY*.



Figura 38 - QR Code com o link direcionado para o Vídeo *Manifesto de ocupação do (novo) Galpão-DIY*, 2 minutos de duração. Produzido pela AGSUDIY em abril de 2023. Início da ocupação espontânea (novo) Galpão-DIY. Fonte: <<https://www.instagram.com/reel/CrkCSDEAEuL/?igshid=MzRIODBiNWFIZA=>>> acessado em 22/07/2024.

O curta apresenta as primeiras intervenções construtivas providenciadas para o (novo) Galpão-DIY. São apropriações espontâneas que criam um campo afetivo bastante inclusivo e de pertencimento, de afirmação, de resistência, de compartilhamento, de reconhecimento, de respeito e de “*amabilidade*” (Adriana Sansão, 2011).

O vídeo mostra uma relação intersubjetiva entre o coletivo de skatistas e o ambiente construído. É a fase “da pele para fora”. A fase da coletividade, da convivência em construção e do canteiro de obra, da confraternização, do compartilhamento de experiências, da troca de afetos, do modo particular de conversar e de se cumprimentar, das roupas (*ensemble*) e do estilo particular de cada um em executar as manobras com o *skateboarding*, o estilo pessoal do desenho da manobra. A fase que guarda as experiências das relações intersubjetivas e da vivência coletiva. A intersubjetividade e a introspecção na prática do skate sintetizam uma conexão entre individual e coletivo na cidade.

O alinhamento entre os filmes *Second Home* e o *Manifesto de Ocupação do (novo) Galpão-DIY*, possibilitam uma percepção do entrelaçamento entre duas fases da prática e da vivência que o skate de rua oferece a seus praticantes. Pois, a vontade de andar de skate é um instrumento para compreender o próprio corpo e o corpo do próximo no espaço que estão inseridos.

Da pele para dentro se trata de respirar, tomar impulso, empurrar, deslizar, subir e descer, puxar, improvisar, equilibrar, aprender a cair e depois levantar e bater palma para o colega. Da pele para fora, se trata de interpretar a cidade por meio de performances que exigem a sua democratização.

O *china banks* do (novo) Galpão-DIY, Uberlândia/MG

Novembro em Uberlândia guarda as últimas oportunidades para andar de skate nos picos de rua. Dezembro chove quase todo dia e, com exceção da Estação-DIY, no bairro Custódio Pereira, desconheço outro pico coberto.

Por mensagem de instagram, o skatista veterano em DIY me atualizou que Uberlândia seria anfitriã, mais uma vez, do pessoal da BlackMedia, a fim de registrar a edição do Pedreira para a construção do China Banks, um obstáculo no (novo) Galpão-DIY. A última edição do Pedreira foi em 2022, para a construção da onda no (antigo)Galpão.

BlackMedia é uma plataforma independente de produção e

divulgação de conteúdo referente ao skate de rua.

Pedreirage é uma agenda para DIY em cidades da região Sudoeste. Voltando à conversa por telefone, meu interlocutor me adianta que para essa edição do Pedreirage, 2023, será produzido, no (novo) Galpão-DIY, um obstáculo a partir do pico clássico da cidade de São Francisco. O China Banks.

Na entrada do bairro chinês, na Kearny Street, está uma passarela de pedestres, que resiste como pico de skate desde 1979. Mesmo não conhecendo São Francisco, o lugar me parece familiar. Uma passarela com cerca de 840m² liga o portão vermelho do Chinese Culture Center ao Hilton Hotel, e no meio não há nada além de tijolos, bancos de laje de concreto e barrancos íngremes. O local é notoriamente difícil de andar de skate, por causa das transições curtas, segurança rigorosa e, claro, o risco de cair da borda. Esse é exatamente o motivo pelo qual o China Banks tem sido tão atraente para os skatistas por décadas.

Três dias de obra em Uberlândia, e eu estou na capital, ganhando a vida no Urutu, estúdio de tatuagem do Velho Mercado Novo. O que fortaleceu essa carta etnográfica, foram as narrativas e os depoimentos via telefonemas. E também a cortesia do fotógrafo Marcelo Mug, que compartilhou seus registros do DIY.

Caderno de campo. Uberlândia, novembro de 2023.

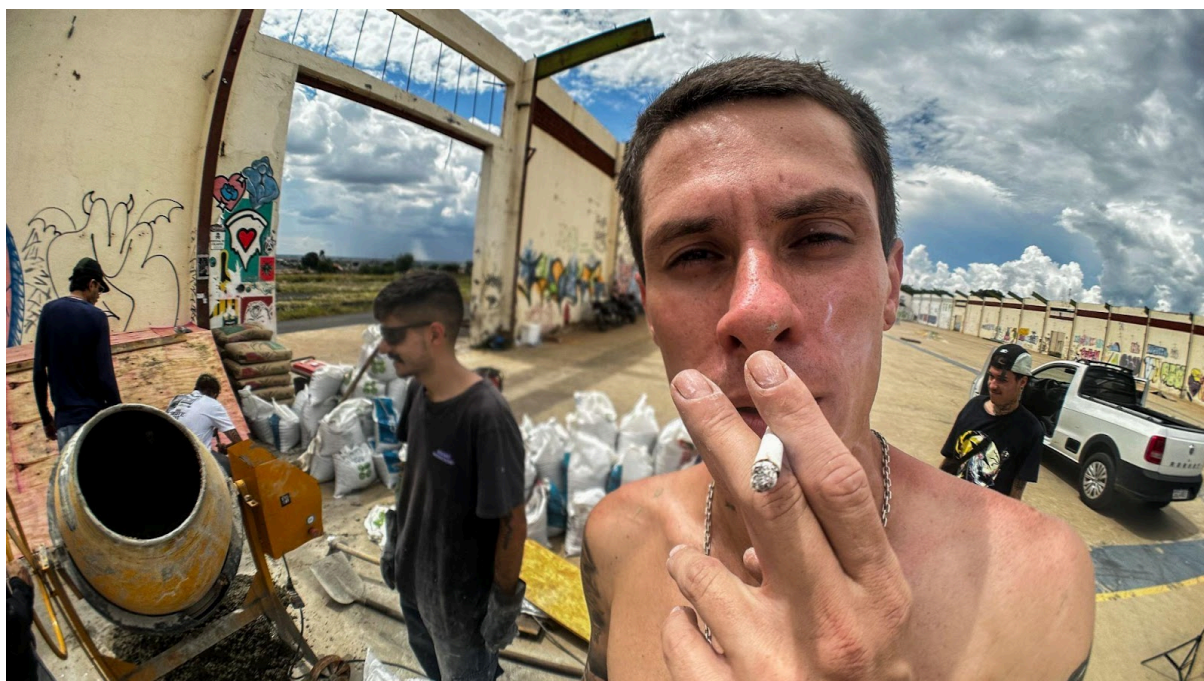


Figura 39 - DIY para a produção do *China Banks*, no (novo) Galpão-DIY. Fonte: Fotografia cedida cordialmente por Marcelo Mug. Verão de 2023.



Figura 40 - Envolvidos na produção do *China Banks*, no (novo) Galpão-DIY. Fonte: Fotografias cedidas cordialmente por Marcelo Mug. Verão de 2023. Disponível em <<https://blackmediaskate.com/programas/pedreiragem/as-fotos-do-pedreiragem-17/>> Acessado em 23/09/2024.

Pouco antes da destruição do (antigo) Galpão-DIY, duas famílias, que residiam no *pico*, foram acolhidas pela ocupação Fidel Castro, Setor Leste de Uberlândia/MG. E, nas cidades, sempre tem sido assim, de uma maneira ou de outra. Uns constroem, outros destroem. Presente do indicativo e de exclusão.

Em fevereiro de 2024, pouco antes da ocupação (novo) Galpão-DIY fazer seu primeiro aniversário, foi lançado o programa Imóvel da Gente, com o objetivo de destinar o patrimônio ocioso da União para políticas públicas prioritárias voltadas ao interesse social.

O alvo do Programa de Democratização de Imóveis da União, Imóvel da Gente, são imóveis sem destinação definida como áreas urbanas vazias, prédios vazios e ocupados, conjuntos habitacionais com famílias não tituladas, além de núcleos urbanos informais com e sem infraestrutura.

A iniciativa visa beneficiar áreas como educação, saúde, assistência social, segurança alimentar, cultura e o esporte, priorizando a oferta habitacional (em parceria com o Programa Minha Casa Minha Vida), regularização fundiária, obras de infraestrutura e equipamentos de políticas públicas diversas.

Entre os imóveis contemplados no Estado de Minas Gerais pelo Imóvel da Gente, está o terreno, sem operação oficial desde 1998, onde situa-se a ocupação da comunidade skatista (novo) Galpão-DIY.

Antes da falência da estatal da Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais (CASEMG), o terreno passou para a custódia da União, como adimplemento da dívida da estatal mineira.

O principal foco do programa é utilizar o patrimônio brasileiro desocupado ou subutilizado para interesse social. A expectativa é que por meio de políticas e programas que promovam o acesso à moradia digna, o *pico* do (novo) Galpão-DIY, seja em breve incorporado a um projeto de habitação de interesse social.



Figura 40 - Localização do pico (new) Galpão-DIY, em vermelho. Terreno contemplado pelo programa Imóvel da Gente, contorno verde. Setor norte de Uberlândia/MG. GoogleMaps. acessado em 22/07/2024.

Uma das críticas aos modelos de implantação, das mais comuns de habitação de interesse social no Brasil, é que as habitações e os devidos equipamentos urbanos e comunitários, estão situados em zonas afastadas das centralidades urbanas que negam aos moradores seu direito à cidade.

Em Uberlândia/MG, as Zonas Especiais de Interesse Social, que são os terrenos destinados a receber as Habitações de Interesse Social, se situam nas bordas da cidade. A política pública do programa *Imovel da Gente*, fortalece a possibilidade de preencher os vazios urbanos nas regiões menos periféricas, indo em direção oposta à segregação.

Como foi questionado, na introdução desta dissertação, **qual seria a participação da prática do skate de rua de Uberlândia-MG na produção da cidade e na democratização do espaço público? Em que ponto a utopia deixa de ser discurso e a publicidade eleitoral e passa a ser política pública efetivada, iluminando o direito à cidade?**

A expectativa é que, nos próximos anos, o terreno em questão, figura 35, receba habitação social com dignidade, consciência social e ambiental. A vontade dos agentes da comunidade skatista em transubstanciar um fragmento da cidade em *pico* é inquilina dos corações mais corajosos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ARANTES, Giovanna Ferreira. **Street Plaza Social - Requalificação do Azul pista de skate do Parque Sabiá**. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design curso de Design Uberlândia. Orientador: Guilherme Graciano, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

BALLESTRIN, Luciana. “**América Latina e o giro decolonial.**” Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília, DF. n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: <tps://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200004&script=-sci_abstract&tlng=pt.> Acesso em: 30 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. 2ª ed. Tradução de João da Silva. São Paulo: Editora Exemplo, 2000.

BOLOTA, Fábio. Anos 80. In BRITTO, Eduardo (org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

_____, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. 2007. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

_____, Leonardo. **Para além do esporte: Uma história do skate no Brasil**. 2015. EDIFURB.

_____, Leonardo. **Skate & Skatistas: Questões Contemporâneas**. 2012. Londrina, UEL.

BROOKE, M. **The concrete wave: the history of skateboarding**. EUA: Warwick House Publishing, 1999.

BRUM, Lucian e GONÇALVES, Martha. **Skateparks em Contexto**. 2017 <https://plataformapalpite.wordpress.com/2016/06/28/skate-parks-em-contexto-ii/>

CLEPS, G. D. A **Origem e o desenvolvimento do comércio atacadista de Uberlândia (MG)**. Sociedade & Natureza, [S.I.], v. 12, n.23, 2014. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28486>. Acesso em: 16 mar. 2022. <https://doi.org/10.14393/SN-v12-2000-28486>

COELHO, Pedro Casasco Ribeiro. **O skate na cultura corporal de movimento: aspectos evolutivos e sociais**. – Rio Claro, 2015. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado – Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociência de Rio Claro. Orientador: Wilson do Carmo Júnior

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio**. Rio de Janeiro: Repositório do Conhecimento do IPEA. 2003. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4775>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

FUSARO, K. **Gírias de todas as tribos**. São Paulo: Editora Panda, 2001.

GALEAZZI, Carolina. **Valorização da memória e identidade urbanas a partir do conceito “terrain vague”** In Revista eletrônica de estudos urbanos, nº 46, ano 12. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://www.emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/359/original/emetropolis46_art2.pdf?1639513675;

GONÇALVES, Luiza do Couto. **Ações culturais urbanas contemporâneas em uma cidade média: apreensões sobre o projeto Corredor Cultural de Franca/SP**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. 2021. Orientador Luiz Carlos de Laurentiz.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Editora UFMG. 2012. <https://doi.org/10.7476/9788542302912>

JACQUES, Paola. **Cenografias e Corpografias Urbanas: Espetáculo e experiência na cidade contemporânea**. In: 5ª edição da Revista do Observatório. p. 47-58. 7 dez. 2009. Disponível em: http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/000890.pdf, acesso 11 ago 2021.

LAMPARELLI, Celso Monteiro. **Metodologia de pesquisa aplicada à arquitetura e ao urbanismo**. [S.l.: s.n.], 1996. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/dephistoria/lap/cad1120.html#cadern15>.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1969.

LEINE, E. **Skate não é só para meninos**. *Revista 100%Skate*, Ano 10, n. 85, abr, 2005.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De "carrinho" pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-05062012-160404. Acesso em: 2024-10-22. <https://doi.org/10.11606/D.8.2011.tde-05062012-160404>

_____, Giancarlo Marques Carraro. **A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-26032018-122700. Acesso em: 2024-10-22. <https://doi.org/10.11606/T.8.2018.tde-26032018-122700>

_____, Giancarlo Marques Carraro. **Cidade para quais pessoas? Sobre as contradições da reforma do Vale do Anhangabaú.** Tempo Social, v. 34, n. 1, p. 153–174, jan. 2022. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2022.190441>

_____, Giancarlo Machado. **A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade.** Ed. HUCITEC/CAPES. 2022. 1ed 332p.

_____, Giancarlo Marques Carraro, **Mão na massa e skate no pé: práticas cidadinas nas novas centralidades paulistanas,** *Anuário Antropológico*, v.44 n.1 | 2019, 285-305 <https://doi.org/10.4000/aa.3523>

_____, Giancarlo Marques Carraro, **Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo.** Esporte e Sociedade ano 7, n 19, março 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisas em Antropologia Urbana.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____, José Guilherme Cantor. **Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?.** In: Cadernos de Campo (USP), v. 2, p. 48-51, 1992. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v2i2p48-51>

_____, José Guilherme C.; TORRES, Lílían de Lucca (Orgs.). **Na metrópole: textos de Antropologia Urbana.** São Paulo: Edusp, 2000.

MARINS, Paulo César Garcez. **Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 29, n. ja/abr. 2016, p. 9-28, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/Yf6CPL5tL3bMZBm4993wDLL/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 11 ago 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862016000100002>

MARTINS, Valéria de Paula. **Sensibilidades Antropológicas.** Laboratório de Antropologia, Linguagens e saberes - LALiS/UFU. Disponível em: <http://www.poeticasdaterra.org/>.

MARX, Murilo. **Nosso Chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 2003.

NASCIMENTO, Isabela Soares. **Insurgências urbanas em contextos tradicionais de planejamento e gestão: um estudo em metrópoles Latino-americanas**. Doutorado: Ed. PUC do Paraná, 2022

O'HARA, Craing. **A filosofia do Punk – mais que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005.

OLIVEIRA, Roberto camargos de. **Música e Política, percepções da vida social brasileira no RAP**. Mestrado: UFU 2011

PALLAMIN. Vera, M.. (coord). **Cidade e Cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp, 1984.

RIBEIRO, J. da S. **Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 613-648, 2005. DOI: 10.1590/S0034-77012005000200007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27220>. Acesso em: 20 ago. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200007>

SCHLEE, Mônica Bahia. **Globinar novas abordagens em patrimônio: Reflexões**. PGPP/FAU/UFRJ, 2021.

SANSÃO, Adriana. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2011.

SANTANA, Trícia Caroline da Silva. **Percepção dos usuários nos espaços públicos: avaliação pós-ocupação em três praças de Natal-RN**. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

SARLO, Beatriz. **Shoppings e carrosséis**. In: SARLO, B. Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SECCHI, Bernardo. **Ciudad moderna, ciudad contemporânea y sus futuros**. In. Lo urbano en 20 autores contemporâneos. coord. por Angel Martín Ramos, 2004, ISBN 84-8301-752-0, págs. 145-158.

SERRA, Geraldo Gomes. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo: Mandarim/Edusp, 2006.

SMITH, Laurajane. **El "espejo patrimonial". Ilusión narcisista o reflexiones múltiples?**. Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología, núm. 12, 2011, pp. 39-63. <<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/antipoda/article/view/1850>>
<https://doi.org/10.7440/antipoda12.2011.04>

ONO, R.; ORNSTEIN, S. W.; VILLA, S. B.; FRANÇA, A. J. G. L. (Org.) **Avaliação Pós-Ocupação (APO) na Arquitetura, no Urbanismo e no Design: da Teoria à Prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2018

ORNSTEIN, sheila walbe. **Occupancy evaluation (poe) in brazil, 30 years: what's new?** Projeto e Percepção do Ambiente v.2, n.2, Agosto 2017 <<https://periodicos.ufrn.br/revprojeta/article/view/16580/11038>>
<https://doi.org/10.21680/2448-296X.2017v2n2ID16580>

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

TORQUATO, Douglas de Melo Ferreira. **A filosofia da imanência e a arte do skateboarding**. 2021. 100f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

VILLA, Simone Barbosa; BRUNO, Dominique Cunha; SANTOS Ana Luísa Trevisan dos. **Avaliação pós-ocupação da qualidade na habitação por meio do aplicativo “Como você mora?”: estudo de caso na cidade de Uberlândia**. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído. 20 (3) Jul-Sep 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ac/a/LfVXrvsdJyJrdfLPgbbxtBH/>>
<https://doi.org/10.1590/s1678-86212020000300426>

VILLA, Simone Barbosa; SARAMAGO, Rita de Cássia Pereira; GARCIA,

Lucianne Casasanta. **Avaliação pós-ocupação no programa minha casa minha vida uma experiência metodológica.** UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2015. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Simone-Villa-4/publication/304252811_AVALIACAO_POS-OCUPACAO_NO_PROGRAMA_MINHA_CASA_MINHA_VIDA_UMA_EXPERIENCIA_METODOLOGICA/links/576ad38008ae5b9a62b3a3e2/AVALIACAO-POS-OCUPACAO-NO-PROGRAMA-MINHA-CASA-MINHA-VIDA-UMA-EXPERIENCIA-METODOLOGICA.pdf>

VOORDT, T. J. M. van der ; Wegen, H. B. R. van . **Arquitetura sob o olhar do usuário: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações.** São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

WAESHAW, Matt. **The Brief History of Surfing.** Chronice books. São Francisco. 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Leis, Projetos de Lei, Decretos e demais documentos

UBERLÂNDIA (cidade). **DECRETO Nº 11.905, DE 28 DE OUTUBRO DE 2009,** *regulamenta o uso da pista de skate localizada no "complexo de esportes, turismo e lazer de uberlândia cicero diniz", no parque municipal virgílio galassi e dá outras providências.* Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/mg/u/uberlandia/decreto/2009/1190/11905/decreto-n-11905-2009-regulamenta-o-uso-da-pista-de-skate-localizada-no-complexo-de-esportes-turismo-e-lazer-de-uberlandia-cicero-diniz-no-parque-municipal-virgilio-galassi-e-da-outras-providencias> . Acesso em: jan. 2024.

_____. **LEI COMPLEMENTAR Nº 524, DE 08 DE ABRIL DE 2011,** *que institui o código municipal de obras do município de Uberlândia e de seus distritos.*

Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberlandia/lei-complementar/2011/53/524/lei-complementar-n-524-2011-institui-o-codigo-municipal-de-obras-do-municipio-de-uberlandia-e-de-seus-distritos> . Acesso em: jan. 2024.

LEI Nº 10.921, DE 11 DE OUTUBRO DE 2011. *Altera a lei nº 10.185, de 24 de junho de 2009, que "dispõe acerca dos programas e projetos desenvolvidos pela administração pública municipal, por intermédio da fundação uberlandense do turismo, esporte e lazer - futel e revoga a lei nº 9676, de 11 de dezembro de 2007.* Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberlandia/lei-ordinaria/2011/1092/10921/lei-ordinaria-n-10921-2011-altera-a-lei-n-10185-de-24-de-junho-de-2009-que-dispoe-acerca-dos-programas-e-projetos-desenvolvidos-pela-administracao-publica-municipal-por-intermedio-da-fundacao-uberlandense-do-turismo-esporte-e-lazer-futel-e-revoga-a-lei-n-9676-de-11-de-dezembro-de-2007> . Acesso em: jan. 2024.

IMPLANTAÇÃO Nº 39506/2020. *Solicitação da implantação de uma pista de skate no bairro liberdade.* Disponível em: https://e-processos.camarauberlandia.mg.gov.br/sapl_documento/materia/84071_texto_integral.pdf Acesso em: jan. 2020.

AUDIÊNCIA PÚBLICA na Câmara Municipal de Uberlândia em defesa do Galpão-DIY. 17/03/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=98x1_97EQE0

AUDIÊNCIA PÚBLICA na Câmara Municipal de Uberlândia em defesa do Galpão-DIY. 08/05/2023. Disponível em: https://www.camarauberlandia.mg.gov.br/search_rss?b_start:int=12400&advanced_search=True&sort_on=Date&sort_order=reverse&Creator=aline

BELO HORIZONTE (cidade). **AUDIÊNCIA PÚBLICA** com o propósito de discutir os impactos negativos decorrentes da demolição do Galpão Skate Udi, ocorrida no último dia 1º de abril, em Uberlândia (Triângulo Mineiro), a Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) realiza audiência pública nesta segunda-feira (8/5/23).

Requerida pela deputada Bella Gonçalves (Psol), a reunião será no Auditório do Andar SE, às 9h30. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/tv-assembleia/videos/video?id=1788147&tagLocalizacao=5884> Acesso em: maio de 2023.

*_____ **PROJETO DE LEI** que reconhece como relevante interesse cultural a tradição skatista na cidade de Uberlândia. A Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais decretou: “Art. 1º – Fica reconhecido como de relevante interesse cultural do Estado, nos termos da Lei nº 24.219, de 15 de julho de 2022, a tradição skatista na cidade de Uberlândia. Art. 2º – O reconhecimento de que trata esta lei, conforme dispõe o art. 2º da Lei nº 24.219, de 2022, tem por objetivo valorizar bens, expressões e manifestações culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade mineira. Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Skatistas-protestam-contra-demolicao-de-pista-em-Uberlandia/> Acesso em: maio de 2023.*

Websites consultados

<https://agsudiy.org/>

<https://cemporcentoskate.com.br/>

<https://www.instagram.com/picosderua/>

<https://www.instagram.com/galpaoskateudiy/>

<https://www.instagram.com/agsudiy/>

<https://intervencoestemporarias.com.br/>

<https://blackmediaskate.com/programas/pedreirage/as-fotos-do-pedreirage-06-em-uberlandia/>

<https://www.lensculture.com/projects/725955-skateboarding-calligraphy-fre>

<https://www.thrasher magazine.com/articles/trash/globe-x-nude-bowl/>

<https://www.palmspringslife.com/nude-bowl-near-palm-springs-has-lured-pro-skateboarders-for-decades/>

Filmografia

PERALTA, Steve. **DOGTOWN AND Z-BOYS**. Direção: Steve Peralta. Sony Pictures, Califórnia, 2000. 97 min.

PORVA, Ricardo. **SECOND HOME**. Direção Ricardo Porva. Produção pela comunidade *local*, Uberlândia/MG, 2019, 3min.
manifesto

ANEXO A

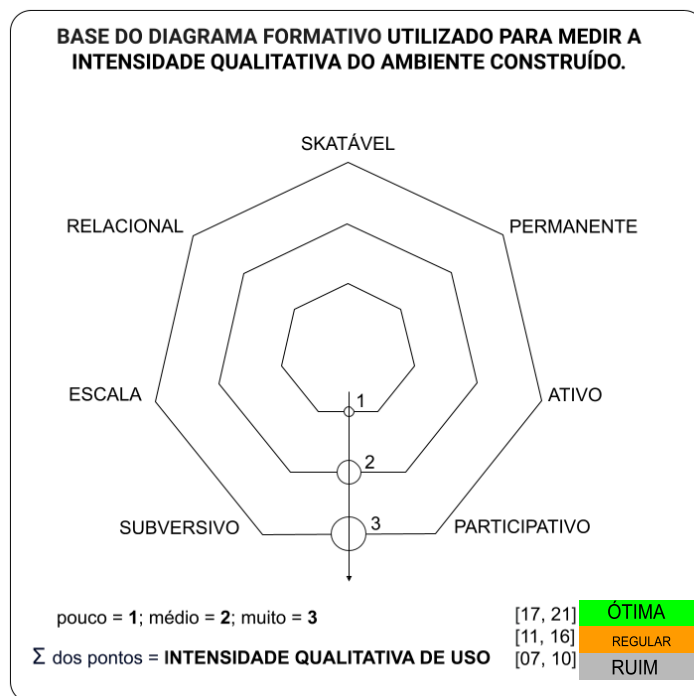
Os diagramas formativos por ordem de intensidade qualitativa de uso

+

categorização em função do processo construtivo:

Esses diagramas axonométricos, são ferramentas que possibilitam “medir” a qualidade arquitetônica dos *picos*.

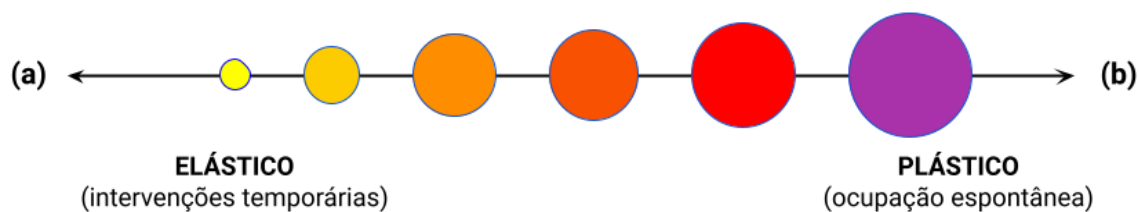
Cada característica formativa do *pico* conta com três níveis de classificação, que indicam o índice qualitativo de uso: pouco = 1; médio = 2; muito = 3. No centro do hexagrama a **intensidade qualitativa de uso** do *pico* é baixa, aumentando em direção à periferia. E a somatória Σ dos pontos atribuídos para as características formativas do *pico* está no intervalo de (7, 21).



Sendo que: $[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = \text{RUIM; REGULAR; ÓTIMA}$

Cada quadro contém, logo abaixo, um componente que ilustra, didaticamente, o trânsito do *pico* em um espectro de categorias (a) e (b) em função do seu processo construtivo (*DIY*).

CATEGORIZAÇÃO DOS *PICOS* EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:



*

O conteúdo deste anexo faz parte da construção do discurso gráfico da dissertação. E pode ser visto mais detalhadamente no **Capítulo 01. Horizonte Metodológico**, na seção **1.3 - Os diagramas formativos dos *picos* e suas fases** e na seção **1.4 A categorização dos *picos* em função do seu processo construtivo** (p. 42;52).

**

O intervalo (17, 21) aponta para uma intensidade qualitativa de uso do <i>pico</i> .

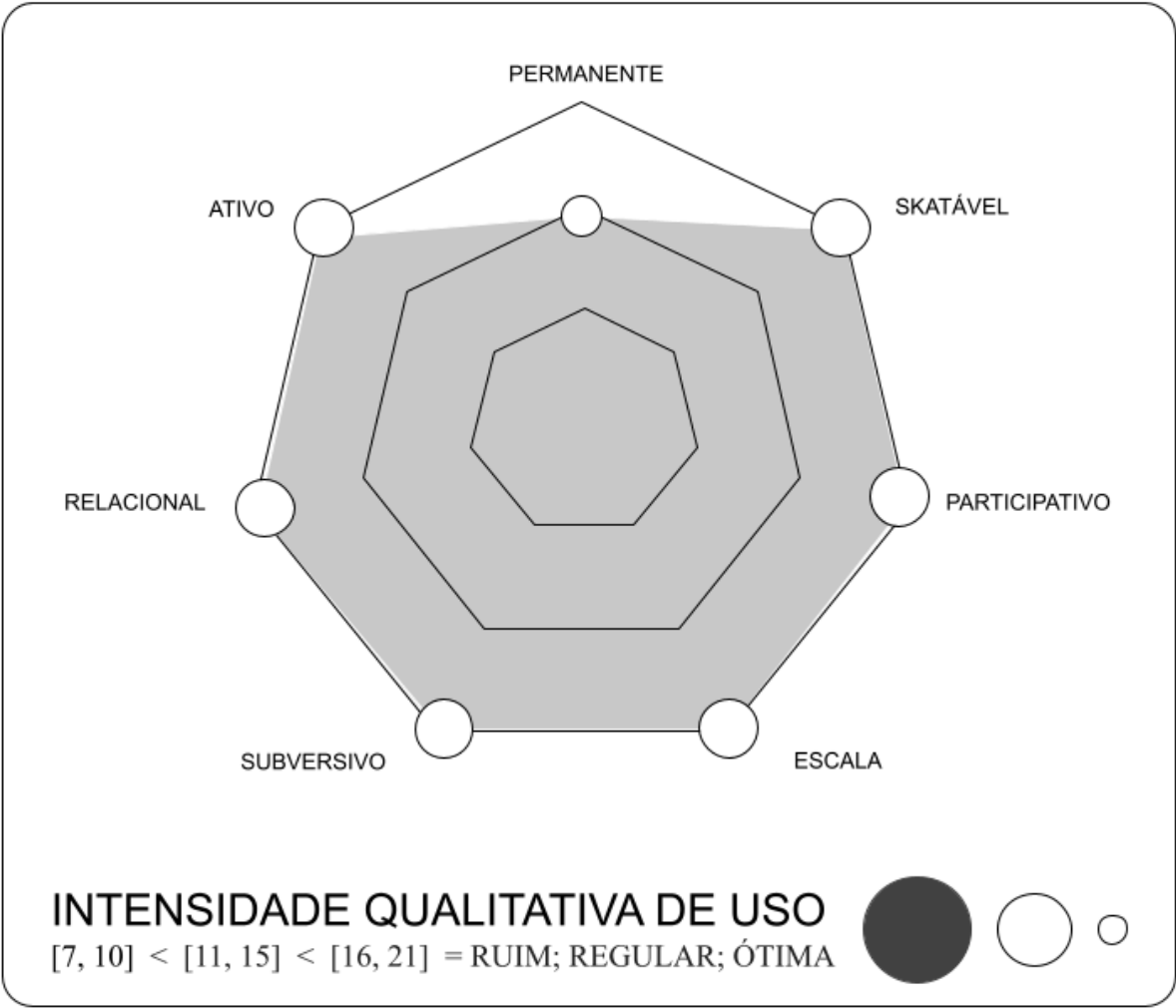
ÓTIMA

E2

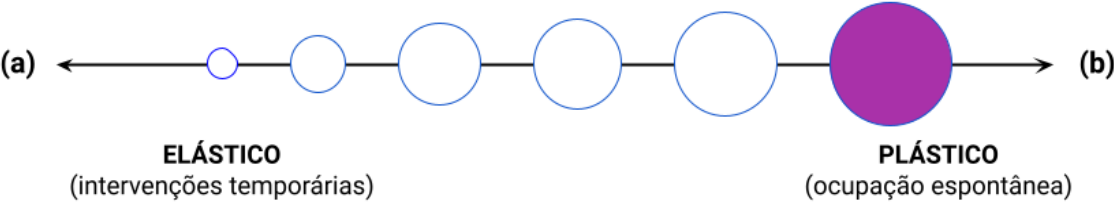
(antigo) GALPÃO-DIY

Desativado em 2023

Bairro Brasil [REGIÃO CENTRAL]

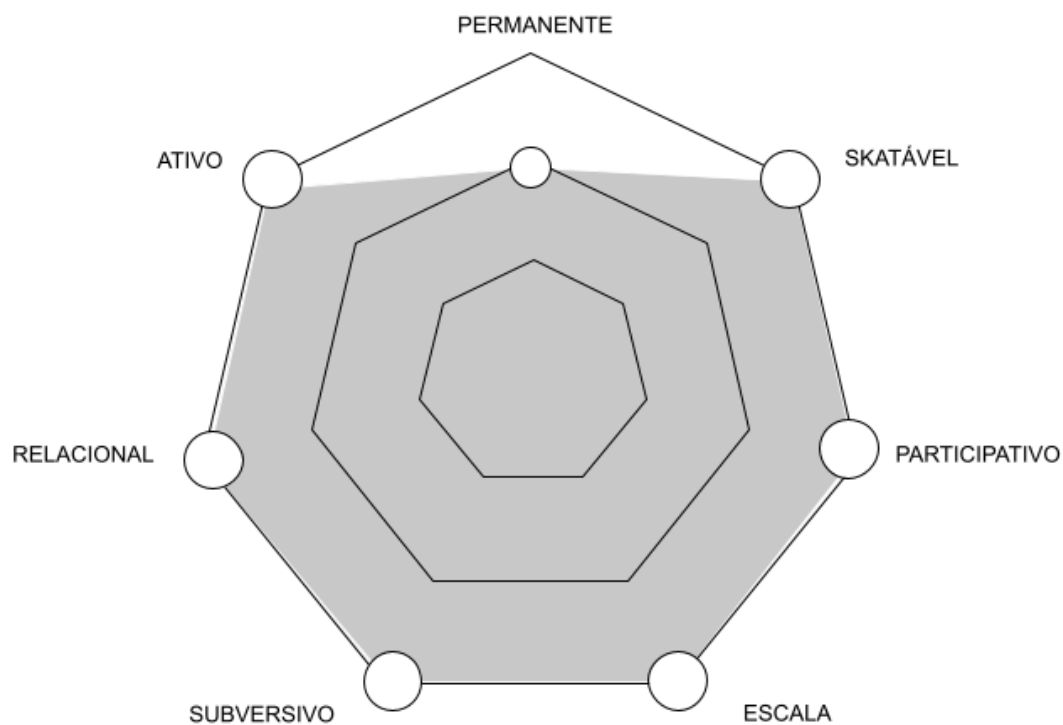


CATEGORIZAÇÃO DOS *PICOS* EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

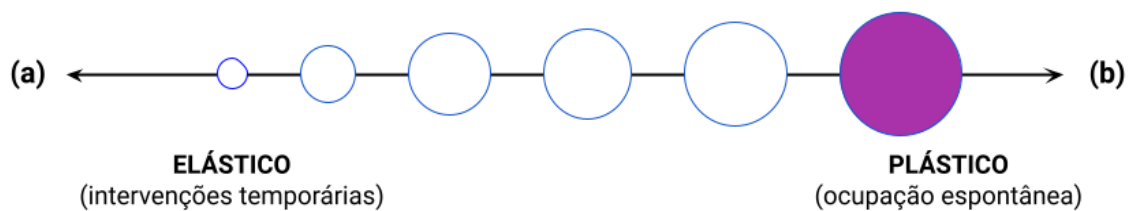


D1**(novo) GALPÃO-DIY**

Marta Helena [SETOR NORTE]

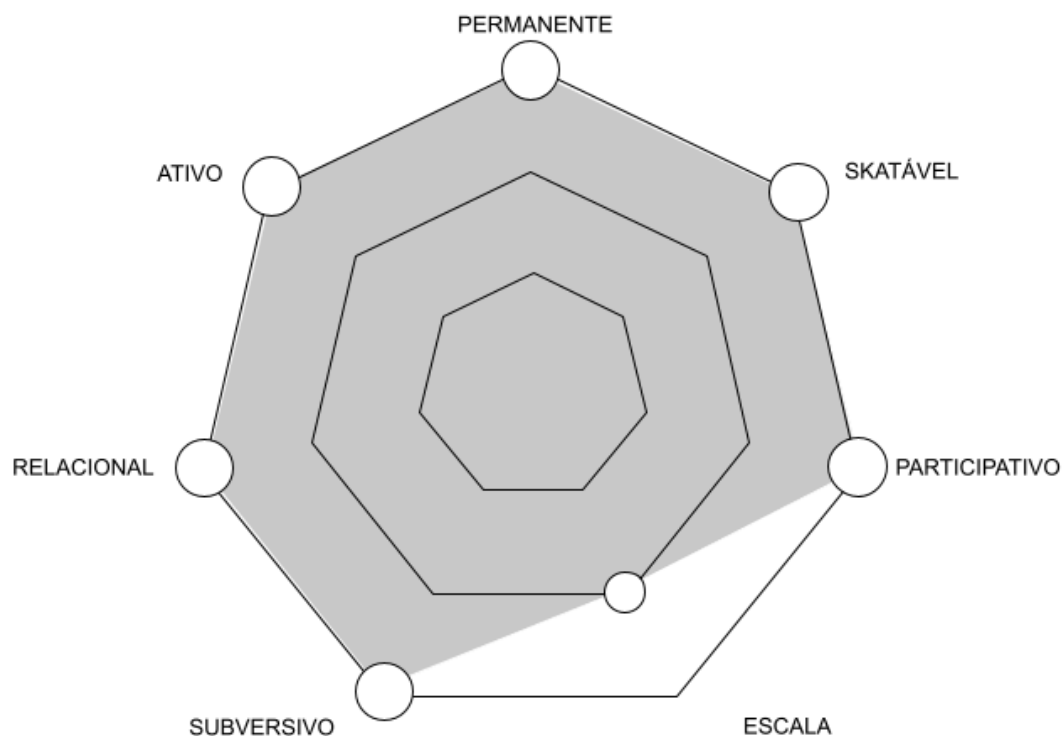
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

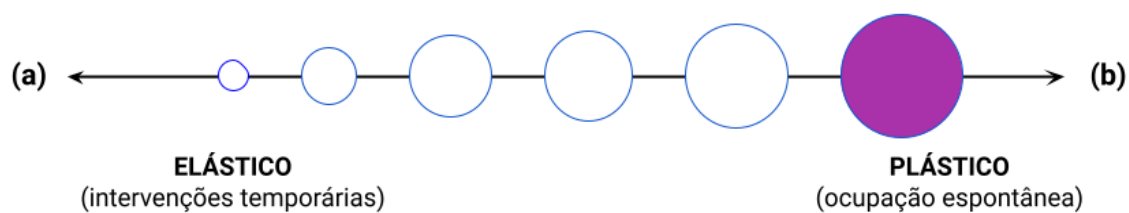
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2**PRAÇA TIBERY-DIY.**

Tibery [SETOR LESTE]

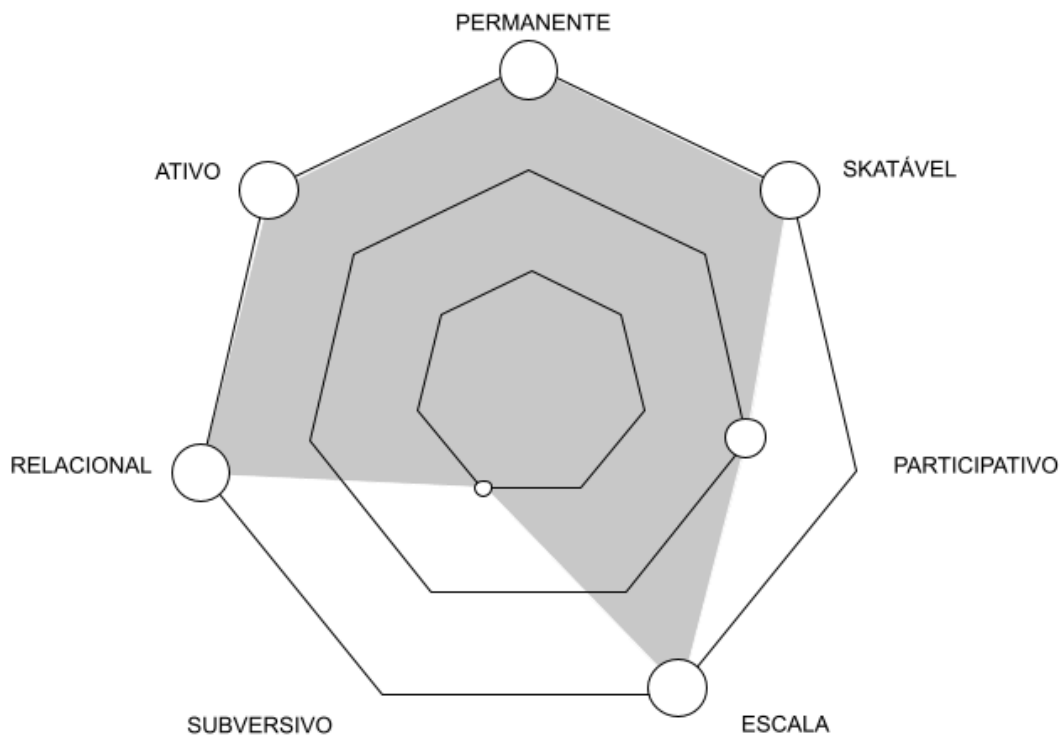
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

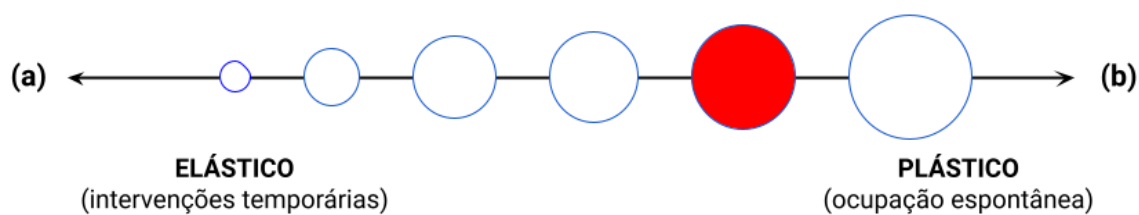
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2**ESPLANADA DO TEATRO**

Av Rondon Pacheco [SETOR LESTE]

**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

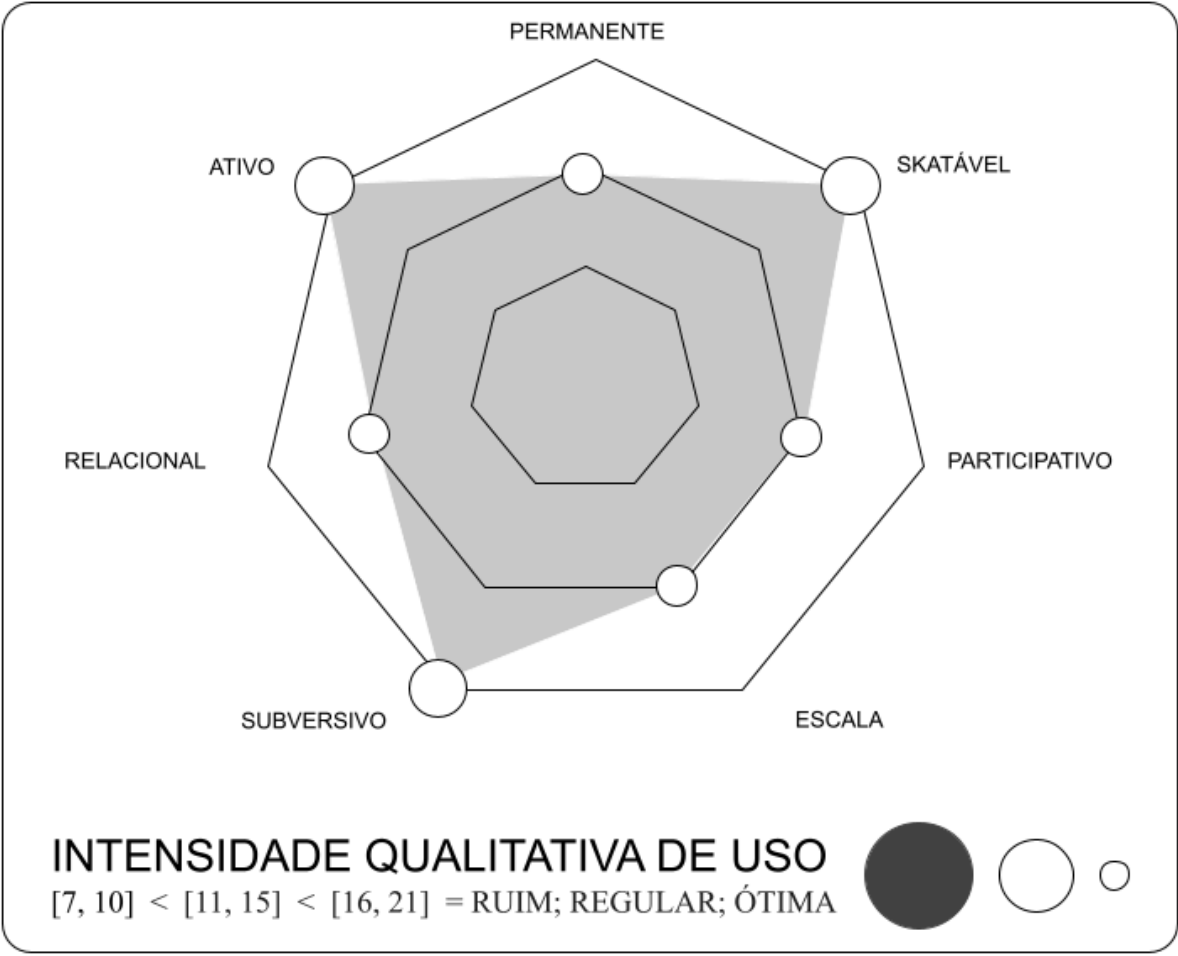
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2

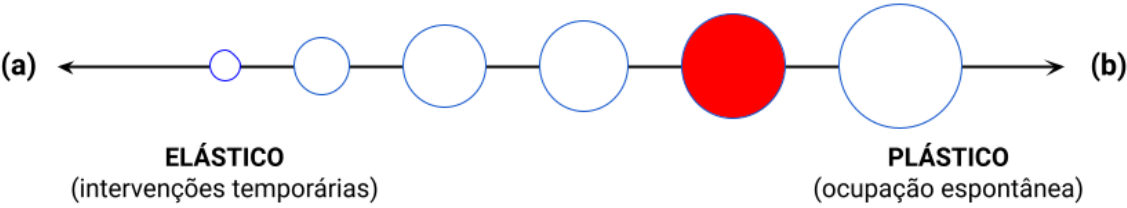
ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Custódio Pereira [SETOR LESTE]

Desativada em 2024

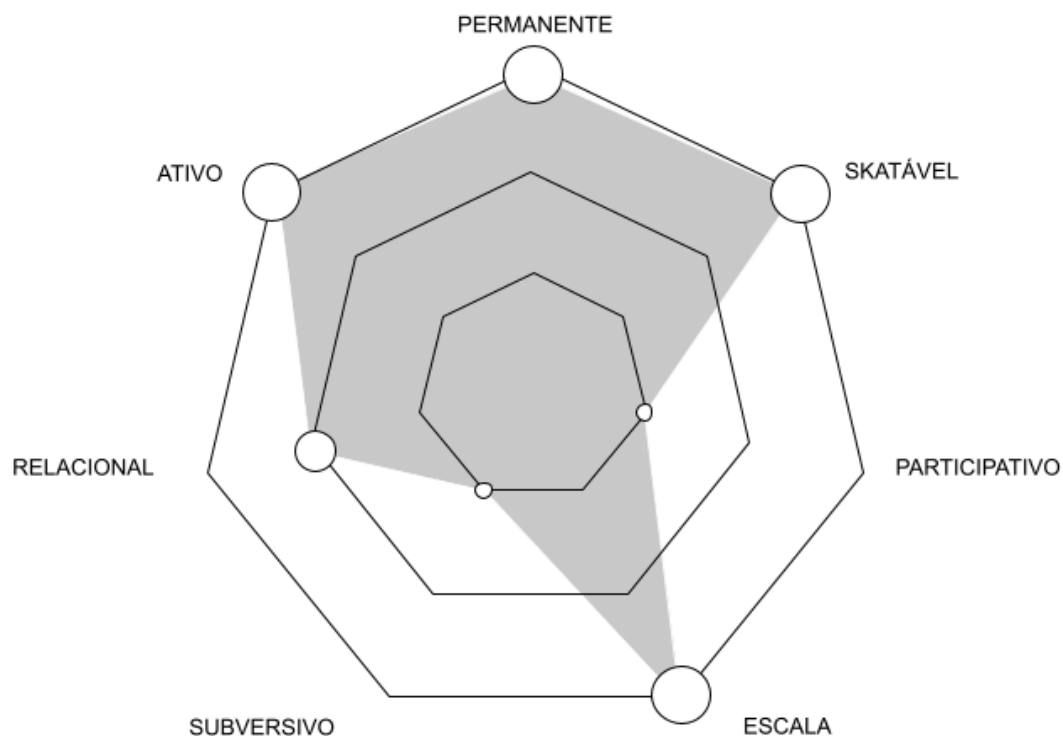


CATEGORIZAÇÃO DOS *PICOS* EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

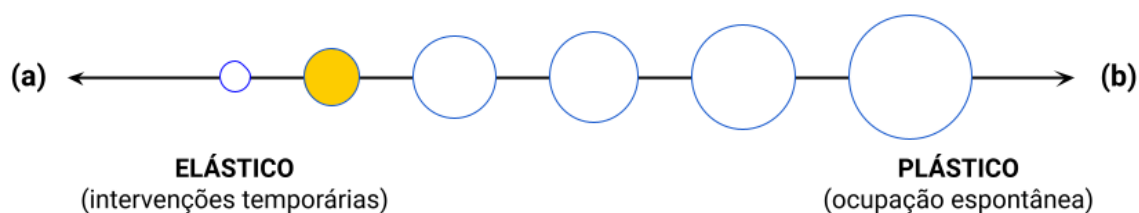


D3**PRAÇA DO AMOR**

Morada da Colina [SETOR SUL]

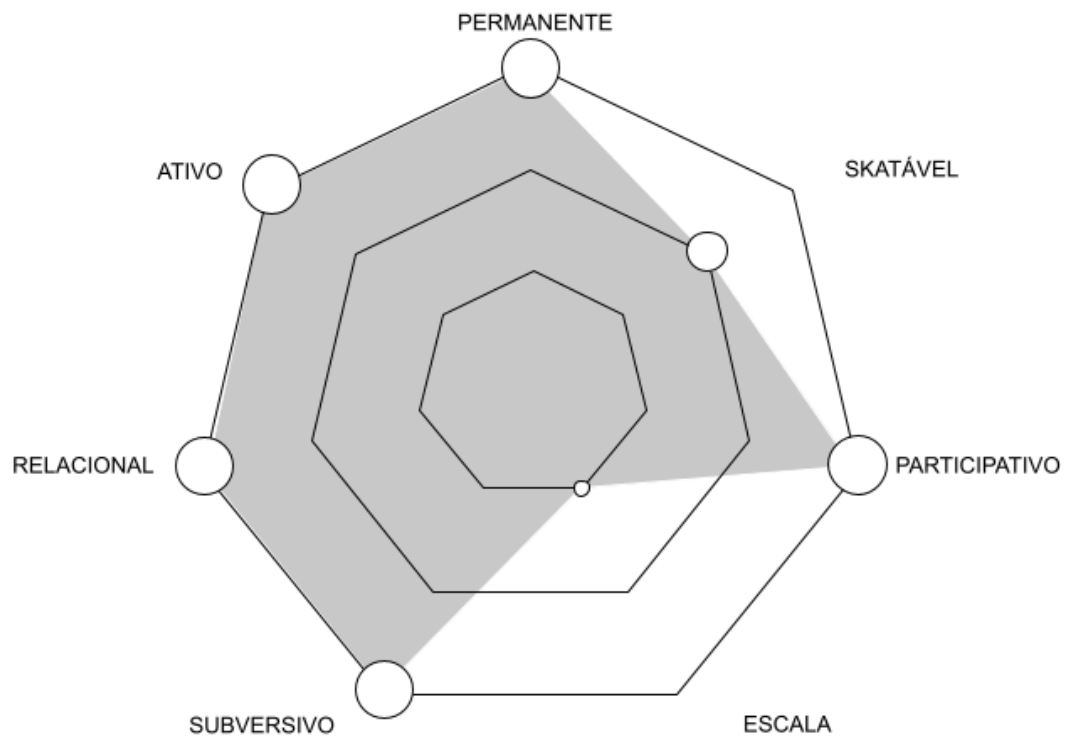
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

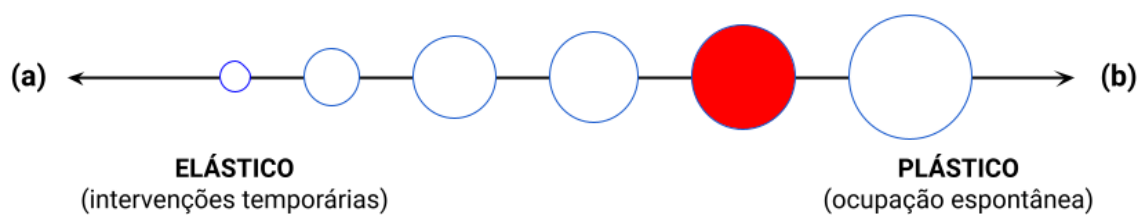
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

C3**QUADRA DA ZO-DIY**

Planalto [SETOR OESTE]

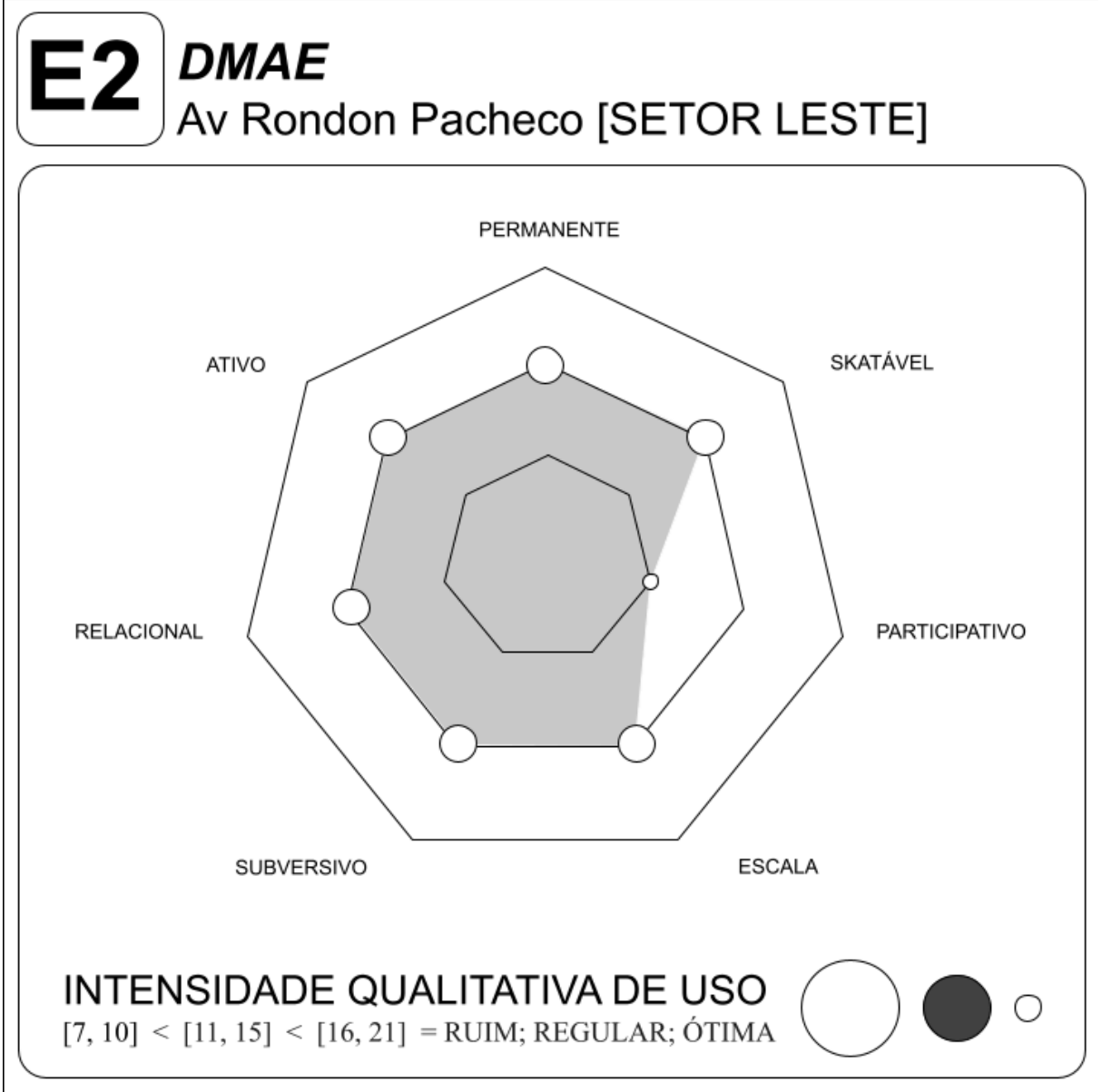
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

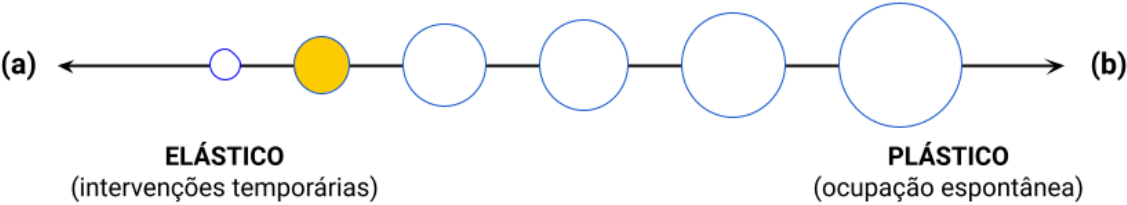
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

O intervalo (11, 16) aponta para uma **intensidade qualitativa de uso do *pico***

REGULAR

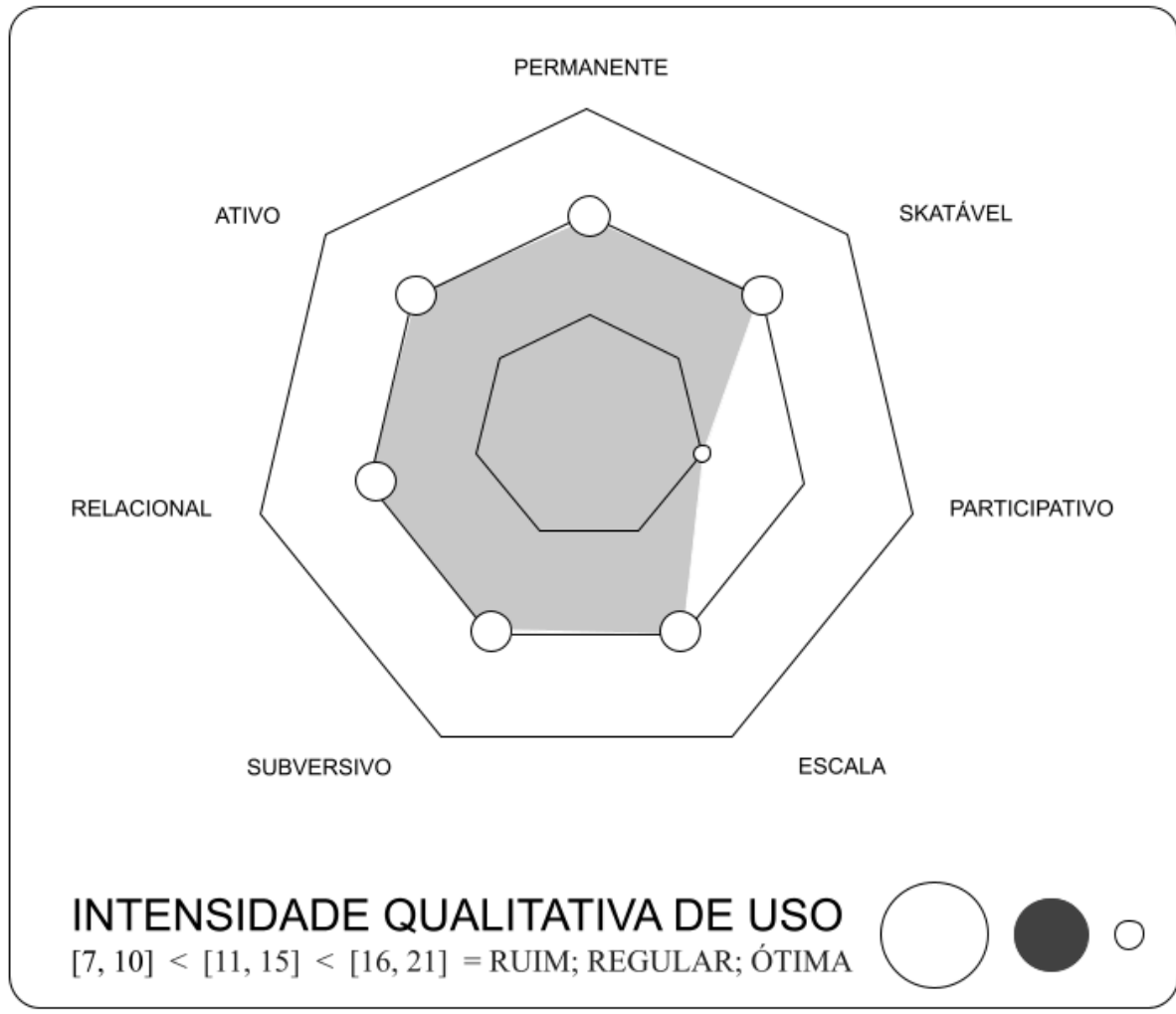
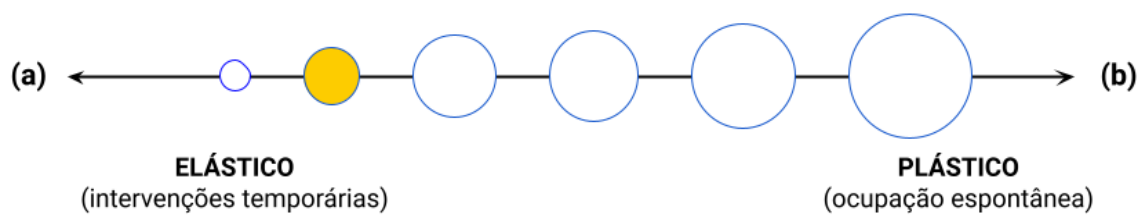


CATEGORIZAÇÃO DOS *PICOS* EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:



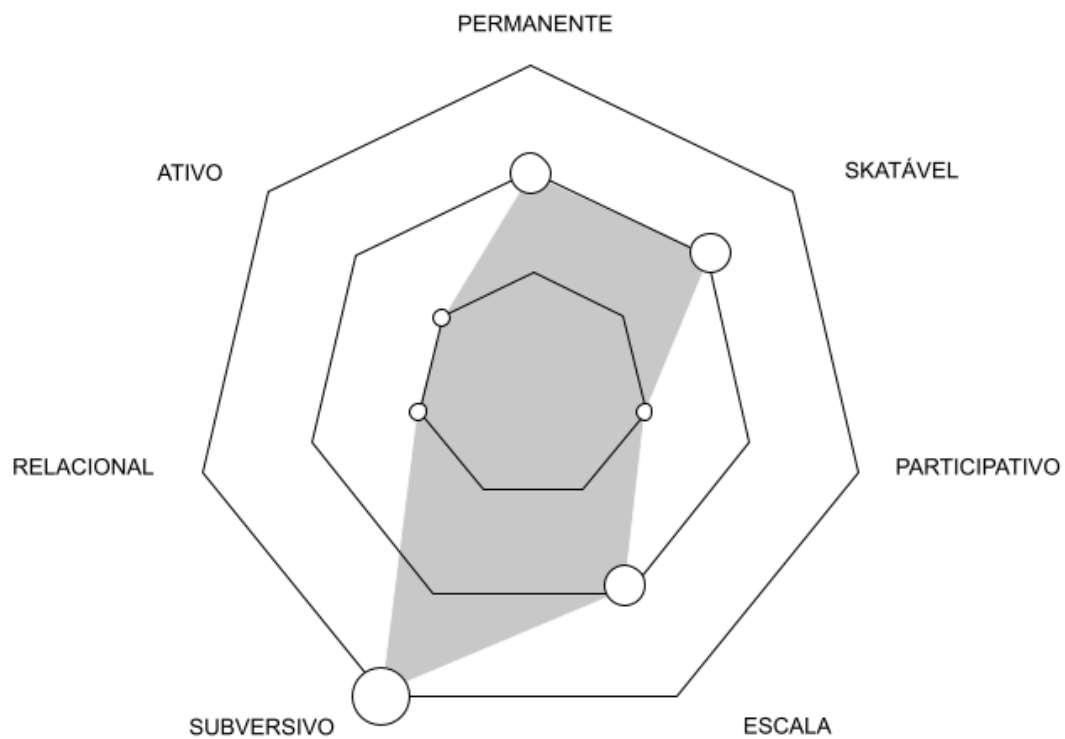
D3**ESCADA DO TERMINAL CENTRAL**

Centro [REGIÃO CENTRAL]

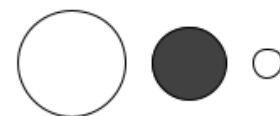
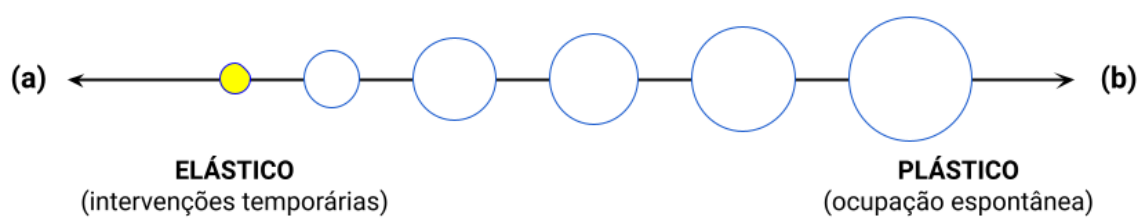
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E3**PREFEITURA**

Santa Mônica [SETOR LESTE]

**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

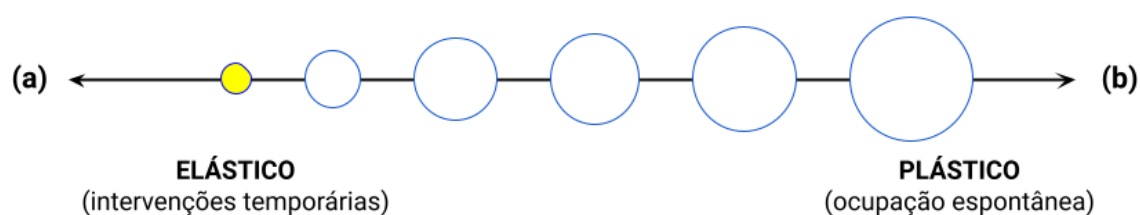
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D3**ANTIGO FÓRUM**

Centro [REGIÃO CENTRAL]

**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

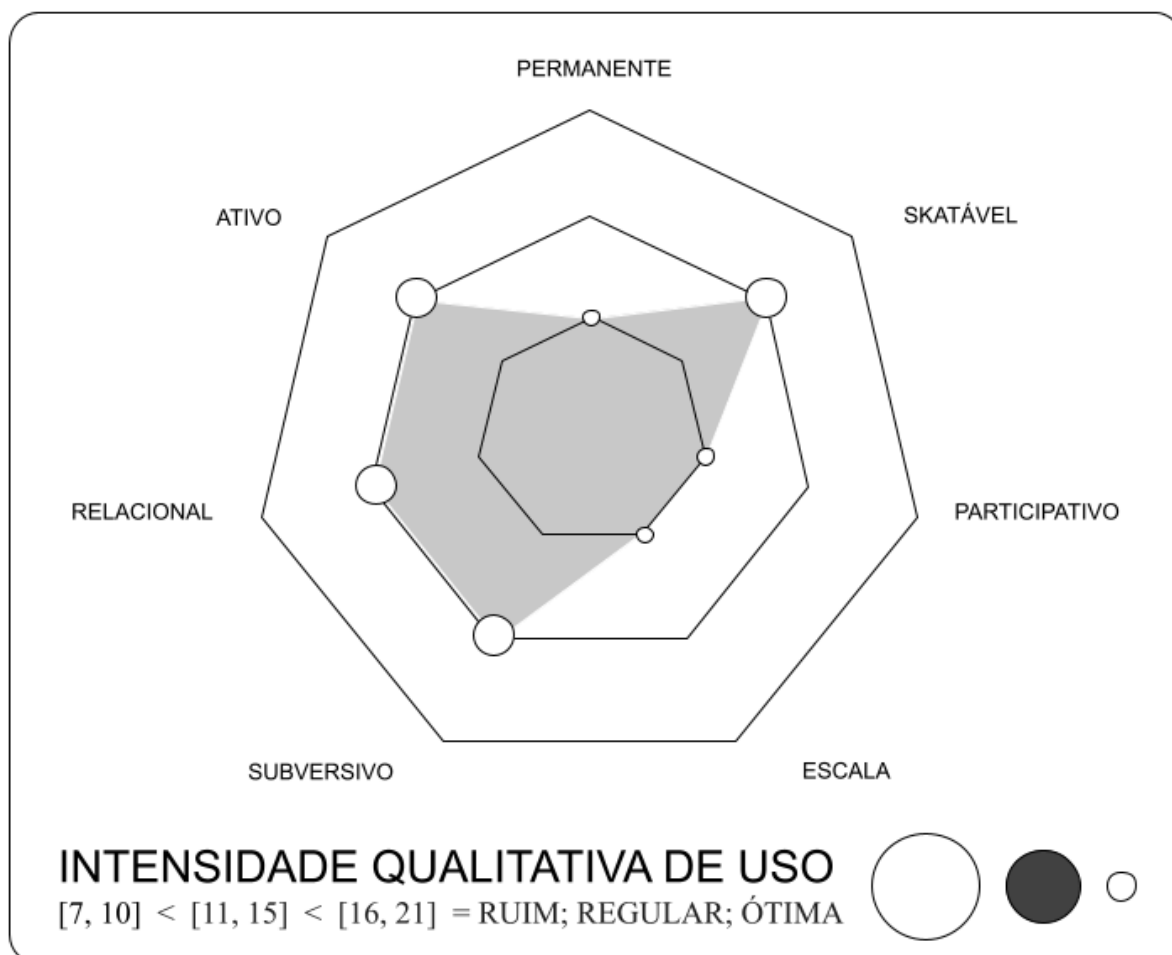
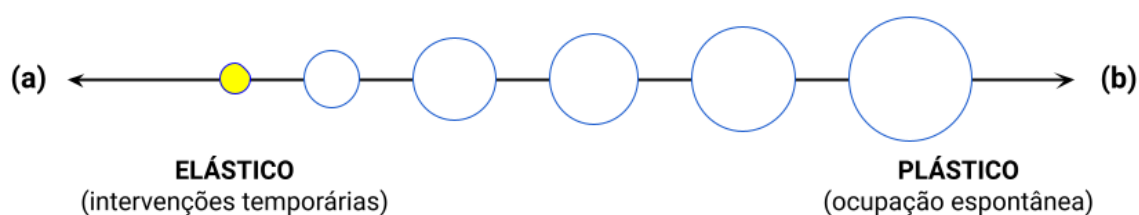
[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2**D'PASCOAL**

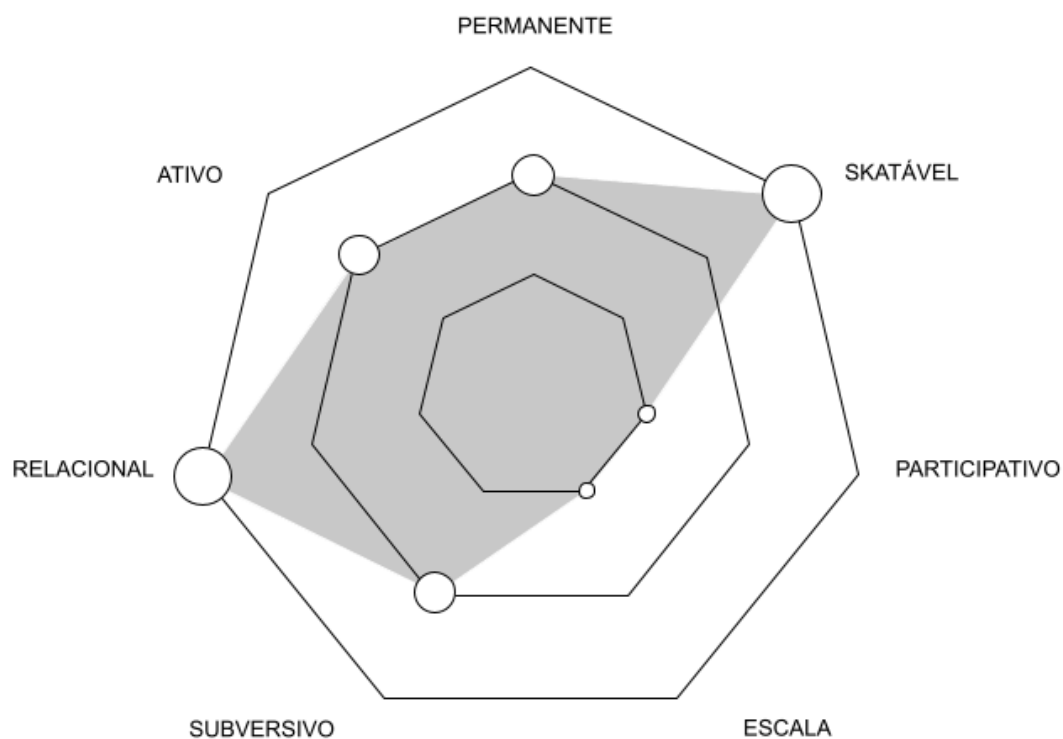
Saraiva [REGIÃO CENTRAL]

Desativado em 2022.

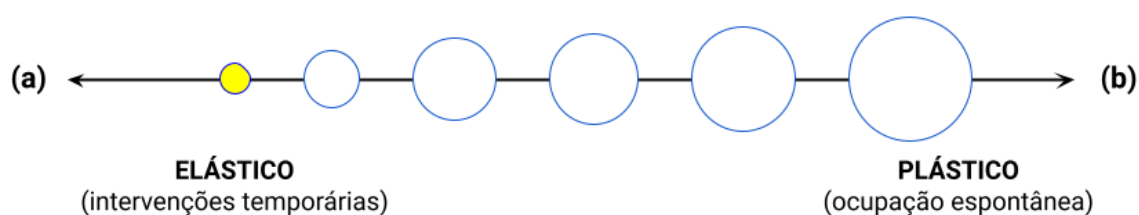
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2**ESCADA DO BAHAMAS**

Tibery. Av Rondon Pacheco [SETOR LESTE]

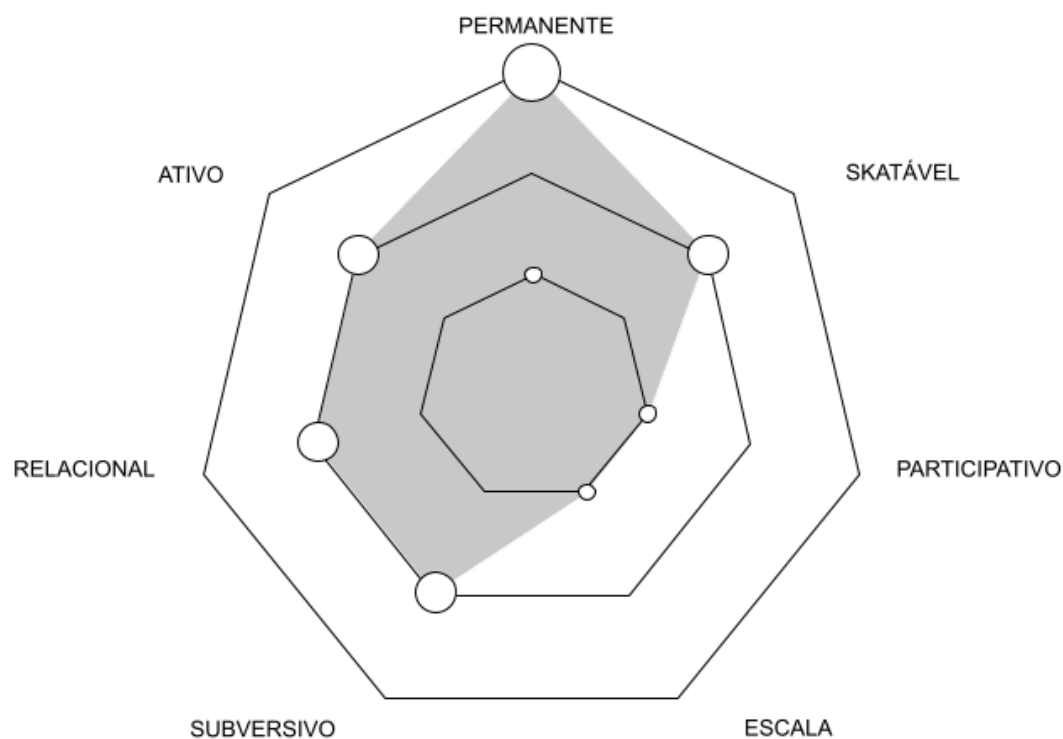
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

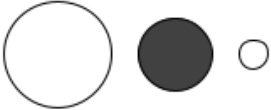
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D3

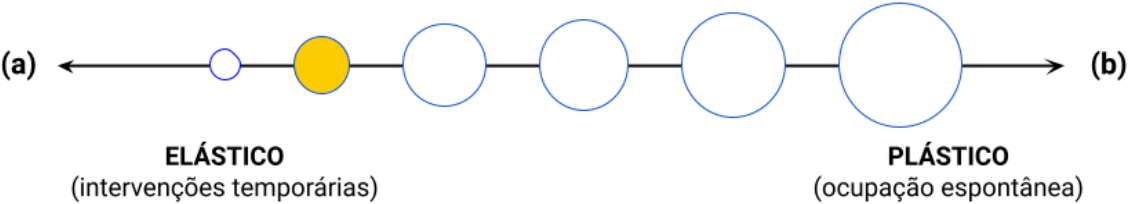
ESCADA DO CORETO
Centro [REGIÃO CENTRAL]



INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO
[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

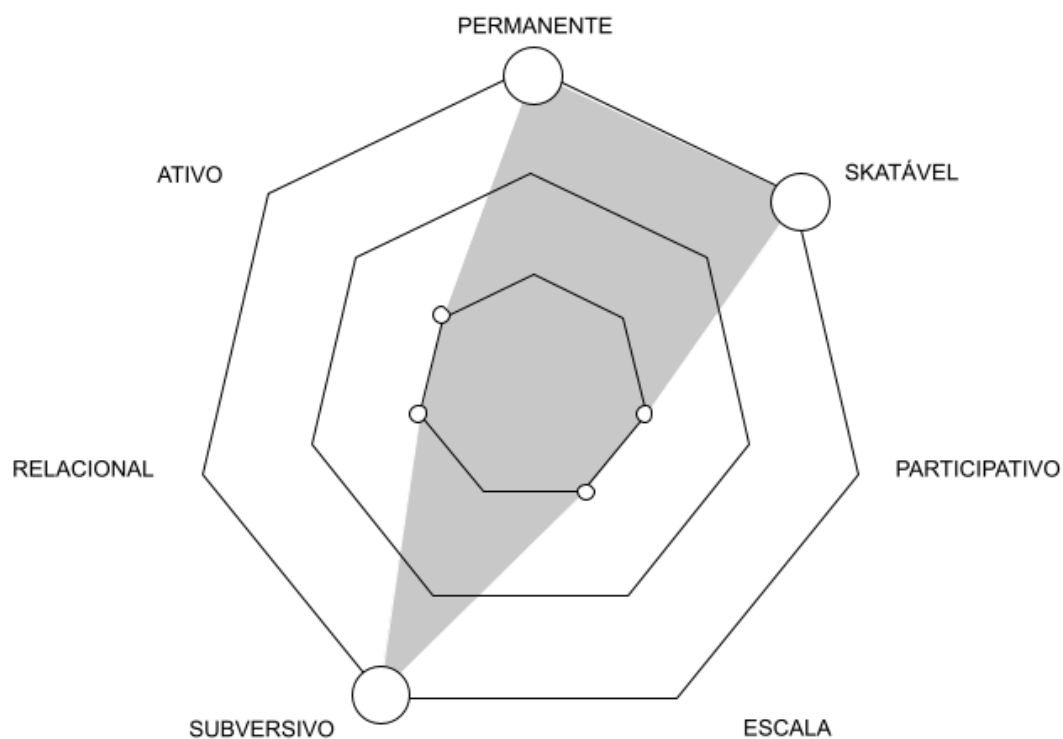


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

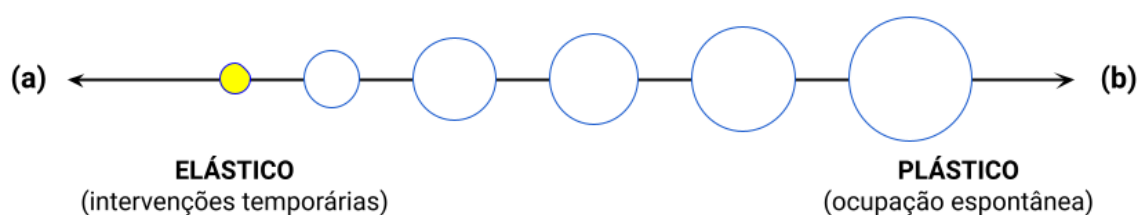


E1**HOLDING ALGAR TECH**

Arena Brasil [SETOR LESTE]

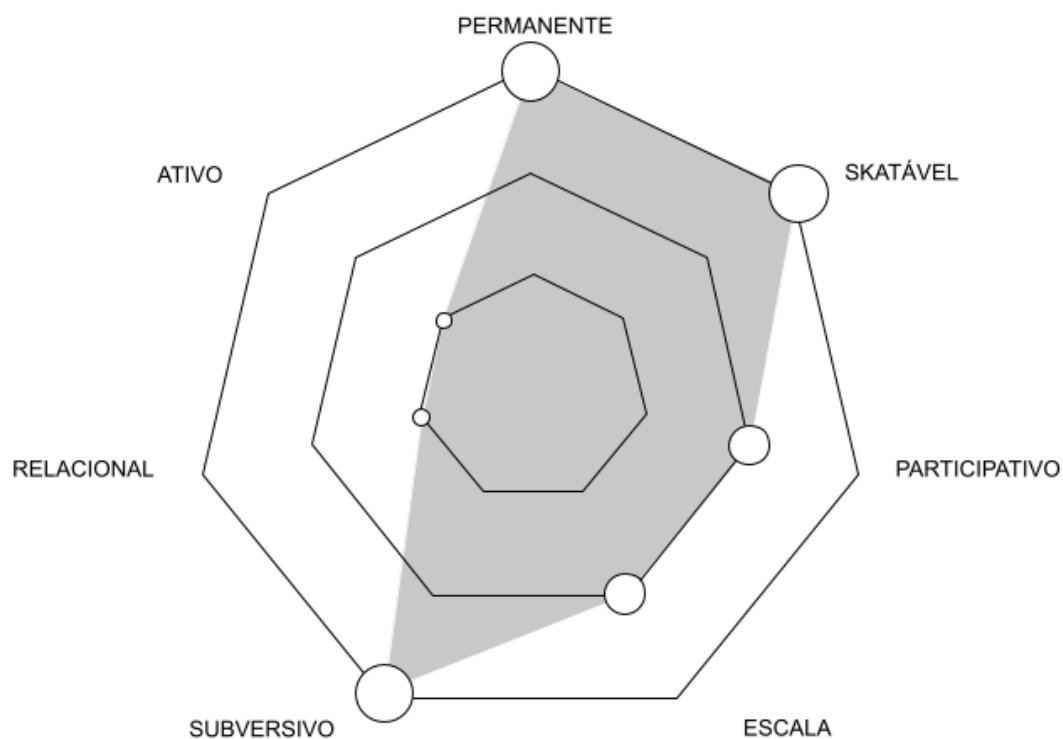
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

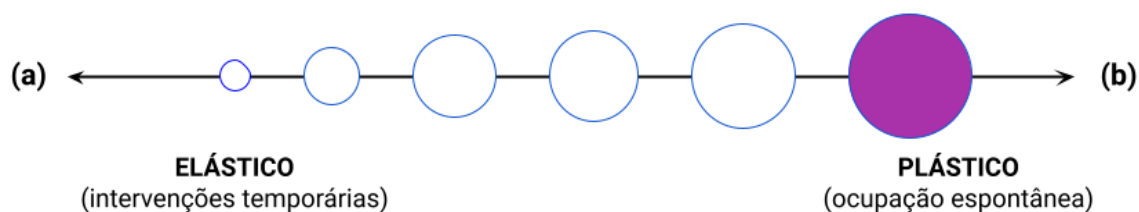
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E3**PAMPULHA-DIY**

Lagoinha [SETOR SUL]

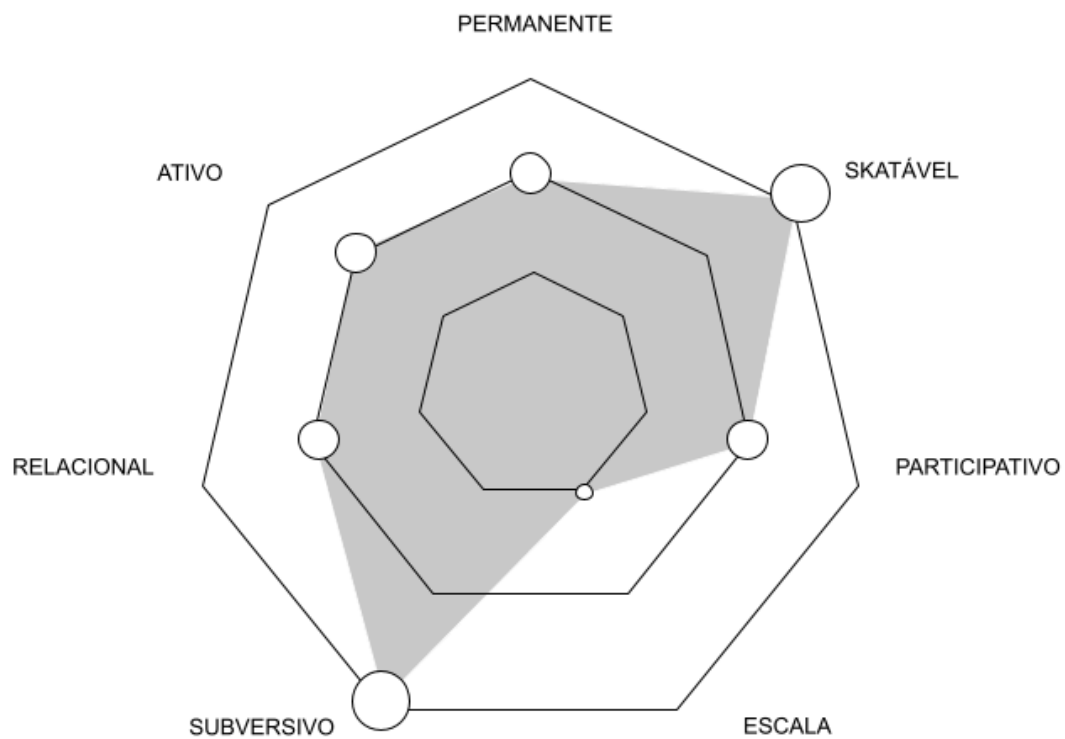
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

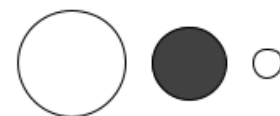
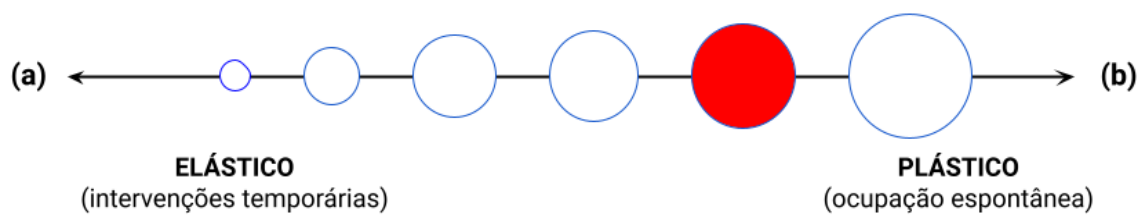
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D2**PONTILHÃO DO TERMINAL CENTRAL**

Centro [REGIÃO CENTRAL]

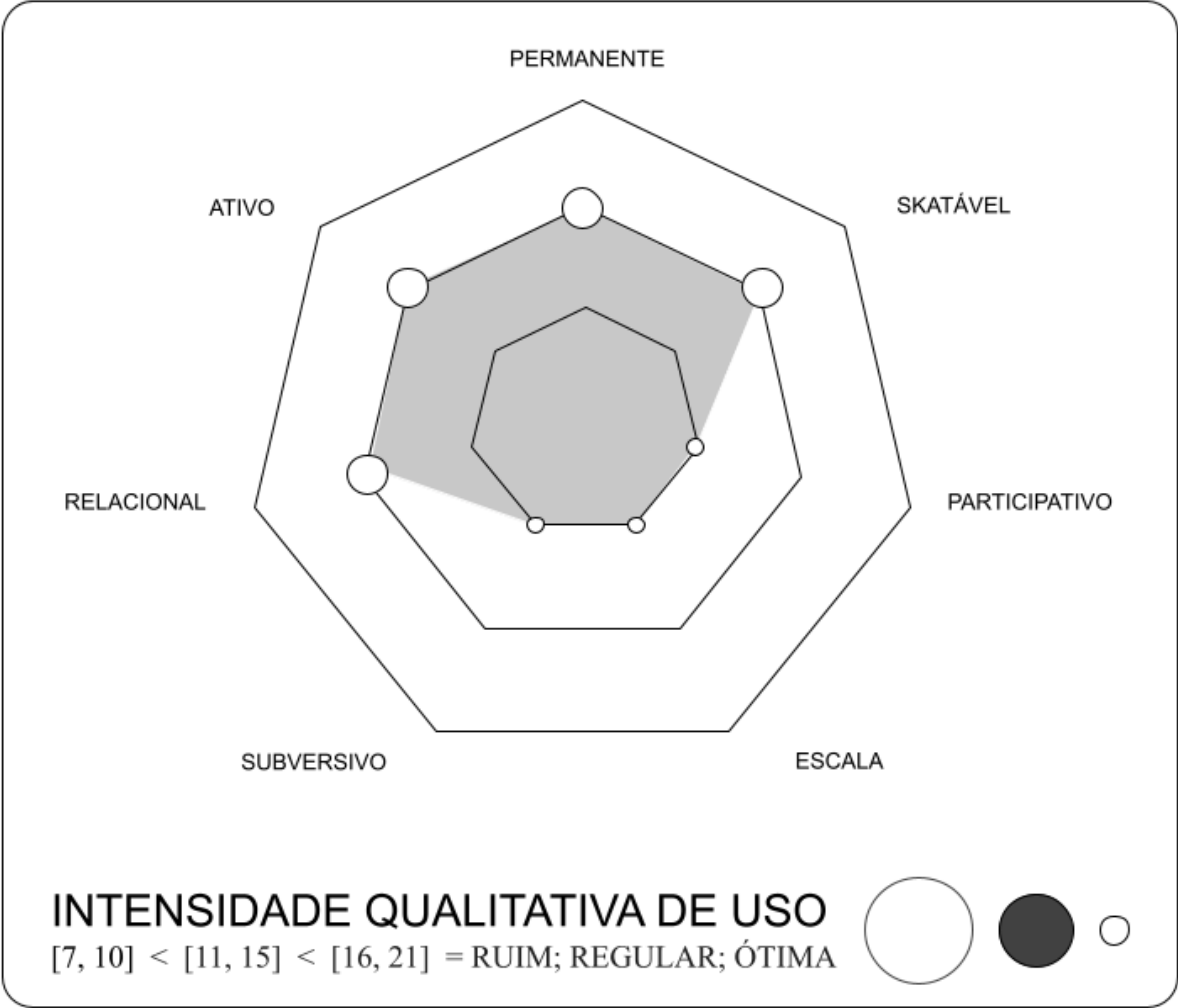
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

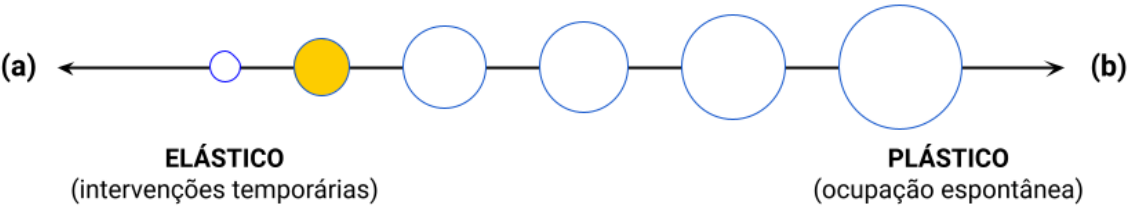
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D2

PRAÇA DO FORRÓ
Centro [REGIÃO CENTRAL]

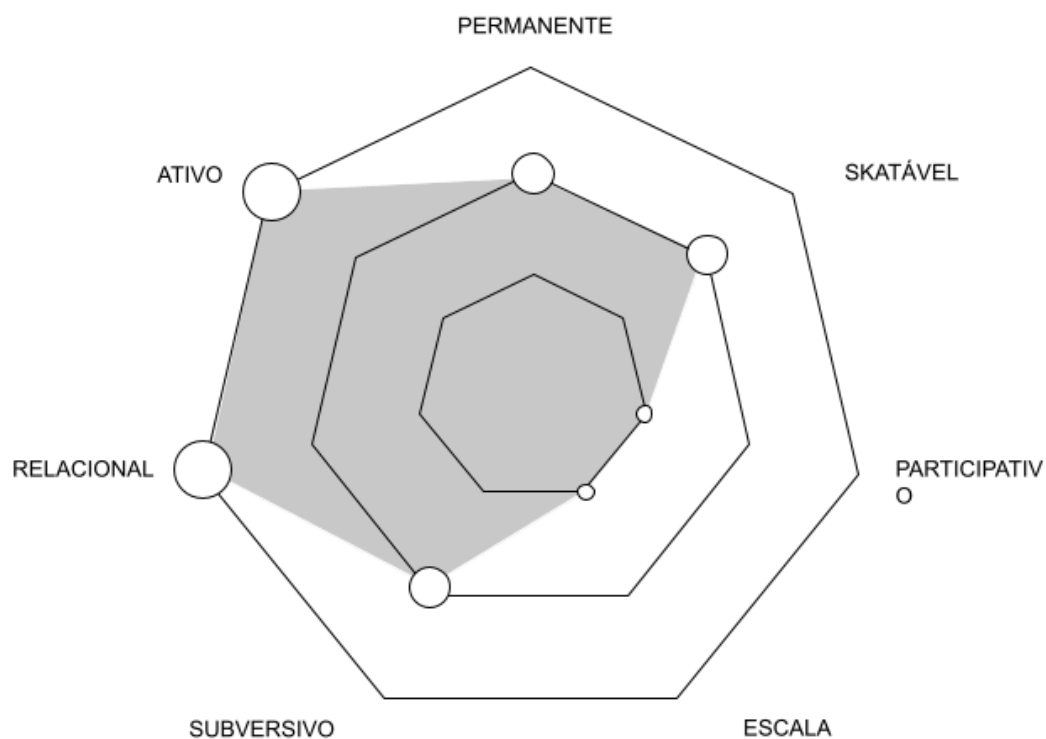


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:



D2

QUADRADO, (PRAÇA SÉRGIO PACHECO) Centro [REGIÃO CENTRAL]

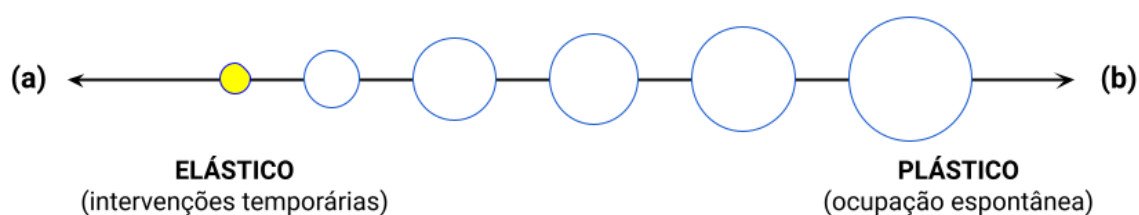


INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

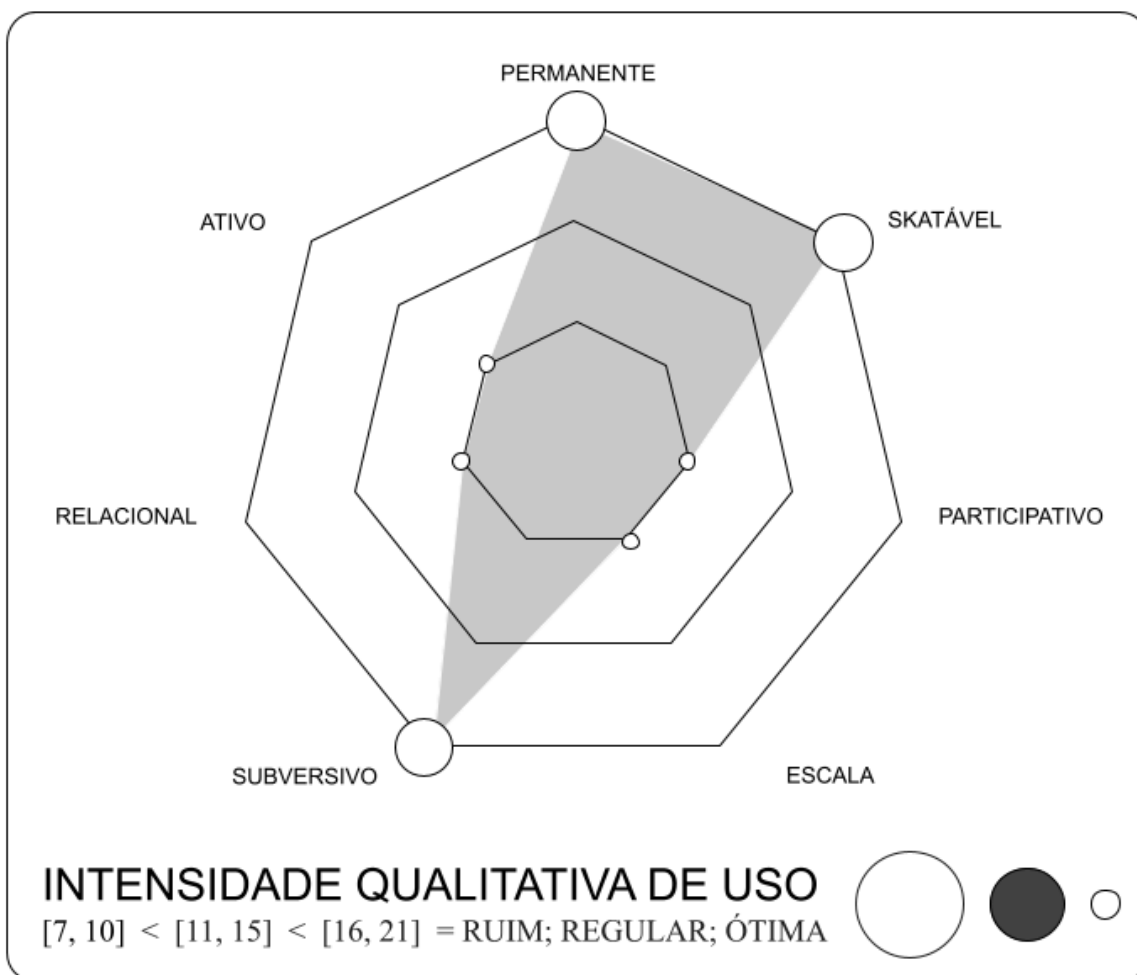


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

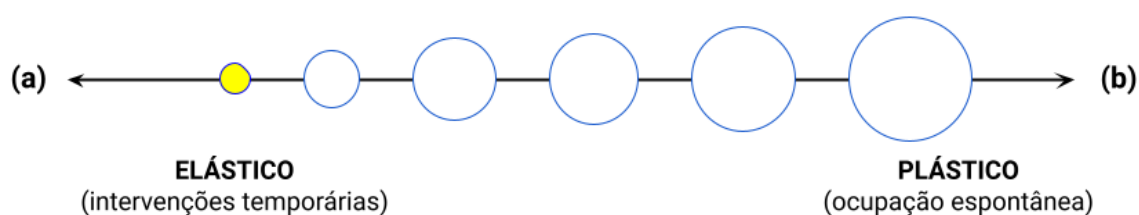


E3

VIGA DO VIADUTO (Viaduto Pastor José Braga) Avenida João Naves de Ávila sobre a Avenida Rondon Pacheco [REGIÃO CENTRAL]

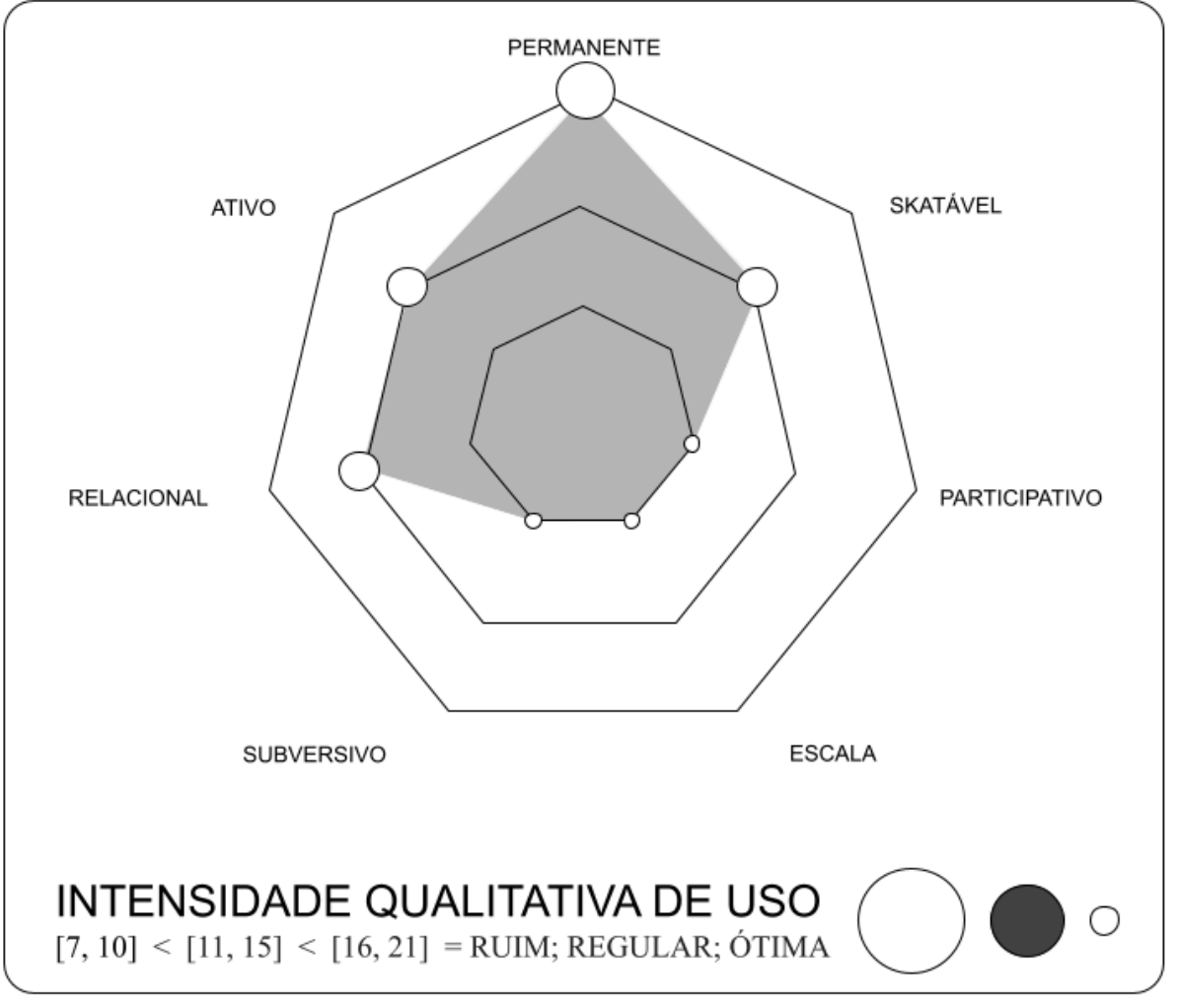


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

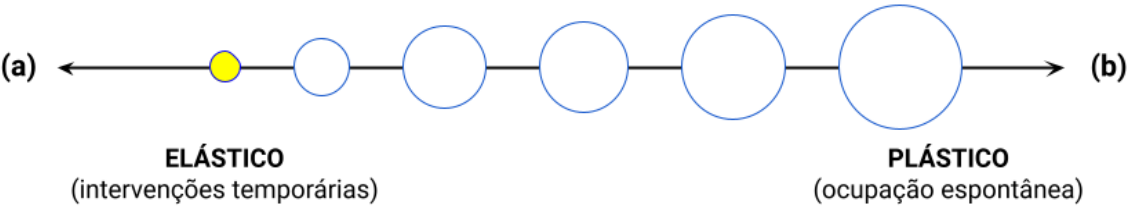


B4

VIVA MANSUR
Mansur [SETOR OESTE]



CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

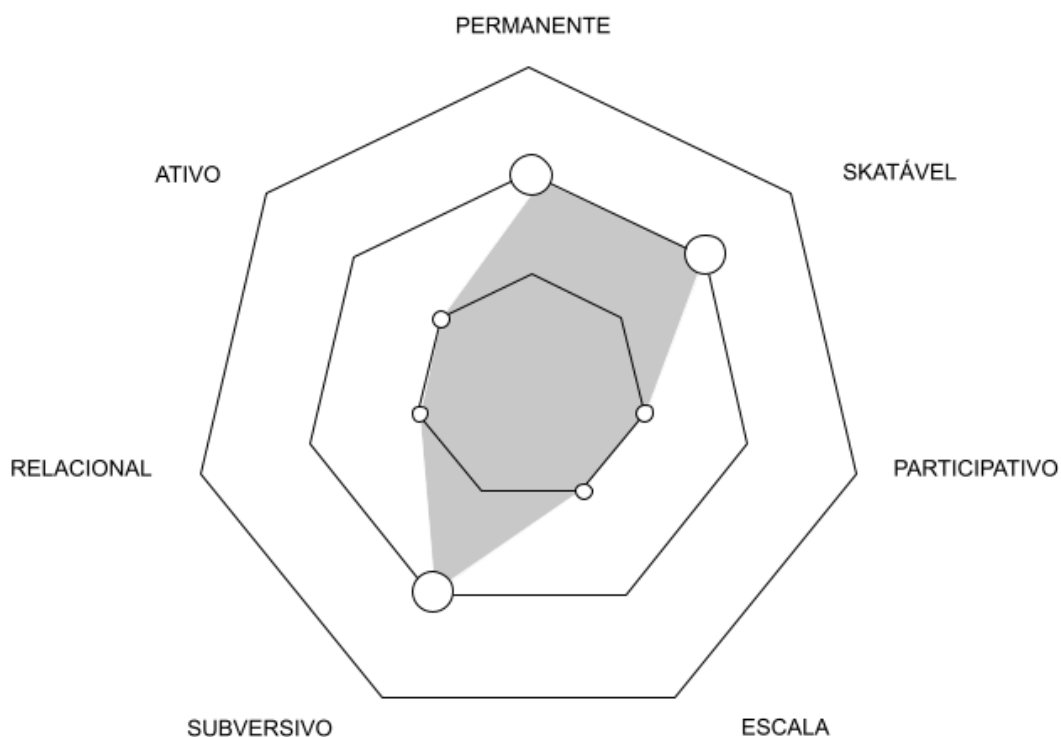


O intervalo (07, 10) aponta para uma **intensidade qualitativa de uso do pico**

RUIM

D3 **ESCADA DO IFTM**

Altamira [SETOR SUL]

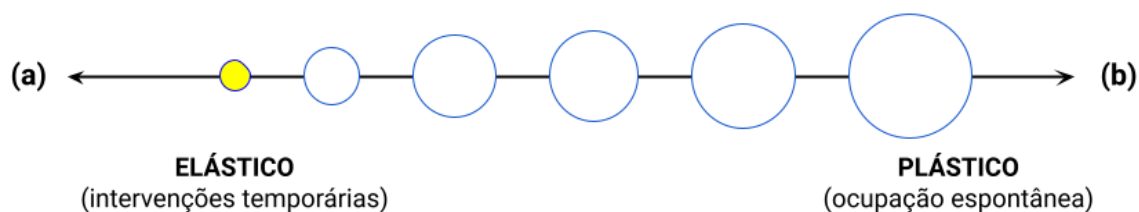


INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

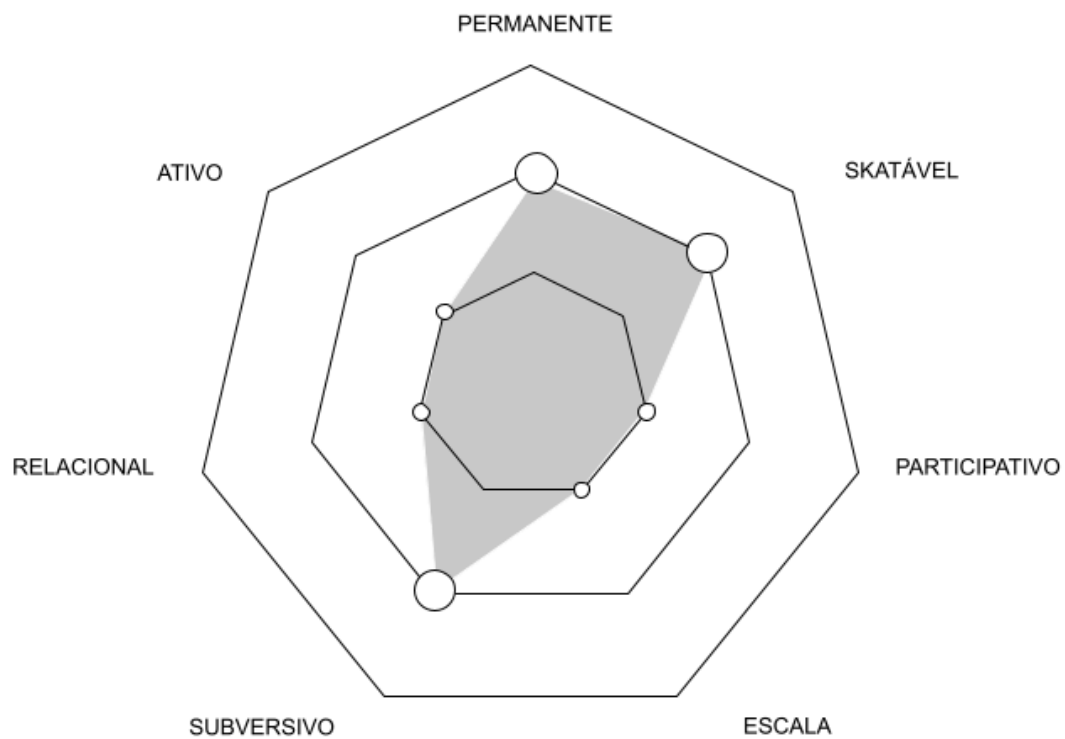


CATEGORIZAÇÃO DOS *PICOS* EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

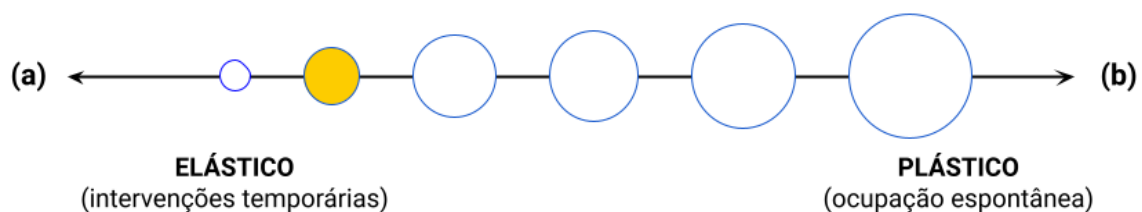


E2**ARQUIBANCADA DA ACRÓPOLE**

Custódio Pereira [SETOR LESTE]

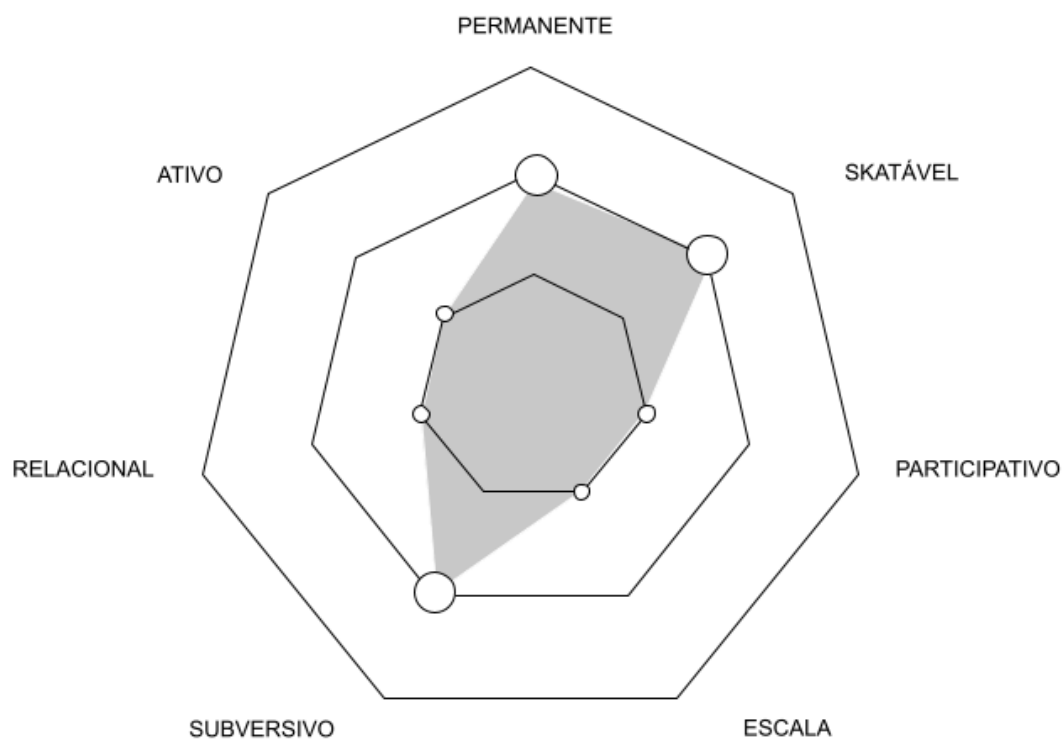
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

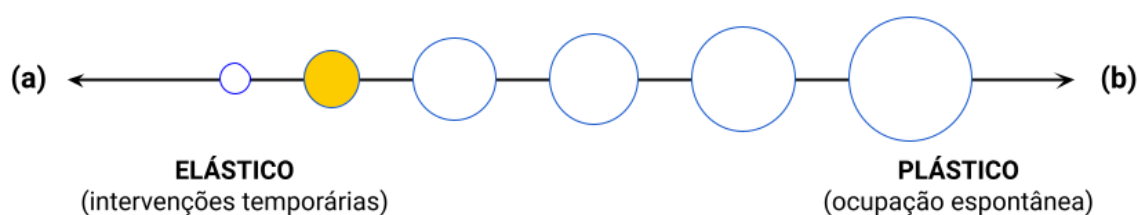
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

E2**PICO DA Av GOIÂNIA**

Daniel Fonseca [SETOR OESTE]

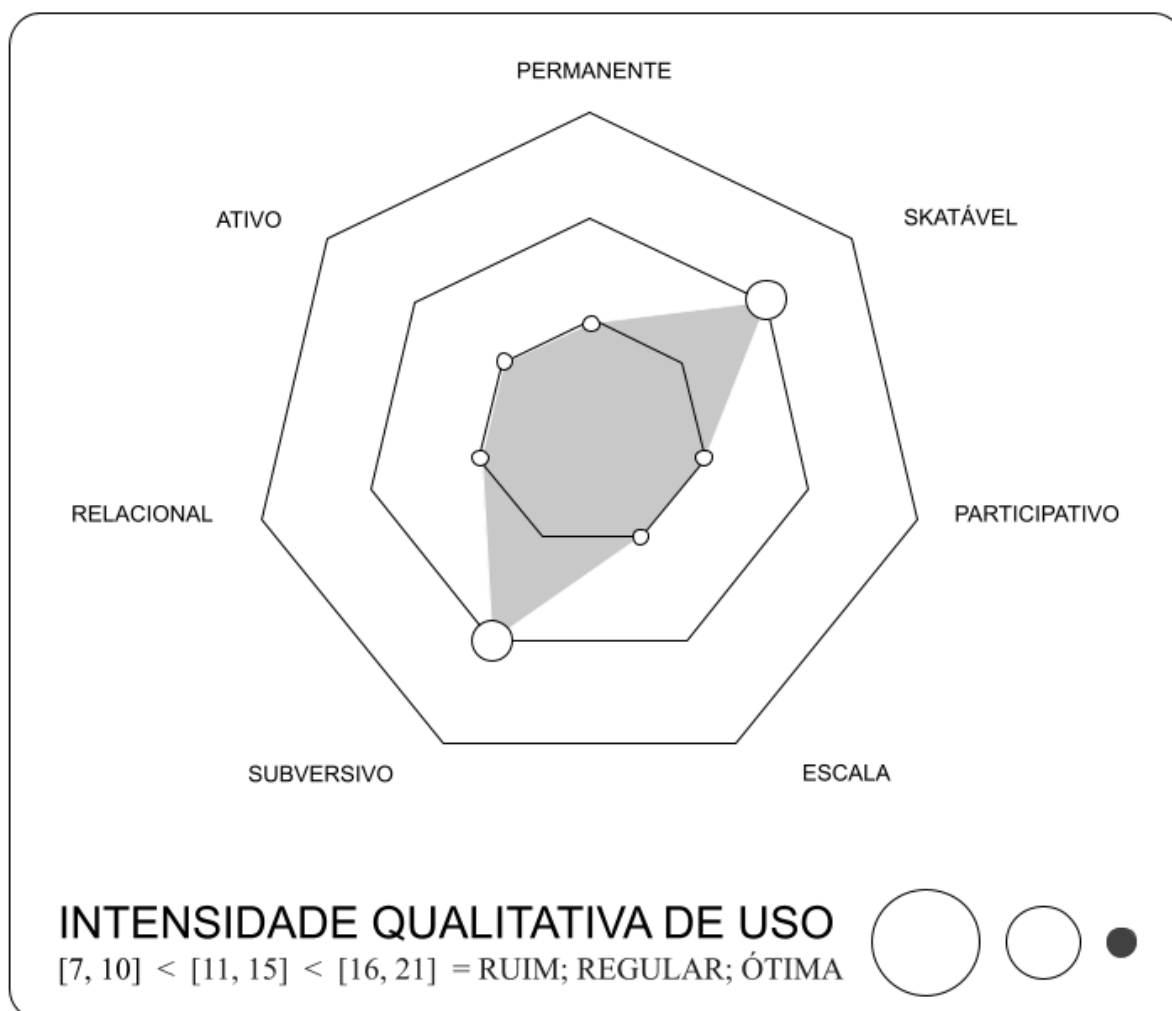
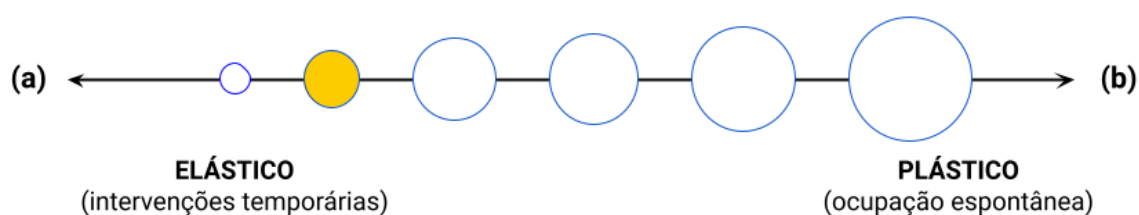
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

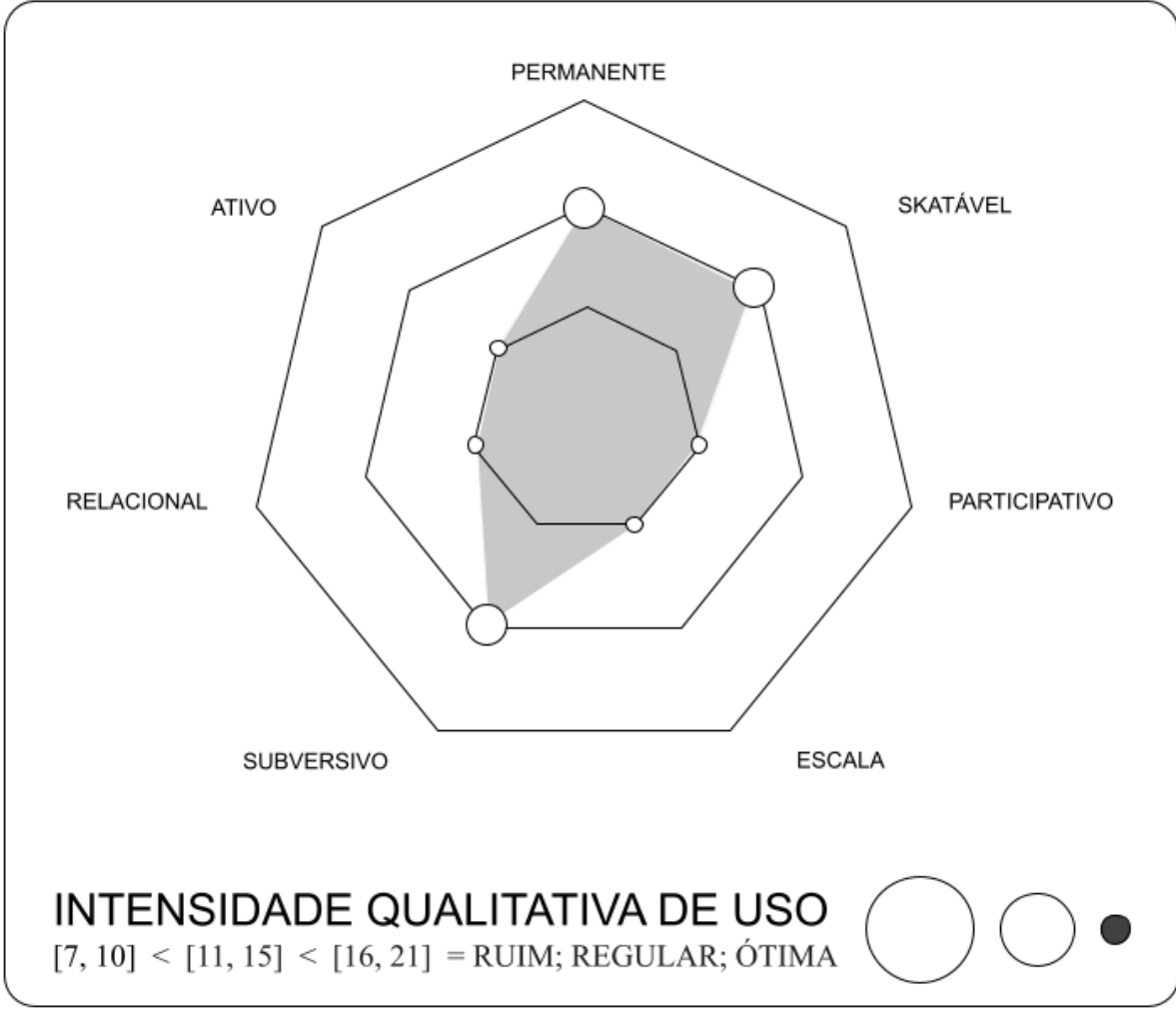
D3**BORDA DO POSTO DA NICOMEDES**

Morada da Colina [SETOR SUL]

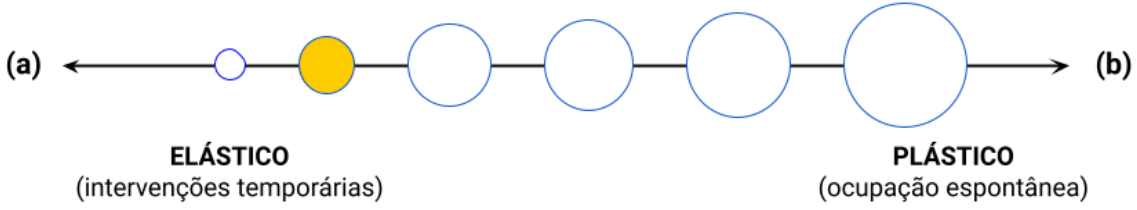
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D3

CENTRAL DE LÍNGUAS
Centro [REGIÃO CENTRAL]



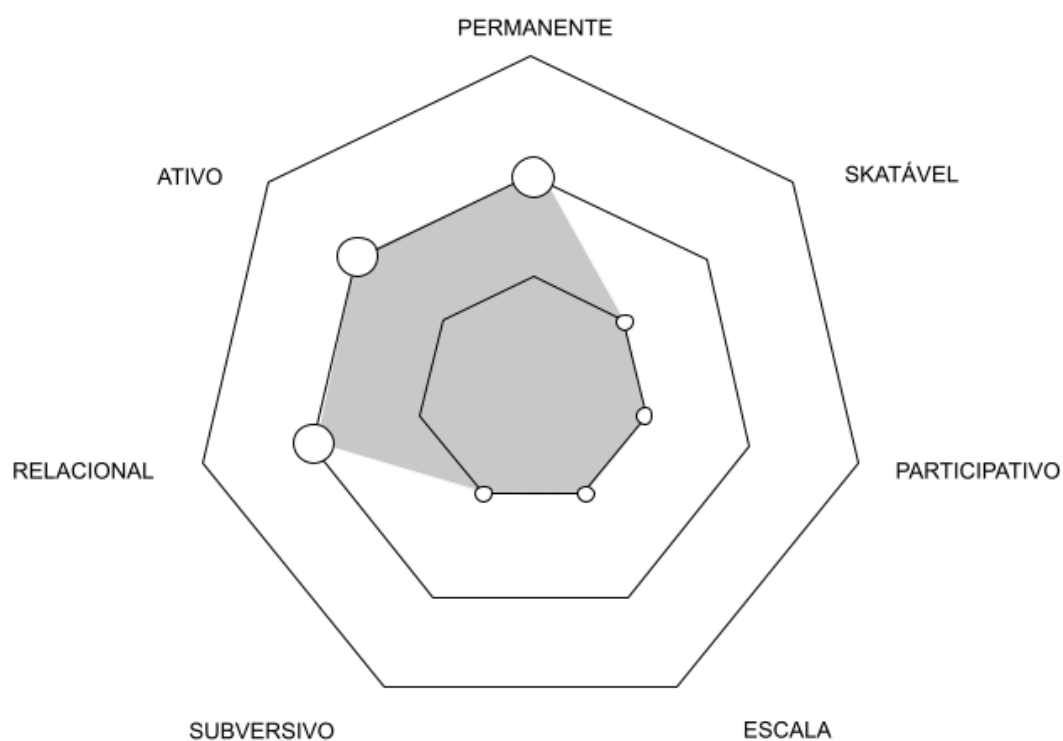
CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:



B4

PICO da CIDADE VERDE

Jardim Europa [SETOR OESTE]

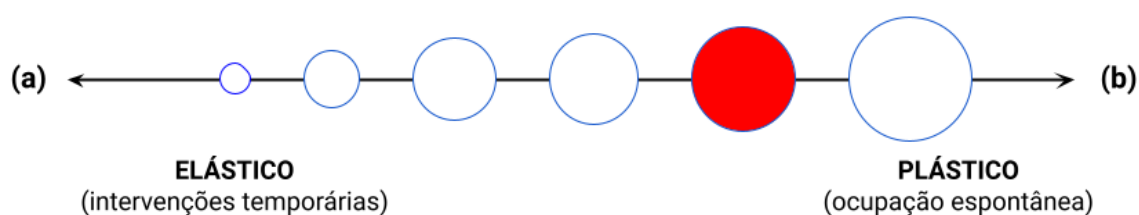


INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

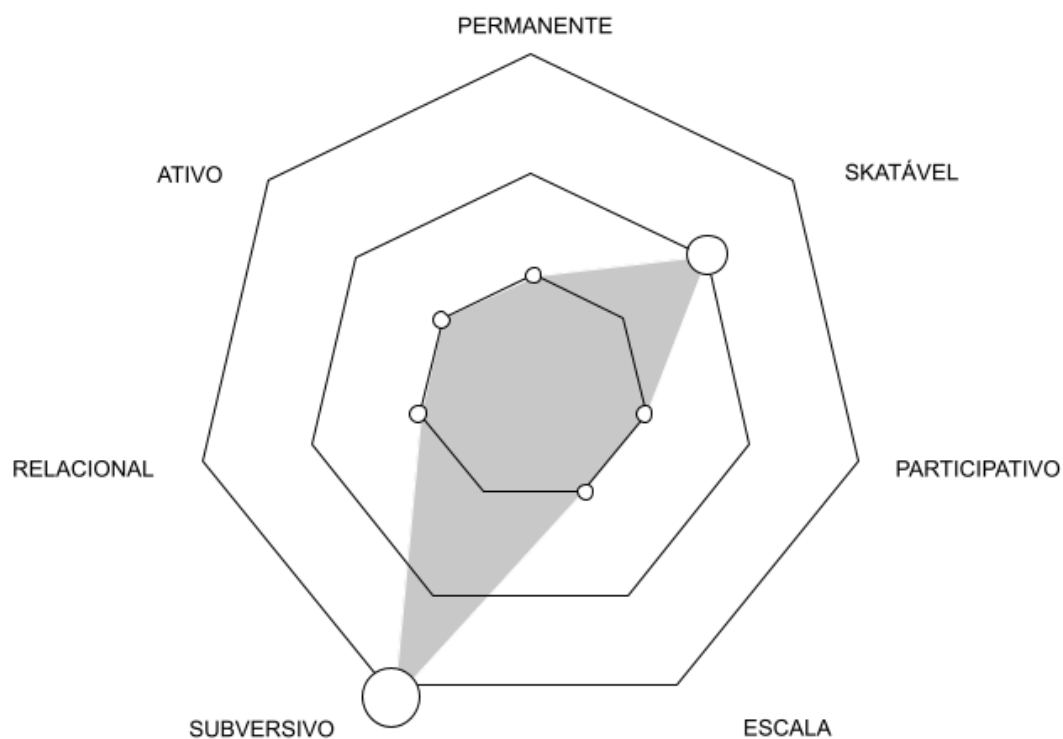


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

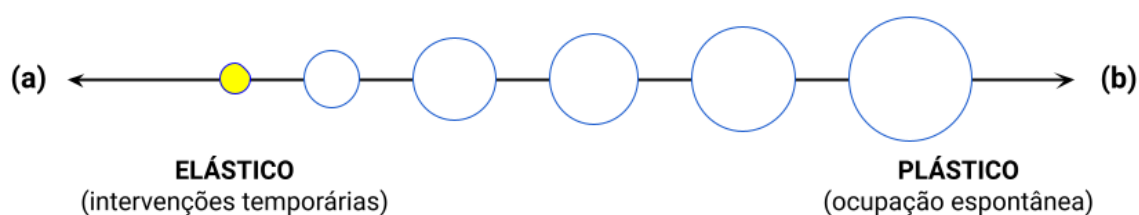


D3**ESTAÇÃO 02 JOÃO NAVES**

Av João Naves de Ávila [REGIÃO CENTRAL]

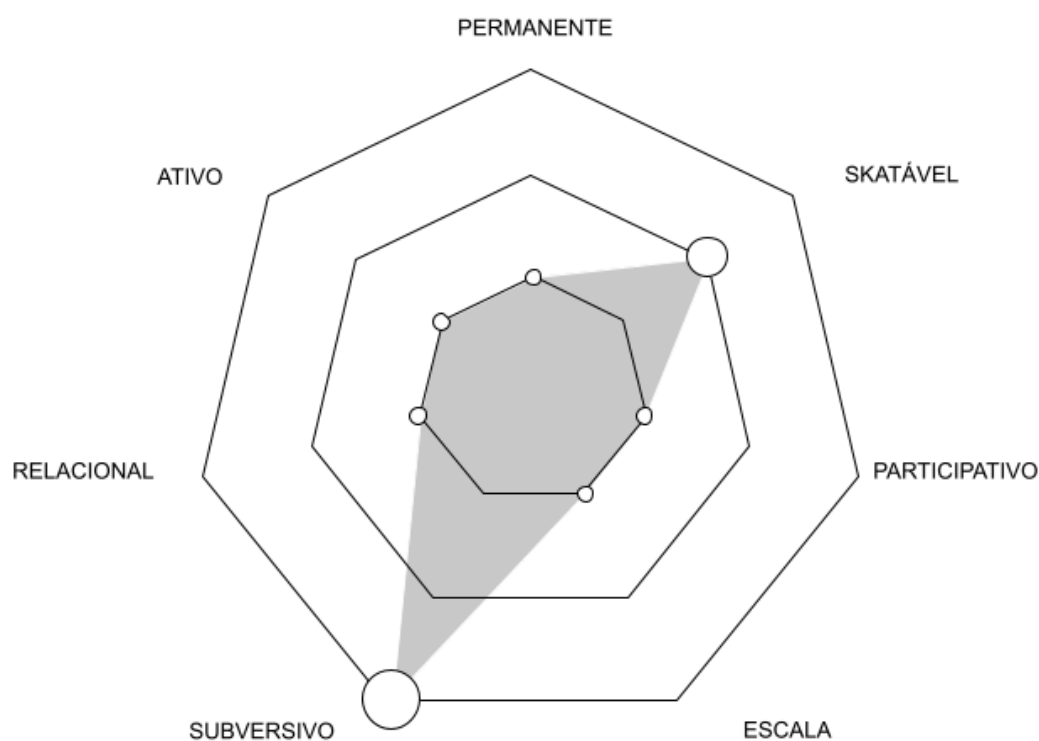
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

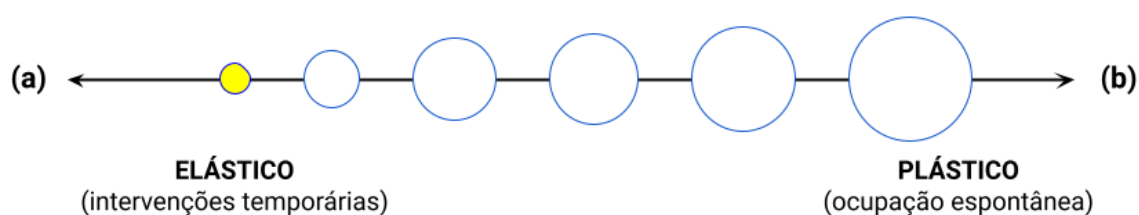
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

D2**GAP AV BALAIADA**

Marta Helena [SETOR NORTE]

**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

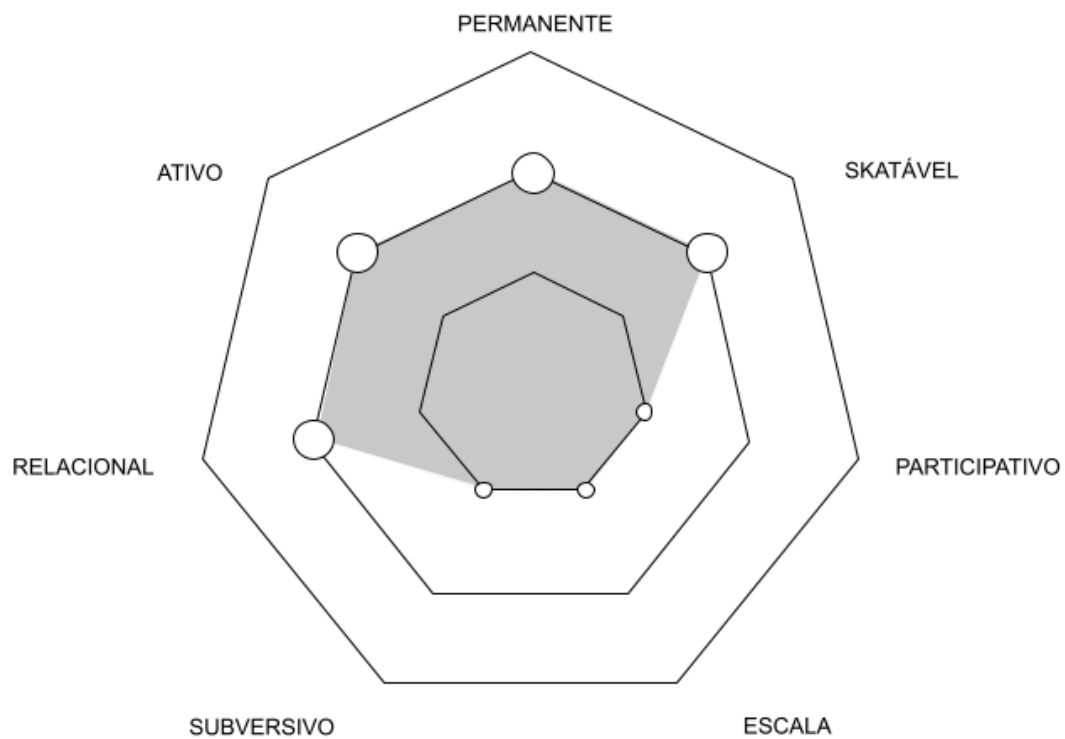
[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

B5

PICO do MONTE HEBRON

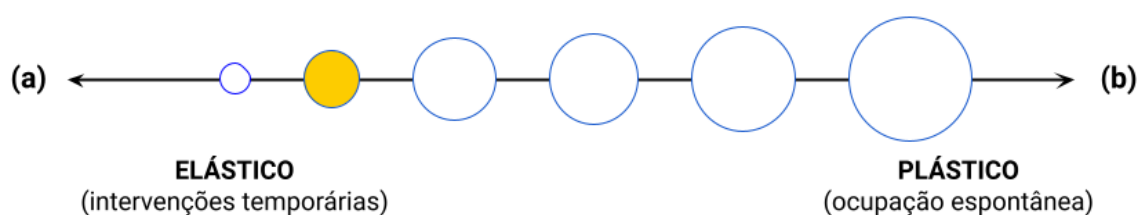
Monte Hebron[SETOR OESTE]



INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO
 [7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

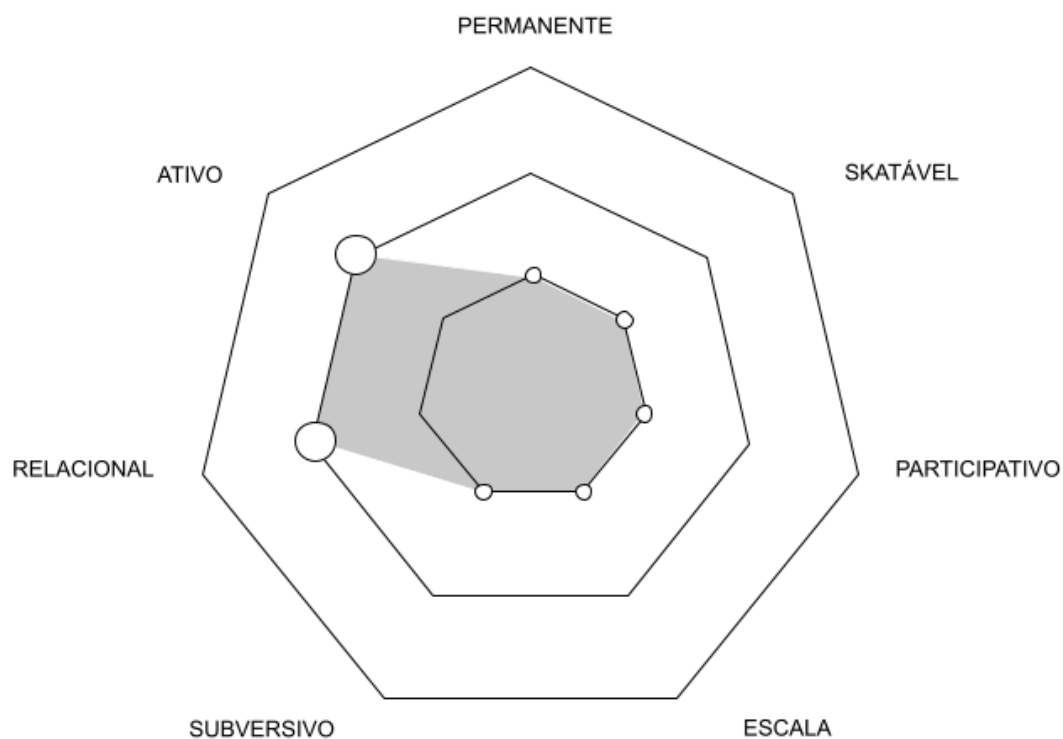


CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:

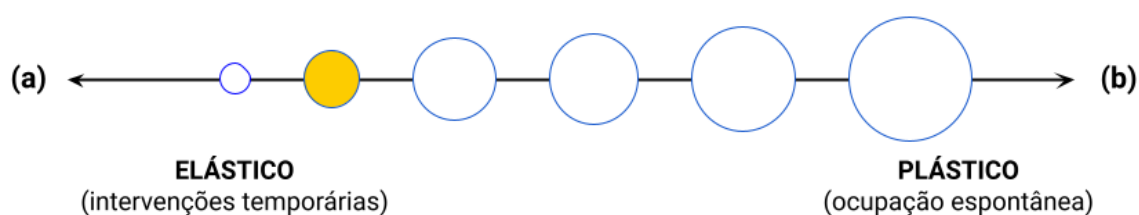


D3**PRAÇA NICOLAU FERES**

Martins [REGIÃO CENTRAL]

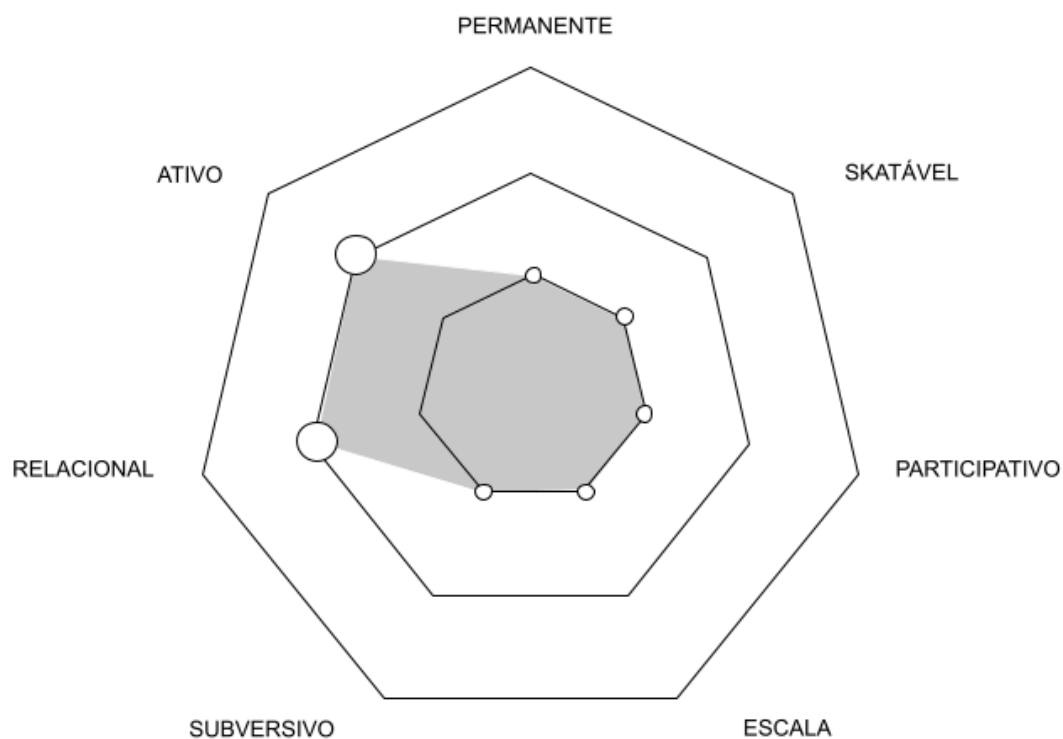
**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

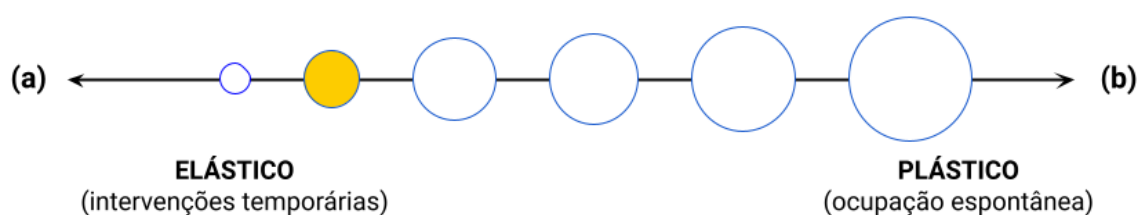
**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

C3**PRAÇA SÃO CRISTÓVÃO**

Tubalina [SETOR OESTE]

**INTENSIDADE QUALITATIVA DE USO**

[7, 10] < [11, 15] < [16, 21] = RUIM; REGULAR; ÓTIMA

**CATEGORIZAÇÃO DOS PICOS EM FUNÇÃO DO SEU PROCESSO CONSTRUTIVO:**

ANEXO B

Se a História é nossa, deixa que nós conta. Picos de rua - Uberlândia/MG

A memória histórica é um substrato para cultivar a reinterpretação do passado à luz das disputas de sentidos do presente. *“Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja em um momento de perigo.”* (BENJAMIN, 1985, p. 224)

A seguir, apresentamos uma iconografia dos picos e das as performances dos|as skatistas na cidade de Uberlândia/MG, do começo do século em diante. Essas ações|intervenções|ocupações são sempre mais ou menos efêmeras, porém com forte permanência na memória coletiva da cidade. Metodologicamente, essa iconografia é um extrato do acervo organizado pelo skatista veterano **F. Biscoito** e compartilhado pela plataforma Instagram, no endereço *@picosderua*. São fotografias e videografias que narram a História do skate de rua da cidade de Uberlândia/MG.



Figura a) - Frontside Nose Slide por @cyro.mirqnda7 na grade de proteção da casa das máquinas.

do Teatro Municipal Oscar Niemeyer. Sem data. Fotógrafo[a não identificado[a].
Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura b) - *Front Side Rock and Roll* por @beto.r.s.f em um D.I.Y. antigo à beira de uma rodovia próximo a Uberlândia. Sem data. Foto @diogoandradefotografo.
<Fonte <https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura c) - Ollie por @renzocolesanti para a revista @triboskate, Pico localizado na Av. Vasconcelos Costa, bairro Martins. Fotografia @diogoandrdefotografo. Sem data. Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024



Figura e) - *Hard Flip* por @franktattoonovaserrana para a revista @cemporcentoskate ano 14/ Edição 01/Março de 2009; primeira edição após a fusão da Revista Cemporcento Skate com a revista SKT. Foto @ivancruzzz. Pico em Uberlândia com localização desconhecida. Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura g) - *Rock to Fakie* por @luizflavio__ na construção da entrada principal do Teatro Municipal de Uberlândia. Sem data. Foto por @renejuniorfotografia Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura h) - *Back Side Crooked* por @thyagoribeirotr em uma de suas passagens por Uberlândia. Pico localizado na rua José Thomaz de Rezende, 509 - Osvaldo Rezende. . Sem data. Foto por @ferrerphoto <fonte <https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura i) - *360° Flip* por "Thiaguim" @hc_thiago para a revista @triboskate na praça Clarimundo Carneiro. Sem data. Foto @diogoandrdefotografo. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura j) - *Flipada* por @derickbruno_ na clássica escadaria do terminal central. Sem data. Fotógrafo|a desconhecido|a. Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura k) - *Big Flip* por @ricardoporva na transição de rua localizada na concessionária Use Motos da Yamaha, av. Floriano Peixoto. Foto @brunofelipe_nata. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.

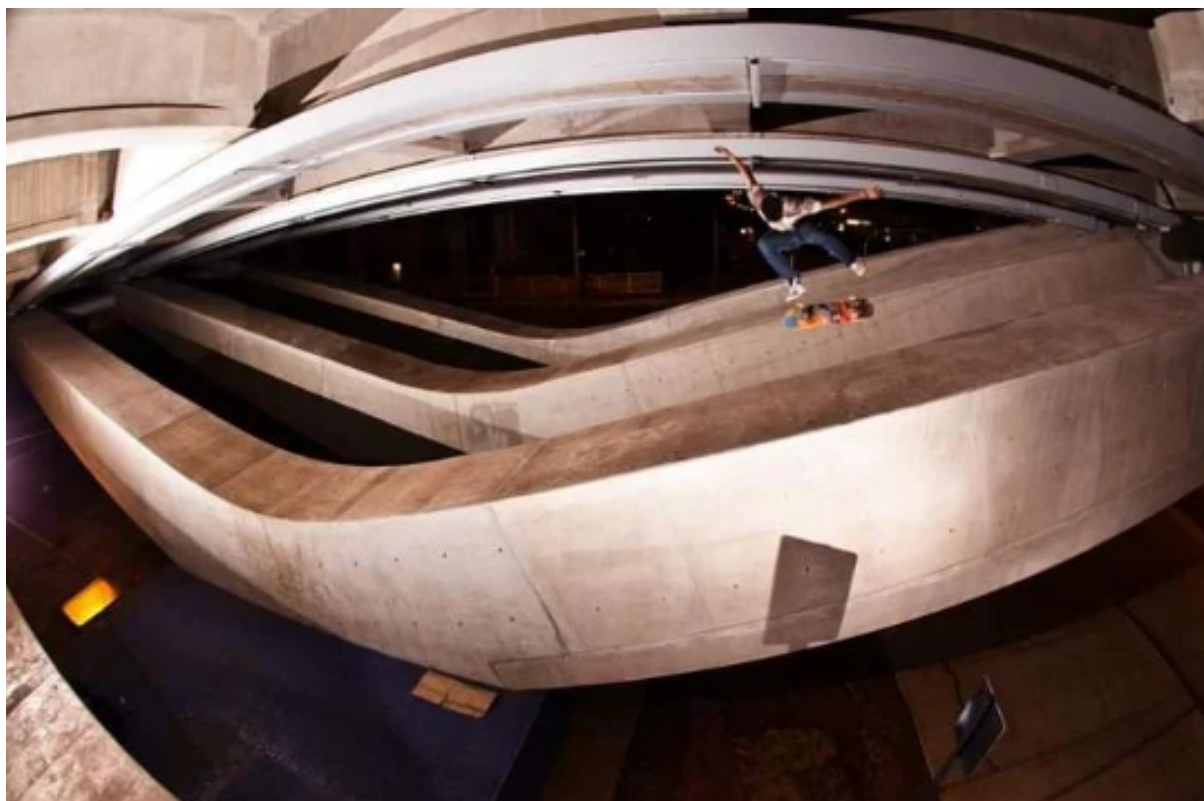


Figura I) - *Switch Hellflip* por @cyro.miranda7 para a revista @triboskate, na viga do viaduto da Av. João Naves com Av. Rondon Pacheco Sem data. Foto @diogoandradefotografo. Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura m) - *Flip* por @derickbruno_ no Viaduto da av Balaíadas, sentido novo @galpaoskateudiy 360. Foto @lukinhas.skt sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura p) - *Flip* por @latrel034 na escadaria da rua Blanche Galassi. Sem data. Fotógrafo[a] desconhecido[a]. Fonte <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura t) *Nose Stall* pela *Master Skate* @mabelbrazna, na praça Coronel Carneiro. Fotografia desconhecido|a. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura u) - *Flip* por @brunofelipe_nata na Escola Estadual Américo Rene Gianetti, bairro Tabajaras. Fonte:acervo BlackMedia, sem data.Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura v) - *Cabreirissimo gap to Frontside lipslide* por @ricardoporva. Localizado no bairro Osvaldo Rezende, Rua Lambari 160. Foto para a revista @cemporcentoskate por @fabianorodrigves. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura w) - *Varial hellflip* por @ricardoporva no *pico* localizado na av Vasconcelos Costa, foto por @ferrerphoto, sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura x) - *Bs fifty volta de transfer* por @felipesktguimaraes no corrimão quadrado da Estação 2 (SIT). Fotografia desconhecida. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura y) - *Frontside boneless em uma tentativa (kick out!)* por @oultimopunk. Condomínio Residencial Ilha Bella, localizado na Região Central. Fotografoja desconhecido|a. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura z) - Ollie por @034_reinalds no *Spinne de rua*, localizado no bairro Custódio Pereira na marginal da rodovia próximo ao Egypt Hall. Fotografia desconhecida. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura a') - *Hellflip to fakie no piso áspero e desafiador* por @ricardoporva, no viaduto próximo a Praça Sérgio Pacheco. Fotografia desconhecida. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.



Figura b') - *Switch hell* severo por @mucuinsta_skt na Praça da Nicomedes. Fotografia desconhecida. Sem data. Fonte: <<https://www.instagram.com/picosderua>> acessado em 22/07/2024.

*

Você não para de andar de skate quando fica velho, você fica velho quando para de andar de skate.

Jau Adans 1961 - 2014